

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL**

**O MOVIMENTO JUVENIL NO RECIFE: O
FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE
COM A PALAVRA**

JULIENE TENÓRIO DE ALBUQUERQUE



**Recife
2008**

JULIENE TENÓRIO DE ALBUQUERQUE

**O MOVIMENTO JUVENIL NO RECIFE:
O FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE
COM A PALAVRA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social, sob orientação do Prof. Dr. Denis Antônio de Bernardes Mendonça.

Recife-PE

2008

Albuquerque, Juliene Tenório de

O movimento juvenil no Recife : o fórum das juventudes Recife/PE com a palavra / Juliene Tenório de Albuquerque. - Recife : O Autor, 2008.

164 folhas : abrev. e siglas.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Serviço Social, 2008.

Inclui bibliografia e apêndice.

1. Juventude – Recife. 2. Movimentos sociais – Recife. 3. Movimentos da juventude – Recife. I. Título.

364.46	CDU (1997)	UFPE
361	CDD (22.ed.)	CSA2009-088



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE MESTRADO

Ata da 245ª Defesa de Dissertação do Curso de Mestrado em Serviço Social, realizada no Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Pernambuco.

Às Nove horas e trinta minutos do dia dezesseis de dezembro do ano de dois mil e oito, no Anfiteatro do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Pernambuco, em sessão pública, teve início a defesa de dissertação intitulada: **"O MOVIMENTO JUVENIL NO RECIFE: O FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE com a palavra"**, de autoria de **Juliene Tenório de Albuquerque**, a qual já havia preenchido todas as demais condições exigidas para obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social. A Banca Examinadora aprovada pelo Colegiado do Curso e homologada pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, processo número **23076.025129/2008-16**, foi constituída por: **Professor Dênis Antônio de Mendonça Bernardes, Doutor em História Social**, Orientador e Examinador Interno; **Professora Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, Doutora em Psicologia Social**, Examinadora Interna; **Professor Luiz Anastácio Momesso, Doutor em Ciências da Comunicação**, Examinador Externo; **Professora Mônica Rodrigues Costa, Doutora em Serviço Social**, Suplente Externa; **Professora Maria Alexandra da Silva Monteiro Mustafá, Doutora em Filosofia**, Suplente Interna. Na qualidade de Orientador, o professor Dênis Antônio de Mendonça Bernardes presidiu os trabalhos e após as devidas apresentações, convidou a candidata a discorrer sobre o conteúdo da Dissertação. Concluída a apresentação, a candidata foi argüida pela Banca Examinadora, que após as devidas considerações finalizou os trabalhos e decidiu aprovar..... a dissertação com as seguintes menções: **Prof. Dênis Antônio de Mendonça Bernardes: aprovada**.....; **Prof. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro: aprovada**..... e **Prof. Luiz Anastácio Momesso: aprovado**..... E para finalizar, lavrei a presente ata que será assinada por mim e por quem de direito. Recife, 16 de dezembro de 2008.

BANCA:

Dênis Antônio de Mendonça Bernardes
Prof. Dr. Dênis Antônio de Mendonça Bernardes

Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro
Prof. Dr. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro

Luiz Anastácio Momesso
Prof. Dr. Luiz Anastácio Momesso

MESTRE:

Juliene Tenório de Albuquerque
Juliene Tenório de Albuquerque

*Às minhas mães, **Solange e Selma.***

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é uma obra coletiva. É fruto de muitas reflexões, conversas e negociações no processo de construção do conhecimento e nas relações estabelecidas com diferentes sujeitos. Sendo assim, gostaria de agradecer às pessoas que contribuíram com este estudo, mas, acima de tudo, que caminharam junto comigo nesta fase da minha vida.

Ao meu Deus pela força, orientação e sustento nos caminhos percorridos, nos momentos de desânimo, de dúvidas e por sua presença constante.

Ao meu marido, Edson, e minha filha, Júlia, por entender minhas ausências, agüentar meus “estresses” e me fazer lembrar que minha vida não se resumia ao mestrado. Amo vocês!

À minha família, que tanto amo: minhas mães, Solange e Selma, meus irmãos, minhas tias e primas(os) pela força, apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida. Em especial, a Guto, por sempre investir e acreditar nos caminhos que escolhi trilhar.

Ao meu pai (em memória) por sua vida, seu amor e pelas saudosas lembranças.

Aos amigos(as): Marina Gondim, pelas orientações, leituras e correções da dissertação; Helena Padilha, minha amiga e “assessora para assuntos especiais” pela criação da arte da dissertação.

À minha turma de mestrado (2006-2008) pela cumplicidade e companheirismo. Principalmente, Rosineide Gonçalves, Macelani Renata, Fabiana Gomes e Paula Grunpeter, porque mais do que conhecimento,

construímos, de forma muito coletiva e intensa, sonhos, esperanças e uma amizade pra toda vida.

Aos jovens do *Fórum das Juventudes Recife/PE* pela acolhida, pelas conversas, pelas trocas, pela permissão em entrar em suas vidas e conhecer suas histórias. Tomando emprestada a saudação do meu amigo Chiquinho, pra vocês, “um beijo de sol e um abraço de lua”...

Aos amigos(as) e companheiros(as) que fizeram e fazem parte da *Roda Permanente de Diálogo sobre Juventude e Políticas Públicas* por compartilhar os sonhos e as lutas na construção de um mundo melhor.

À ETAPAS por oportunizar as experiências de trabalho com jovens e pela utilização do espaço para as entrevistas.

Aos companheiros(as) da *GERART-Gerência de Articulação da Secretaria Especial de Juventude e Emprego* pelas contribuições e ajuda nos momentos finais.

Ao Prof. Dr. Denis Bernardes, pelas ricas orientações, pela compreensão, pelos momentos de escuta e pela confiança.

Aos Professores: Prof^a. Dr^a. Rosineide Cordeiro (Pós-Graduação em Serviço Social), pelas muitas conversas sobre os movimentos sociais, sobre a dissertação e por apresentar a pesquisa e seus processos com tanta paixão; Prof. Dr. Benedito Medrado (Pós-Graduação de Psicologia Social) pelas contribuições; Prof. Dr. Luiz Momesso (Comunicação Social-UFPE), Prof^a. Dr^a. Alexandra Mustafá e Prof^a. Dr^a. Mônica Costa (Pós-Graduação em Serviço Social), por compor a banca e pelas valiosas considerações.

Ao *Departamento de Pós-Graduação em Serviço Social* pelas contribuições para realização deste estudo. Ao CNPQ- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão da bolsa.

RESUMO

Este estudo analisa o movimento juvenil no Recife, a partir da experiência do Fórum das Juventudes Recife/PE. Criado em 2003, o Fórum das Juventudes é resultado da articulação, proposta pelo Departamento de Atividades Culturais e Desportivas (DACD), da Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife, entre jovens, alunos das escolas municipais e integrantes de movimentos juvenis. Motivados em conhecer a versão dos(as) jovens que integram e integraram o Fórum, nos propomos a compreender o processo de organização e atuação do movimento juvenil no Recife, na contemporaneidade. A metodologia utilizada constou de entrevistas semi-estruturadas, análise das mensagens do Fórum virtual e de documentos, produzidos pelo movimento. Concluímos que o movimento juvenil, no seu processo de organização e atuação, tem como principal luta o reconhecimento enquanto sujeito político por parte dos outros movimentos juvenis, movimentos sociais, Organizações Não-Governamentais, Estado e família.

Palavras-chaves: Juventude, Movimentos Sociais, Movimento Juvenil

ABSTRACT

This study examines the youth movement in Recife, from the experience of the Youth Forum of Recife / PE. Created in 2003, the Forum of Youth is the result of the joint, proposed by the Department of Cultural Activities and Sports (DACD) of the Education Department of the Prefecture of Recife, among young people, students of municipal schools and members of youth movements. Driven to know the version of (the) young people who joined the forum and integrate, we propose to understand the process of organization and performance of the youth movement in Recife, in the contemporary. The methodology consisted of semi-structured interviews, analysis of the messages of the virtual forum, fojuve, and documents produced by movement. We conclude that the youth movement, in its organization and performance, is to fight for recognition as a political entity from other youth movements, social movements, nongovernmental organizations, state and family.

Key words: Youth, Social Movements, Youth Movement

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABONG- Associação Brasileira de Organização Não Governamental
AD- Análise do Discurso
CEJUVENT- Comissão Destinada a Estudar e Propor Políticas Públicas de Juventude
CIELA- Centro Interuniversitário de Estudos da América Latina, África e Ásia
CNPQ- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONJUVE- Conselho Nacional de Juventude
CPT- Comissão Pastoral da Terra
CSJ- Consórcio Social da Juventude
DACD- Departamento de Atividades Culturais e Desportivas
DHESCAS- Direitos Humanos, Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais
DRT- Delegacia Regional do Trabalho
EMTU- Empresa Metropolitana de Transporte Público
ETAPAS- Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social
EUA- Estados Unidos da América do Norte
FALE- Fórum de Acesso Livre ao Estudante
FJR- Fórum das Juventudes Recife/PE
FNOMJ- Fórum Nacional de Organizações e Movimentos Juvenis
FSB- Fórum Social Brasileiro
FSM- Fórum Social Mundial
FSN- Fórum Social Nordeste
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDJ- Índice de Desenvolvimento Juvenil
JEAC- Jovens, Educação e Animação Cultural
MAB- Movimento de Adolescentes do Brasil
MCBL- Movimento Cultural Boca do Lixo
MST- Movimento dos Sem-Terra
NEPSO- Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião

OAB- Ordem dos Advogados do Brasil
ONG- Organização Não Governamental
ONU- Organização das Nações Unidas
PC do B- Partido Comunista do Brasil
PCF- Partido Comunista Francês
PCR- Prefeitura da Cidade do Recife
PE- Pernambuco
PNPE- Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego para Jovens
PPJ- Políticas Públicas de Juventude
PREZEIS- Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social
PROJOVEM- Programa Integrado de Juventude
PRONASCI- Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania
PT- Partido dos Trabalhadores
RMR- Região Metropolitana do Recife
RPA- Região Político-Administrativa
RPG- Reeducação Postural Global
RS- Rio Grande do Sul
UFPE- Universidade Federal de Pernambuco
UJS- União da Juventude Socialista
ZEIS- Zonas Especiais de Interesse Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A importância do estudo sobre Movimento Juvenil	14
2. Aproximações com o campo-tema da Juventude, dos Movimentos Juvenis	17
3. Definindo os objetivos, os caminhos, a pesquisa	20
4. As contribuições do estudo sobre o Movimento Juvenil	22
5. Sobre os capítulos desta dissertação	23
6. Sobre a utilização do “nós” no texto desta dissertação	23
7. Sobre as frases utilizadas no início dos capítulos	24
CAPÍTULO 1:	
O PROCESSO DE PESQUISA	25
1.1 Os aprendizados com relação à pesquisa	26
1.2 A escolha da Pesquisa Qualitativa	26
1.3 O trabalho de campo	29
1.4 As escolhas metodológicas	31
1.4.1 As entrevistas	31
1.4.2 O Fórum virtual	34
1.4.3 Documentos de domínio público	35
1.5 A análise da pesquisa	36
1.6 Outras considerações sobre o processo de pesquisa	37
CAPÍTULO 2:	
O MOVIMENTO JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE	39
2.1 Conceituando Juventude	40
2.2 A ação da juventude na história brasileira – dos anos 1960 aos dias atuais	43
2.3 Os movimentos sociais na contemporaneidade	48
2.4 O movimento juvenil	54
2.5 A organização do movimento juvenil na contemporaneidade	58
CAPÍTULO 3:	
A HISTÓRIA DO FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE	63
3.1 Considerações sobre o registro da história do Fórum das Juventudes Recife/PE	64
3.2. A história do Fórum das Juventudes Recife/PE	65
3.2.1. Construindo um sonho: a articulação entre Jovens, Estado e ONGs	65
3.2.2. Organizando o movimento: “O Fórum das Juventudes Recife/PE: uma experiência de autogestão em construção	72
3.2.3. A articulação juvenil no processo de construção de Políticas Públicas de Juventude	77
3.2.4. A experiência da Ouvidoria Jovem e da Casa da Juventude do Consórcio Social da Juventude	80
3.2.5. O Fórum das Juventudes hoje: interrupção da experiência	85

CAPÍTULO 4:	
A DINÂMICA DE ATUAÇÃO DO FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE: O QUE OS(AS) JOVENS DIZEM A RESPEITO?	88
4.1. O que levar em consideração?	89
4.2. A composição e o funcionamento do Fórum das Juventudes Recife/PE	90
4.3. Pelo quê luta o Fórum das Juventudes Recife/PE	96
4.4. As dificuldades enfrentadas pelo Fórum das Juventudes Recife/PE	100
4.4.1 Questões econômicas: a dificuldade em conciliar a necessidade de sobrevivência com a militância	100
4.4.2. A própria militância: a relação com a família e as necessidades pessoais	105
4.4.3. A falta de estrutura do Fórum das Juventudes Recife/PE	110
4.5. As conquistas do Fórum das Juventudes Recife/PE	114
4.6. A relação do Fórum com outros sujeitos sociais	117
4.6.1. Com jovens “não organizados”	121
4.6.2. Com outras expressões dos Movimentos Juvenis	125
4.6.3. Com outros Movimentos Sociais	127
4.6.4. Com as Organizações Não Governamentais	129
4.6.5. Com Estado	133
4.7. O significado do Fórum para os(as) jovens	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
FONTES DE PESQUISA	142
REFERÊNCIAS	
APÊNDICES	143
Apêndice 01: Roteiro de entrevista	
ANEXOS	
Anexo 01: Carta de Princípios Fórum das Juventudes Recife/PE (2003)	
Anexo 02: Carta Aberta do Fórum das Juventudes Recife/PE (2008)	

INTRODUÇÃO

*Um sonho que se sonha só é só um
sonho que se sonha só...
Mas um sonho que se sonha junto é
realidade.
Martin Luther King*

1. A importância do estudo sobre Movimento Juvenil

Juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas (ABRAMO, 2005, p 37).

De fato, muito se tem falado sobre a juventude nos últimos anos. Por parte dos meios de comunicação de massa, das pesquisas acadêmicas, dos debates públicos, do Estado e da sociedade em geral, a juventude tem ganhado visibilidade.

O que se justifica do ponto de vista demográfico, já que os indivíduos na faixa etária que vai dos 15 aos 29 anos¹, segundo dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006), totalizam 50,5 milhões de pessoas, representando um quarto da população geral². Do qual, segundo o CONJUVE (2008, p.6), “esse grupo etário nunca foi (nem será, desde que se mantenham as tendências demográficas) tão numeroso, em termos absolutos, como é hoje”.

Esses jovens constituem um segmento para o qual se volta o mercado, através dos meios de comunicação de massa- televisão, imprensa, rádios, revistas- que dirigem produtos específicos para os(as) jovens. Abramo (1997) destaca os cadernos teens nos grandes jornais, programas de auditório e de

¹ O Conselho Nacional de Juventude- CONJUVE considera como jovens, os indivíduos que se encontram na faixa etária que vai dos 15 aos 29 anos, estabelecendo as seguintes divisões: adolescentes- jovens (entre 15 e 17 anos), os(as) jovens- jovens (entre 18 e 24 anos), e os(as) jovens- adultos (entre 25 e 29 anos) (CONJUVE. 1ª Conferência Nacional de Juventude: Levante sua bandeira. Documento base. Brasília, 2008).

² O Brasil é responsável por cerca de 50% dos(as) jovens da América Latina e 80% dos(as) jovens dos países do Cone Sul (CEJUVENT, 2004).

músicas, como rap e funk, nos canais de televisão e rádios, assim como revistas de comportamento, moda e aconselhamento.

Por outro lado, essa visibilidade também é resultado dos problemas econômicos e sociais vivenciados pelos(as) jovens. São eles(as) que sofrem as expressões da questão social de forma mais aguda e preocupante, no que diz respeito, principalmente, à educação, ao desemprego ou à participação no mercado informal, e à violência.

De acordo com o IDJ- Índice de Desenvolvimento Juvenil³, as condições socioeconômicas do mundo globalizado constituem “cenários significativamente comprometedores para o processo de integração e inclusão social dos(as) jovens” (WAISELFISZ, 2007, p. 10), dos quais destacamos os seguintes dados⁴:

No que diz respeito à educação, a taxa de analfabetismo juvenil representa 2,2% da população, totalizando 750 mil jovens excluídos de um dos direitos fundamentais. O Nordeste é a região que mais preocupa, pois do número de jovens analfabetos do país, a região concentra 64,4%, o que significa mais de 483 mil jovens nordestinos analfabetos(as)⁵.

Estão fora das salas de aula mais da metade dos(as) jovens brasileiros, 53,1%. E os(as) que freqüentam a escola, 46,3% dos(as) jovens brasileiros, destes 33,1% encontram-se matriculados a partir do ensino médio, o que indica uma distorção idade/série.

Quanto às atividades dos(as) jovens, 29,1 % dos(as) jovens só estudam, 33,2% só trabalham, 17,7% estudam e trabalham, 19,9% não estudam nem trabalham.

³ O IDJ- Índice de Desenvolvimento Juvenil consiste em um indicador sintético que busca refletir as condições de vida e as possibilidades de acesso da juventude brasileira a benefícios sociais, como educação, saúde e renda. Para sua construção, o IDJ utiliza as seguintes fontes: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE até 2006/2007; o Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/SVS/MS) até 2006; e o Sistema Brasil/SAEB 2007 (WAISELFISZ, 2007). O IDJ é, hoje, o indicador utilizado para monitorar a execução e os resultados dos programas voltados para a juventude do Governo de Pernambuco.

⁴ O IDJ 2007 tem como referência para a juventude a faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos, de acordo com a ONU- Organização das Nações Unidas, apesar do Brasil ter alargado a definição da juventude para a faixa etária dos 15 aos 29 anos.

⁵ Pernambuco concentra 11,3%, ou seja, 84 mil jovens analfabetos(as), tendo apenas 4,9% dos(as) jovens do país (WAISELFISZ, 2007).

Mas a mortalidade dos(as) jovens é o item que mais tem gerado preocupação. As causas da mortalidade são divididas em duas modalidades: 1) Causas externas, subdivididas em: homicídios, acidentes de transporte e suicídio; 2) Causas endógenas ou naturais, causadas por algum tipo de enfermidade ou doença.

As causas endógenas representam 27,2% das mortes entre os(as) jovens, quando na população em geral essa taxa é de 90,2%. Tem ligação direta com a qualidade dos serviços de saúde oferecidos para a população e às precárias condições de habitabilidade, visíveis nas péssimas condições de moradia, na falta de saneamento básico, dentre outras, o que significa que muitas dessas mortes poderiam ser evitadas (WAISELFISZ, 2007).

Já as causas externas, representam 72,8% da mortalidade juvenil, quando a taxa de mortalidade da população nessa modalidade é de 9,8%. Destacamos que dos óbitos por causas violentas entre os(as) jovens, 90% são formados por homens e negros⁶.

A violência vivida e protagonizada pelos(as) jovens resulta no marco geracional, principalmente, dos(as) homens jovens pobres e negros, a saber: o medo da morte prematura (Novaes, 2003).

Esse quadro desalentador⁷, nos faz lembrar da afirmação de Herrera (2006, p.5), ao falar dos(as) jovens pobres da França:

São jovens, para os quais, a sociedade capitalista nada oferece: nem condições habitacionais decentes, nem educação que leve a emprego estável, nem esperança de avanço social, nem reconhecimento satisfatório; e nem sequer quer ouvi-los.

A juventude brasileira, por sua vez, vivencia estes problemas de forma mais grave gerando, por um lado, a visão da juventude como problema social, que precisa ser controlada e domesticada pelo Estado e pelos adultos, mas, por outro lado, resulta na criação de ações, programas e projetos, por parte do Estado, das Organizações Não-Governamentais, das Fundações Empresariais e das Agências de Cooperação Internacional, onde muitos deles buscam

⁶ Em Pernambuco, a média de mortalidade por causas violentas entre os(as) jovens chega a 124,1% em 1000.000 jovens (WAISELFISZ, 2007).

⁷ De acordo com o IDJ 2007, Pernambuco foi considerado o segundo estado pior do país para a juventude, perdendo apenas para Alagoas (WAISELFISZ, 2007).

contribuir na formação dos(as) jovens, na perspectiva de que eles(as) encontrem soluções para “seus problemas”.

No entanto, além do contingente numérico e dos problemas que afetam os(as) jovens, outra questão chama atenção na atualidade, sobre a qual nos dedicamos neste estudo: a organização juvenil.

Sobre essa organização, os entendimentos vão desde a manutenção dos estereótipos de que a juventude atual é apática, desmobilizada e consumista⁸, à defesa de que os(as) jovens tem se organizado de forma diferente dos modelos de organização e participação política tradicionalmente consagrados.

Embora ainda se mantenha a valorização da atuação política do movimento juvenil dos anos 1960 e 1970, diante das transformações sociais, econômicas e políticas que ocorreram com a redemocratização do país, com a adoção das políticas neoliberais, com a globalização, é possível ver diferenças no movimento juvenil, mas também nos movimentos sociais e na organização da sociedade.

Sobre essa valorização, compartilhamos da idéia de Urrresti (2000), que diz que, não se trata de comparar gerações, é preciso entender os momentos históricos em que vivem gerações diferentes.

Sendo assim, consideramos importante o registro e a análise de uma experiência real de movimento juvenil contemporâneo, com todas as suas potencialidades, suas dificuldades, seus limites, seus dilemas, seus conflitos, na perspectiva de contribuir com a reflexão do movimento.

2. Aproximações com o campo-tema da Juventude, dos Movimentos Juvenis

A aproximação com o tema de estudo se deu por motivações profissionais e pessoais. Do ponto de vista profissional, a aproximação ocorreu de diferentes formas: através do trabalho de formação profissional e política,

⁸ Com a divulgação dos dados da Pesquisa Retratos da Juventude Brasileira, realizada pelo Instituto Cidadania, em 2004, duas matérias chamaram atenção: “Surpresa! A juventude brasileira é careta” na capa da Revista Isto É, edição nº 1.804, de 05.05.04, e “A juventude conservadora que ama a família”, jornal O Globo, 02.05.04, p. 16,17.

realizada junto a jovens, moradores(as) das áreas ZEIS⁹ da cidade do Recife, enquanto educadora da ONG ETAPAS¹⁰- Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social; em virtude da participação nas discussões sobre juventude e políticas públicas, suscitadas pela *Roda Permanente de Diálogo sobre Juventude e Políticas Públicas*; pelo envolvimento nos processos de construção e discussão de políticas públicas de juventude, sob responsabilidade tanto do Estado, como da sociedade civil.

A participação nestes processos de discussão e construção de PPJ, bem como o conhecimento e a relação que estabelecemos com diferentes jovens, movimentos juvenis e instituições que trabalham com jovens nos possibilitaram um conhecimento prático e político sobre a juventude e sua atuação política, que necessitava de aprofundamento teórico.

Nossa motivação pessoal, ao decidir prestar seleção para o mestrado, foi muito relacionada à necessidade de que era preciso aliar à experiência profissional, o conhecimento teórico sobre o assunto, na perspectiva de contribuir tanto com a atuação profissional, quanto com a reflexão sobre a organização da juventude na contemporaneidade.

No âmbito do Serviço Social, a juventude tem ganhado espaço nos planos de trabalho dos(as) assistentes sociais, principalmente, nos programas e projetos voltados à formação política e à qualificação profissional, em especial, para os(as) jovens em “situação de vulnerabilidade social”. Os estudos sobre a temática, por sua vez, ainda são poucos e, muitas vezes, voltados para às questões problemáticas vivenciadas pelos(as) jovens.

Mas o que estudar? Qual o objeto do estudo? Sabíamos que o tema era sobre o movimento juvenil. Mas qual era a sua especificidade?

Em um primeiro momento, optamos pela avaliação do *Programa Consórcio Social da Juventude*, executado na Região Metropolitana do Recife, em 2005. Na execução, alguns grupos juvenis participaram do programa, dentre eles, o *Fórum das Juventudes Recife/PE*, através da criação da Ouvidoria Jovem e da Casa da Juventude. E que, por tantas razões, que não

⁹ Zonas Especiais de Interesse Social

¹⁰ www.etapas.org.br

nos cabe aprofundar agora, gerou tensões entre os(as) jovens, as ONGs e o Estado.

Mesmo achando importante a avaliação deste programa, ao sermos questionadas sobre o que nos incomodava, o que nos motivava para estudar a temática, durante as disciplinas de metodologia e nas orientações, não havia relação com a definição de pesquisa. O que nos motivava, na verdade, era entender a atuação, a organização destes grupos juvenis nesta experiência.

No processo de buscar a clareza de nossas definições, aprofundamos os estudos sobre a juventude, fazendo uma relação dos movimentos juvenis com os movimentos sociais. A partir da pesquisa bibliográfica identificamos que a produção acadêmica sobre movimento juvenil concentrava-se no movimento estudantil ou em movimentos culturais, protagonizados por jovens.

Mas, em nossa trajetória profissional, havíamos identificado movimentos juvenis que tinham uma atuação política, que não se limitava à escola, ou mesmo, ao âmbito da cultura.

Como esse tipo de movimento juvenil no Recife se destacou no processo de construção de Políticas Públicas de Juventude, pensamos em dedicar-nos a analisar a atuação dos movimentos juvenis que participaram da *Roda Permanente de Diálogo sobre Juventude e Políticas Públicas*, no período de 2004 a 2006. O que foi questionado pela banca de qualificação, diante do nosso envolvimento neste espaço.

A partir das contribuições dos professores(as), das produções de juventude, e das nossas inquietações, percebemos que, nos momentos e nos espaços que havíamos definido, tanto no Consórcio Social da Juventude quanto na *Roda de Diálogo*, um movimento nos chamava atenção, diante de sua atuação e dos comentários que ouvíamos sobre ele: o *Fórum das Juventudes Recife/PE*.

O *Fórum das Juventudes* foi criado, a partir de uma articulação entre jovens, alunos(as) das escolas municipais do Recife e integrantes de movimentos juvenis, na perspectiva de ampliar a organização juvenil para além dos espaços da escola, proposto pelo DACD- Departamento de Atividades Culturais e Desportivas, da Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife.

Com a ampliação dessa articulação, a partir da pesquisa *Juventude é atitude! Qual é a sua?*, dos intercâmbios e articulações com diferentes jovens e movimentos juvenis, em nível local e nacional, os(as) jovens que, neste momento eram alunos(as) da rede municipal, público-alvo de projetos sociais, integrantes de movimentos juvenis e educadores(as) sociais decidiram criar, em 2003, o *Fórum das Juventudes Recife/PE*, enquanto “espaço autogerido, de ação, apoio e interação entre as juventudes” (Carta de Princípios Fórum das Juventudes Recife/PE, 2003, p. 1).

Mas qual a importância em nos determos no *Fórum das Juventudes* para entendermos a organização e atuação do movimento juvenil? Qual a relevância deste movimento?

O *Fórum das Juventudes Recife/PE* foi um dos primeiros fóruns de juventude criados no país. Formado, prioritariamente, por jovens pobres da RMR- Região Metropolitana do Recife, ele assumiu um importante papel de colocar na pauta do governo e da sociedade, questões como autonomia e organização juvenil.

Além disso, ele passou a ser referência quando se falava em organização juvenil e para a criação de outros fóruns e grupos juvenis, em nível nacional, em virtude de sua proposta de ser um espaço aberto, autônomo, autogestionado e dirigido pelos(as) jovens, como também, diante de sua atuação no processo de construção de PPJ, fortalecida na relação com a Roda de Diálogo.

Desta forma, definimos que nosso estudo se voltaria para a análise de um movimento juvenil concreto, real, a partir da experiência do *Fórum das Juventudes Recife/PE*. Partimos, então, da seguinte questão: Qual a versão dos(as) jovens sobre o processo de organização e atuação do movimento juvenil contemporâneo?

3. Definindo os objetivos, os caminhos, a pesquisa...

Mas nossas definições não terminavam na temática. Muitas reflexões, leituras, discussões e escolhas ainda precisavam ser feitas.

A primeira opção que fizemos foi de que nossa pesquisa configurar-se-ia como qualitativa, em virtude de nosso interesse em conhecer os sujeitos e suas histórias (MARTINELLI, 1999), tendo como objetivo geral: compreender os processos de organização e atuação do movimento juvenil no Recife, a partir da experiência do *Fórum das Juventudes Recife/PE*.

Definimos ainda os seguintes objetivos específicos: analisar o discurso dos(as) jovens sobre o movimento juvenil; e conhecer a dinâmica do movimento juvenil - suas dificuldades, lutas, conquistas, a relação com outros sujeitos sociais.

Partimos do entendimento de que o movimento juvenil no Recife tem como principal luta o reconhecimento do movimento nos espaços de discussão política, diante do Estado, dos movimentos sociais, de outros movimentos juvenis, das Organizações Não Governamentais e da família.

Na busca em alcançar os objetivos da pesquisa, optamos em utilizar a seguinte metodologia: entrevista semi-estruturada com dois segmentos: jovens e educadores(as), que participaram do processo de criação do movimento; documentos de domínio público, produzidos pelo *Fórum das Juventudes*; coleta de mensagens do Fórum virtual, no período de 2004 a 2006.

Ressaltamos que nossas decisões metodológicas não se mantiveram as mesmas desde o início. Diante do processo de negociação com os sujeitos da pesquisa e o aprofundamento no campo-tema¹¹, fomos revisando nossas decisões iniciais.

Para análise do material, definimos como orientadoras as técnicas da Análise do Discurso, apresentadas por Gill (2006), privilegiando a análise do

¹¹ Utilizamos a expressão campo-tema, por entendermos campo como o argumento no qual estamos inseridos, tendo este, múltiplas faces e materialidades, e estando em diferentes territórios (SPINK, 2003).

discurso dos(as) jovens que integram ou integravam o *Fórum das Juventudes Recife/PE*.

Nossa opção em privilegiar a análise da versão dos(as) jovens sobre a história do movimento se deu pelos seguintes motivos: por considerarmos importante conhecer as versões dos(as) jovens sobre suas práticas sociais e políticas e por reconhecermos os(as) como sujeitos autônomos, capazes de se expressar por conta própria (GOHN, 2005).

4. As contribuições do estudo sobre Movimento Juvenil

Esclarecemos, desde já, que nossas afirmações não têm intenção de ser definitivas, nem de dar conta da realidade em sua abrangência, mas de contribuir com novas buscas, novos olhares, novas pesquisas.

Sendo assim, consideramos que a análise do movimento juvenil contemporâneo pode trazer importantes contribuições para a produção do conhecimento, na perspectiva de entendermos, do ponto de vista real, quais as características, as dinâmicas, a realidade, não apenas do movimento juvenil, mas dos movimentos sociais¹².

Acreditamos, porém, que este estudo, não se limita ao âmbito da universidade, mas pode suscitar reflexões sobre as práticas e a relação estabelecida entre adultos(as) e jovens, nos diversos espaços sociais, bem como a necessidade de “ouvir” o que os(as) jovens têm a dizer sobre suas práticas, suas dificuldades, seus desejos. O reconhecimento da diversidade e a construção de relações mais horizontais têm início com a disposição para “ouvir” o que o(a) outro(a) tem a dizer.

No que diz respeito aos jovens, consideramos que a pesquisa contribuiu com o registro da história do *Fórum das Juventudes* e com sua divulgação. Mas, o mais importante, oportunizou a expressão e a reflexão dos(as) jovens sobre suas escolhas, suas trajetórias.

¹² Recordamo-nos que, durante o estágio em docência, realizado, no segundo semestre de 2007, na Disciplina Movimentos Sociais Contemporâneos, ministrada, no 4º período de Serviço Social, pela Profª. Drª. Rosineide Cordeiro, muitos dos questionamentos trazidos pelos(as) alunos(as) diziam respeito ao que era o ideal e o real dos movimentos sociais na atualidade.

Nosso desejo é de que este estudo contribua para o fortalecimento de sua organização e atuação na luta por um “mundo melhor”, não apenas para a geração de nossos(as) filhos(as), como espera o *Fórum das Juventudes Recife/PE*, mas para nossa própria geração.

5. Sobre os capítulos desta dissertação

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos, acrescida das considerações finais. No primeiro deles, inspirados por Cordeiro (2006), apresentamos as construções e definições, relativas à pesquisa e à metodologia utilizada, assim como o processo vivenciado na pesquisa, fruto de um permanente processo de negociação.

No segundo capítulo, nos dedicamos ao estudo teórico sobre juventude, movimentos sociais e movimentos juvenis, onde procuramos não apenas apresentar a produção teórica sobre os temas, mas também fazer uma relação entre os mesmos. Para isto, procuramos dialogar com diversos autores(as): Abramo (1995, 2003, 2005), Groppo (2000), Mendonça (2008), Peralva (1997), Novaes (2002, 2003), Spósito (2000), Rabat (2002), Venturi e Bokani (2005), Carmo (2001), Cunegundes (2004), Arce (2000), Machado (2003), Mesquita (2005, 2007), Gohn (2004, 2005), Scherer-Warren (1999, 2006), Ammann (1991), Touraine (1998), Mellucci (2001), dentre outros(as).

O processo de construção e organização do *Fórum das Juventudes Recife/PE* é o assunto ao qual nos detemos no terceiro capítulo. Por entendermos que os movimentos sociais não seguem uma trajetória linear (Gohn, 2004), optamos em registrar o processo de organização do Fórum, a partir de cinco momentos principais na vida do movimento.

No quarto e último capítulo, nos concentramos na análise do funcionamento e atuação do *Fórum das Juventudes*, tomando como base as narrativas apresentadas pelos(as) jovens.

Nas considerações finais, nos propomos a retornar às questões iniciais de estudo, com objetivo de analisarmos os resultados e vislumbrarmos questões e temas para futuros estudos.

6. Sobre a utilização do “nós” no texto desta dissertação

A opção em utilizar a terceira pessoa no plural na escrita desta dissertação, vai para além da orientação de manter a formalidade na escrita, ou mesmo de utilizar uma linguagem impessoal.

Por entendermos que a produção do conhecimento é uma obra coletiva, como afirma Chizzotti (1998), reconhecemos que esta dissertação não é fruto apenas de nossa dedicação, análise e reflexões pessoais, mas da contribuição, direta e indireta, de muitas pessoas, com as quais compartilhamos e negociamos durante o processo de construção do conhecimento.

Desta forma, inspirados em Mendonça (2008), optamos em utilizar a terceira pessoa do plural, na intenção de presentificar essas pessoas no “nós” utilizado.

6. Sobre as frases utilizadas no início dos capítulos

Ao analisarmos o Fórum virtual, o “e-grupos fojuve”, e os documentos, produzidos pelo movimento, identificamos um costume comum dos(as) jovens: o uso de frases, trechos de músicas e pensamentos populares para reforçar seus posicionamentos e mensagens.

Desta forma, selecionamos algumas destas frases e as utilizamos no início dos capítulos desta dissertação, salvo no quarto capítulo, onde optamos pelo registro da fala de um dos(as) jovens entrevistados.

CAPÍTULO 1: O PROCESSO DE PESQUISA

*Não existe nada mais fatal
para o pensamento do que o
ensino das respostas certas
Rubem Alves*

1.1 Os aprendizados com relação à pesquisa

A vivência do processo de pesquisa durante o mestrado nos possibilitou inúmeros aprendizados. Mas, aqui, destacamos dois deles.

O primeiro aprendizado foi de que nenhuma decisão referente à pesquisa- seus objetivos, hipótese, sujeitos pesquisados, opção metodológica- é estática, rígida, imutável. Muitas vezes precisamos repensar e visitar as definições anteriores com relação à pesquisa, em virtude de novas descobertas que surgiam mediante entrada no campo-tema. Como também estratégias de pesquisa precisaram ser descartadas, diante dos limites, nem sempre explícitos nem muito claros, estabelecidos pelos sujeitos pesquisados, como parte do processo de permanente negociação (CORDEIRO & CARDONA, 2006).

O segundo aprendizado tem a ver com a relação estabelecida com os(as) sujeitos pesquisados. Não os(as) tomamos como nossos(as) informantes. A entrada em suas histórias, através de suas narrativas, orais ou escritas, foi fruto de um permanente processo de negociação. Houve quem não quisesse conceder a entrevista, como também houve quem se habilitasse espontaneamente. Algumas vezes precisamos respeitar o silêncio ou a pouca conversa sobre determinado assunto, em outros momentos, ouvimos, atentamente histórias que para os objetivos da pesquisa, nos pareciam desnecessárias.

O que nos ajudou a compreender que “os limites e as possibilidades não são dados a priori e tampouco controlados exclusivamente pelo(a)

pesquisador(a)”, reforçando a idéia de que a pesquisa constitui-se em “diálogo e negociação de visões de mundo” (CORDEIRO & CARDONA, 2006, p. 16).

Tomamos emprestadas as palavras de Cordeiro (2004, p.55,56), quando se refere sobre a processualidade de sua pesquisa, realizada com o *Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco*:

(...) é importante admitir que parte da pesquisa foi construída durante o processo. Não tracei um esquema linear de investigação e fui seguindo rigorosamente. Mudei de rota, busquei outros atalhos e fiz novos mapas para chegar tateante a alguns lugares, ora com tranqüilidade e alegria e ora perdida e angustiada sem saber direito onde eu iria parar. A pesquisa, os objetivos e a própria elaboração da tese estão impregnados pela processualidade, foram constantemente remodelados e redimensionados.

Da mesma forma, essa pesquisa está “impregnada de processualidade”. Por isso, neste capítulo, nos propomos a apresentar as decisões e o processo da pesquisa, realizada junto ao *Fórum das Juventudes Recife/PE*.

1.2 A escolha da pesquisa qualitativa

Não é fácil definir o que entendemos por pesquisa qualitativa, nos alerta Triviños (1995). Duas dificuldades se mostram na tentativa de conceituar este tipo de pesquisa: a primeira, diz respeito à abrangência do conceito, à especificidade de sua ação; enquanto que, a segunda, tem a ver com os suportes teóricos fundamentais que a alimentam, o que faz com que o teor do enfoque qualitativo desenvolvido na pesquisa seja dado a partir do referencial teórico adotado pelo(a) pesquisador(a) .

Mas, apesar de abrigar diferentes correntes de pesquisa, dois traços fundamentais podem ser encontrados na abordagem qualitativa: sua tendência definida de natureza desreificadora dos fenômenos, do conhecimento e do ser humano; e a rejeição da idéia de neutralidade do saber científico (TRIVIÑOS, 1995).

Chizzotti (1998) acrescenta que o que essas correntes têm ainda em comum é a adoção de pressupostos e técnicas contrários ao modelo

experimental¹³, como recusa à defesa de um padrão único de pesquisa para todas as ciências, fundamentadas nas ciências da natureza.

Para os cientistas, a especificidade das ciências humanas e sociais, sendo este o estudo do comportamento humano e social, faz delas ciências específicas, com necessidades de utilização de metodologias próprias. A adoção de modelos experimentais pelas ciências humanas e sociais resulta em generalizações errôneas e dissimulam o controle ideológico das pesquisas.

Além disso, a utilização da pesquisa quantitativa pelas ciências sociais e humanas permite dimensionar os problemas e construir retratos da realidade, mas, são insuficientes para trazer as concepções dos sujeitos, o que impossibilita a construção coletiva e institui lacunas no processo de conhecimento:

Como pensam sua problemática? Que significados atribuem às suas experiências? Como vivem a sua vida? (...) nessas pesquisas, o próprio informante é um sujeito oculto, suas reais condições de vivência não são alcançadas pela pesquisa (MARTINELLI, 1999, p.20).

Reconhecer a importância da utilização da abordagem qualitativa para conhecimento dos sujeitos e de suas vivências, não invalida o uso da pesquisa quantitativa, nem mesmo levanta o problema dicotômico da pesquisa qualitativa em oposição à pesquisa quantitativa.

Segundo Triviños (1995, p.118), “toda pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa”. O(a) pesquisador(a), no entanto, deve ficar atento a não limitar-se ao dado estatístico e aproveitar a informação para avançar na interpretação mais ampla sobre o fenômeno pesquisado.

Ao contrário dos que defendem a validade científica das pesquisas quantitativas, as pesquisas qualitativas que não utilizam informações estatísticas têm validade e objetividade científica específicas, contribuindo também para o desenvolvimento do pensamento científico.

¹³ O método experimental ou científico foi criado com base nos postulados do positivismo e nos métodos das ciências da natureza, tidos como exemplar na construção de conhecimentos rigorosamente verificados e cientificamente comprovados. Suas técnicas e instrumentos foram adotados como padrão pelas ciências humanas e sociais, até a segunda metade do século XX (CHIZZOTTI, 1998).

Dentre suas características, Bogdan (apud TRIVIÑOS, 1995) apresenta as seguintes: 1) A pesquisa qualitativa tem como fonte direta de dados o ambiente natural e o pesquisador como instrumento chave. Conhecer e entender o ambiente, onde são construídas a personalidade, os problemas e vivências dos sujeitos pesquisados, é a principal tarefa do(a) pesquisador(a); 2) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3) A preocupação dos(as) pesquisadores(as) se estende aos processos da pesquisa e não apenas aos seus resultados; 4) Os dados tendem a ser analisados indutivamente; 5) A preocupação essencial está no significado.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa parte do princípio de que:

(...) há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado. O objeto não é um dado inerte, neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1998, p. 79).

Desta forma, a produção do conhecimento na pesquisa qualitativa, não se reduz ao levantamento e observação dos dados, até porque esses dados, “não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante de observação”, pelo contrário, são sujeitos, fenômenos que manifestam uma “complexidade de oposições, revelações, ocultamentos” (CHIZZOTTI, 1998, p.84).

Martinelli (1999, p.23) apresenta três pressupostos que fundamentam o uso de metodologias qualitativas de pesquisas, sendo as seguintes: 1) Reconhecimento da singularidade do sujeito. Conhecer sua singularidade significa que o(a) pesquisador(a) precisa ir ao contexto onde o sujeito vive a sua vida, onde se revela, através do discurso e da ação; 2) É importante conhecer a experiência social do sujeito, seu modo de vida, que inclui “seus sentimentos, valores, crenças, costumes e práticas sociais cotidianas”; 3) Conhecer o modo de vida do sujeito pressupõe o conhecimento de sua experiência social. Sua realidade é conhecida a partir dos significados atribuídos.

Nesse tipo de pesquisa, tanto pesquisador(a) quanto pesquisados(as) fazem parte do processo de conhecimento e são capazes de elaborar conhecimento, a partir de sua vivência diária e de sua experiência cotidiana.

(...) a pesquisa qualitativa é, de modo geral, participante, nós também somos sujeitos da pesquisa. Não podemos pensar que chegamos a uma pesquisa como um “saco vazio”. Não! Temos vida, temos história, temos emoção!(...) Não existe vida sem emoção. O sujeito não pode ser oculto, nem o pesquisador, nem o pesquisado, ambos são saturados de história, são plenos de possibilidades! (MARTINELLI, 1999, p. 25,26).

O que cabe ao pesquisador(a), no entanto, é conhecer o saber prático, construído pelos sujeitos pesquisados, e, através da reflexão coletiva, produzir um conhecimento crítico, sendo este uma obra coletiva, como nos adverte Chizzotti (1998).

Na busca, pois, por significados, por interpretações, por sujeitos e por suas histórias (MARTINELLI, 1999), optamos pela realização de uma pesquisa qualitativa, porque mais do que retratar a realidade, nosso interesse estava na aproximação com os sujeitos - suas histórias, suas narrativas e versões, suas dificuldades e potencialidades, que permitisse compreender o processo de organização e atuação do movimento juvenil nos dias de hoje.

Tivemos ainda como objetivos do estudo:

- Analisar o discurso dos(as) jovens sobre o movimento juvenil;
- Conhecer a dinâmica do movimento juvenil - suas dificuldades, potencialidades, suas lutas, a relação com outros sujeitos sociais.

Partimos do entendimento de que o movimento juvenil, no seu processo de organização e atuação, tem como principal luta o reconhecimento enquanto sujeito político, por parte dos outros movimentos juvenis, movimentos sociais, Estado¹⁴ e família.

No que se refere às escolhas metodológicas, optamos pela utilização de três técnicas: 1) Entrevistas semi-estruturadas com educadores e jovens que participaram do processo de organização do Fórum; 2) Discussões

¹⁴ Entendemos o Estado segundo Gramsci (1978, p.9), sendo este formado pela sociedade política e pela sociedade civil, isto é, “hegemonia revestida de coerção”. Enquanto a sociedade política diz respeito ao conjunto de mecanismos utilizados para repressão e coerção da classe dominante, a sociedade civil é responsável pela difusão de valores simbólicos e ideologias.

encontradas no e-grupos fojuve, espaço de discussão virtual do Fórum; 3) Documentos de domínio público, produzidos pelo *Fórum das Juventudes*.

1.3 O trabalho no campo-tema

Quando pensamos no trabalho de campo, a imagem que nos vem é de um lugar físico, um recorte espacial que o(a) pesquisador(a) delimita para realizar suas observações e aplicar as técnicas e metodologias definidas na pesquisa.

Neto (1994, p.54) acrescenta à essa idéia de recorte espacial, a dinâmica de interação social vivenciada pelas pessoas e grupos do lugar empiricamente definido. Por serem sujeitos de uma história, os sujeitos pesquisados precisam ser transformados em objetos de estudo através de uma construção teórica. O campo torna-se, então, “palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos”.

Spink (2003), por outro lado, traz uma importante contribuição para pensarmos campo como o argumento no qual estamos inseridos, tendo este múltiplas faces e materialidades, e estando em diferentes lugares. O campo deixa de ser entendido como um lugar, um universo empírico, distante, separado, para ser concebido como campo-tema:

(...) como complexo de redes de sentidos que se interconectam, é um espaço criado- usando a noção de Henri Lefebvre (1991)- herdado ou incorporado pelo pesquisador ou pesquisadora e negociado na medida em que este se busca inserir nas suas teias de ação (Spink, 2003, p. 28).

Isso quer dizer que a entrada do(a) pesquisador(a) no campo tem início quando decide o tema a ser pesquisado, quando se vincula à temática. Segundo Spink (2003), o que se segue é a trajetória desta opção inicial, que vai desde a construção dos argumentos até os acontecimentos que podem alterar a trajetória e o re-posicionamento do campo-tema.

Entendendo que a entrada e a permanência no campo-tema, assim como a pesquisa, é fruto de um processo de negociação, procuramos,

inicialmente, conversar sobre a pesquisa com estudiosos(as), educadores(as) que trabalhavam com a temática e com jovens, ligados aos movimentos sociais.

Os primeiros contatos que estabelecemos com o *Fórum das Juventudes* foram voltados para a construção de uma relação de troca. Neto (1994) nos adverte que os grupos precisam ser esclarecidos sobre o que pretendemos investigar e as repercussões do processo investigativo.

Spink (2007, p.5) diz que, diferente de outros períodos,

(...) hoje temos a obrigação de revelar quem somos, o que estamos fazendo e com que finalidade, assim como temos o compromisso de devolução dos resultados e, em certos casos, até mesmo o compromisso de co-construção explícita das interpretações.

Desta forma, participamos de duas reuniões do Fórum, em outubro de 2007, para apresentar os objetivos e a metodologia da pesquisa, marcar as entrevistas e pedir autorização para utilização do e-grupos fojuve. Registramos o entusiasmo e a alegria com que os(as) jovens receberam a notícia da pesquisa, pois acreditavam que esta contribuiria com o registro da história e com a avaliação da atuação do Fórum.

Em seguida, enviamos um e-mail para o e-grupos fojuve, explicando sobre a pesquisa e informando sobre a utilização das mensagens do Fórum virtual na análise. Um dos jovens também enviou uma mensagem falando sobre a importância da pesquisa. Apesar de não termos sido respondidos virtualmente, muitos(as) do(as) jovens que integravam o Fórum, ou mesmo, os(as) que saíram, ao nos encontrar, mostravam interesse em conhecer a pesquisa e ter acesso aos seus resultados.

1.4 As escolhas metodológicas

1.4.1 As entrevistas

Entendendo a importância do contato direto com os sujeitos da pesquisa e de ouvir o que eles/elas tinham a dizer a respeito do problema, optamos pela

utilização de entrevistas semi-estruturadas, por ser um instrumental que busca a oralidade, e possibilita o acesso às narrativas dos pesquisados(as).

O grupo de sujeitos pesquisados foi composto de forma intencional, não aleatória (MARTINELLI, 1999). Além disso, a definição do perfil dos(as) sujeitos a serem pesquisados foi, durante o processo de pesquisa, modificado, o que garantiu o critério de exploração de diferentes pontos de vista em relação ao movimento.

Inicialmente, procuramos conversar com jovens que participam do Fórum. A partir das conversas e leituras sobre a história do movimento, sentimos necessidade de conhecer a versão dos(as) jovens que saíram. Essa decisão foi estimulada por um dos(as) jovens que nos disse:

É importante ouvir também as pessoas que têm críticas ao Fórum, que saíram porque não aceitavam o modelo criado. Você não pode ficar ouvindo apenas quem está, quem considera o Fórum a melhor coisa do mundo (Fernando, Notas Diário de Campo, 22.11.07).

Durante o percurso também vimos que seria importante entrevistar alguns educadores(as) que participaram do processo anterior à criação do Fórum, pelo fato dos(as) jovens não terem participado das conversas iniciais sobre a necessidade de articulação dos(as) estudantes das escolas municipais com os movimentos juvenis.

Desta forma, foram realizadas entrevistas com quatro jovens, tendo os(as) mesmos(as) os seguintes perfis:

- ✓ Um jovem que participou da fase de transição do Fórum de Alunos para o *Fórum das Juventudes*. Foi aluno de um curso de formação política de uma ONG. Atualmente é gestor do Fórum.
- ✓ Um jovem que era aluno da rede municipal de ensino e integrava o Fórum de Alunos. Participou de todo processo de discussão para criação do *Fórum das Juventudes*. Atualmente é gestor do Fórum.
- ✓ Uma jovem que era aluna da rede municipal de ensino, integrava o Fórum de Alunos, participou de todo processo para criação do Fórum e fez parte da gestão. Atualmente não faz parte do Fórum.

- ✓ Uma jovem que começou a participar do *Fórum das Juventudes* na época da construção da *Carta de Princípios*. Fez parte da gestão do Fórum, mas atualmente participa quando pode.

Conseguimos entrevistar dois educadores, sendo que um deles trabalhava, na época, na Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife; e outro, representante de uma das ONGs que apoiaram e acompanharam a criação do *Fórum das Juventudes*. Ressaltamos que o material produzido, a partir das entrevistas com os educadores, foi utilizado na análise, mas que privilegiamos a versão dos(as) jovens na pesquisa.

As entrevistas semi-estruturadas foram utilizadas, tendo um único tópico-guia para os dois sujeitos(as) entrevistados(as)- jovens e educadores. Foram aplicadas de forma individual, gravadas, e realizadas em diferentes locais do centro do Recife e, uma delas, através de e-mail, em virtude da residência da pessoa não ser mais em Pernambuco.

Durante a realização das entrevistas, procuramos ficar atentos(as) “às comunicações verbais e atitudinais (gesto, olhar etc) sem qualificar os atos do informante, exortá-lo, aconselhá-lo ou discordar de suas interpretações, nem ferir questões íntimas” (CHIZZOTTI, 1998, p. 93).

Registramos que muitos contatos foram feitos, a partir das sugestões para compor nossa amostra de pesquisados, tanto de educadores quanto de jovens, no entanto, em virtude da disponibilidade dos(as) sujeitos, como também pelo tempo disponível para pesquisa, nossa amostra limitou-se a seis entrevistas.

Embora pequena, consideramos que a amostra responde aos objetivos e interesses da pesquisa. Ao trabalhar com a noção de sujeito coletivo, no sentido que os(as) jovens que participaram têm uma referência grupal, entendemos que o importante “não é o número de pessoas que vai prestar a informação, mas o significado que esses sujeitos têm” (MARTINELLI, 1999, p.24).

Apesar do entusiasmo dos(as) jovens com relação à pesquisa, fazer as entrevistas não foi uma tarefa tão fácil, pois o período destinado às entrevistas coincidiu com o momento de dispersão vivenciado pelo *Fórum das Juventudes*.

No período da pesquisa, poucas reuniões foram realizadas e muitos dos(as) integrantes estavam envolvidos em outras atividades profissionais, ou mesmo nas discussões sobre as políticas públicas de juventude.

Por isso, além dos contatos por telefone, por e-mail e a participação nas reuniões do Fórum, participamos também das reuniões da *Roda Permanente de Diálogo sobre Juventude e Políticas Públicas*, de atividades como a reunião sobre a comissão de preparação da etapa estadual para o Plano Nacional de Juventude (30.05.08), organizada pela *Secretaria Especial de Juventude e Emprego do Governo do Estado de Pernambuco*; e do lançamento da Conferência Municipal de Juventude do Recife (22.11.07). O que possibilitou encontrarmos os(as) jovens, marcar as entrevistas e conversar sobre o Fórum com diferentes sujeitos.

Além disso, muitas entrevistas foram agendadas e, ou os(as) jovens não puderam comparecer, ou desmarcaram em cima da hora. O que fez com que se estendesse o período definido para a realização das entrevistas. Os primeiros contatos tiveram início em outubro/2007, mas a última entrevista só ocorreu em fevereiro/08.

1.4.2 O Fórum virtual

A internet tem se constituído como importante meio de comunicação, articulação e mobilização dos movimentos sociais. No caso dos movimentos juvenis, destacam-se a criação de redes virtuais, como os e-grupos, e dos blogs dos(as) jovens e dos movimentos¹⁵.

O Fórum virtual, o “e-grupos fojuve”, foi criado, em junho de 2003, com o objetivo de facilitar a comunicação entre os(as) jovens, repassar documentos e memórias de reuniões e possibilitar o relacionamento do movimento a um diversidade de redes de movimentos sociais, através da internet.

A definição do Fórum virtual como um instrumento de coleta de dados possibilitou o acesso a uma diversidade de informações e um material muito rico para análise. Foi através dele que tivemos acesso a muitas discussões

¹⁵ Destacamos o blog da Roda Permanente de Diálogo sobre Juventude e Políticas Públicas: <http://blogdaroda.blogspot.com/>

relativas a criação do Fórum, à conflitos internos e colocações pessoais dos(as) jovens, como também a documentos do movimento.

Recolhemos as mensagens do Fórum virtual, no período de 2003 a 2006, totalizando um total de 1.577 mensagens. Destas, utilizamos 205 mensagens para análises, pois diziam respeito à discussões ou documentos sobre o *Fórum das Juventudes*, sobre as políticas de juventude, ou sobre os(as) jovens. Muitas das outras mensagens consistiam em repasse de convites e divulgação de eventos de outras redes de movimentos sociais, mensagens poéticas. Também tiveram muitas mensagens que não abriram seus conteúdos, impossibilitando o acesso às informações contidas.

Quadro 1: Mensagens coletadas e analisadas do Fórum virtual

Ano	Nº de mensagens	Nº Mensagens analisadas
2003	194 mensagens	28 mensagens
2004	509 mensagens	82 mensagens
2005	485 mensagens	65 mensagens
2006	389 mensagens	30 mensagens
Total:	1577 mensagens	205 mensagens

As mensagens foram organizadas em quadros, de acordo com o ano. Feitas leituras e análise inicial das mensagens coletadas, foram identificados os assuntos mais discutidos; as mensagens não respondidas, apesar de relevantes; os(as) jovens que apareciam e os(as) que se ausentaram; as principais atividades, realizadas tanto pelo Fórum como por outros movimentos. Todo esse material foi reorganizado em novos quadros, permitindo a identificação dos momentos do movimento.

Procuramos ainda, através do registro de membros(as) do e-grupos, identificar o perfil dos(as) jovens que participam do Fórum, o que não foi possível. Dos(as) 59 membros(as) cadastrados, não há informações que permitam construir o perfil do movimento, como idade, local de moradia, escolaridade, dentre outros.

Por outro lado, participam do e-grupos fojuve tanto jovens que ainda fazem parte o Fórum, jovens e educadores(as) que já saíram, mas continuam

acompanhando as discussões, e outros(as) que nunca participaram do movimento.

1.4.3 Documentos de domínio público

A terceira técnica escolhida como coleta de dados, foi a análise de documentos de domínio público, produzidos pelo *Fórum das Juventudes*. Spink (1999, p.136) os define como produtos sociais tornados públicos que possibilitam

(...) refletir as transformações lentas em posições e posturas institucionais assumidas pelos aparelhos simbólicos que permeiam o dia-a-dia ou, no âmbito das redes sociais, pelos agrupamentos e coletivos que dão forma ao informal, refletindo o ir e vir de versões circulantes assumidas e advogadas.

Como o Fórum não possui sede nem espaço próprio os documentos existentes encontram-se guardados na casa de alguns integrantes. Apesar da abertura dos(as) jovens para que tivéssemos acesso aos arquivos e das diversas tentativas, não foi possível acessar os documentos, em virtude da incompatibilidade de horários e da disponibilidade dos(as) jovens.

Por isso, os documentos utilizados na pesquisa foram os que tivemos acesso através dos arquivos do Fórum virtual. Ressaltamos, porém, que a quantidade de documentos acessíveis no e-grupos é menor do que os existentes. Poucos são os arquivos de atas, relatórios e documentos encontrados.

Os seguintes documentos foram utilizados na pesquisa:

- Relatórios de reuniões administrativas: da reunião deliberativa de 04.05.2004; reunião de planejamento 2004; da reunião de avaliação 2004;
- Relatório de reuniões temáticas: Plano Nacional ou Estatuto da Juventude (15/04/2003); Juventude e governo se misturam? (19.05.05)
- Projetos: Juventude é atitude! Qual é a sua?(2003); Fórum das Juventudes Recife/PE (2004);
- Carta de Princípios do FJR (2003);
- Relatório da pesquisa Juventude é atitude! Qual é a sua? (2003)

- Outros: Carta de Pernambuco para o Plano Nacional de Juventude (2004); Plataforma da Juventude (2004)

1.5 A análise da pesquisa

Depois de recolhidos e organizados os materiais procuramos analisá-los, seguindo algumas orientações da Análise do Discurso, apresentadas por Gill (2002). Este tipo de análise rejeita a noção de que a “linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (p. 244).

A autora enfatiza quatro temas principais que devem ser trabalhados na Análise do Discurso, sendo: 1) A preocupação com o discurso em si mesmo. Entendendo o discurso como todas as formas de fala e textos, o interesse se volta para o conteúdo e a organização dos textos; 2) Visão da linguagem como construtiva e construída. A noção de construção utilizada significa que o discurso é construído a partir de recursos lingüísticos pré-existentes, que os fenômenos podem ser descritos de diferentes maneiras, e que diferentes tipos de textos constroem o mundo; 3) Ênfase no discurso como forma de ação, ou seja, o discurso é visto como prática social em determinado contexto interpretativo¹⁶; 4) Convicção na organização retórica do discurso. A atenção deve ser dirigida para as maneiras como o discurso é organizado a fim de tornar-se persuasivo.

1.6 Outras considerações sobre o processo de pesquisa

Em todo o percurso da pesquisa utilizamos sistematicamente o diário de campo. Nele foram registradas conversas com jovens do Fórum ou com outras pessoas sobre o tema trabalhado, observações e informações antes, durante e após as entrevistas com jovens e educadores, detalhes das reuniões e eventos que participamos, por entendermos que tudo o que acontece no campo-tema

¹⁶ O discurso não ocorre em um vácuo social, pelo contrário, ele é orientado pelo contexto interpretativo em que o sujeito se encontra e é construído na perspectiva de se juntar a esse contexto (Gill 2002).

pode ser importante fonte de dados, mesmo acontecimentos ou diálogos que pareçam insignificantes (BOGDAN & TAYLOR, 1980).

Ressaltamos que registros antigos e vivências anteriores foram utilizadas no processo de análise, principalmente, no resgate de momentos e atividades do Fórum.

Além dos materiais e informações obtidas com a coleta de dados, tivemos acesso a uma variedade de informações e posicionamentos com relação ao Fórum, por parte de jovens e adultos(as), que não participaram do movimento, mas que acompanharam seu desenvolvimento, através de conversas sobre nossa pesquisa.

Ressaltamos, porém, que, apesar de reconhecer a importância e legitimidade dos posicionamentos e avaliações com relação ao *Fórum das Juventudes*, optamos, na análise dos dados, em considerar a posição e os discursos dos(as) jovens que integraram ou integram o movimento, pelas seguintes razões: primeiro, pela importância em visibilizar as versões e narrativas dos(as) próprios jovens, com respeito às suas práticas sociais e políticas; e em segundo lugar, pelo reconhecimento dos(as) jovens como sujeitos sociais autônomos, capazes de “ler e re-interpretar o mundo”, “compreender e se expressar por conta própria” (GOHN, 2005, p. 32), decidir, intervir e falar sobre suas experiências, seus problemas, suas buscas e lutas por soluções.

CAPÍTULO 2: O MOVIMENTO JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE

Serão as novas gerações capazes de substituir as práticas corruptas e autoritárias que marcaram os ciclos anteriores, construindo uma nova visão e atitude frente à política, ou se limitarão a continuar velhas práticas com rostos novos?
Huascar

2.1 Conceituando Juventude

Muito se fala sobre a juventude e sua capacidade organizativa. O que é a juventude? Será ela revolucionária ou apática e desmobilizada? Serão características inerentes aos jovens, a rebeldia, a contestação, a disposição para mudanças? Será a juventude capaz de resolver seus problemas e transformar o mundo? Ou constitui-se em um problema social a ser enfrentado e domesticado?

Ao longo da história, muito se tentou definir, ou melhor, registrar os sentidos que diferentes sociedades atribuíram à juventude, por parte das ciências sociais, humanas e da saúde, resultando, segundo Mendonça (2008), em uma polissemia de sentidos.

Mas, ao contrário do que se pensava anteriormente, a juventude não é um fenômeno natural (PERALVA, 1997), e sim um conceito construído do ponto de vista histórico e social, e que tem a ver com a construção das idades da vida, durante o processo de constituição da modernidade.

Por outro lado, não é um conceito imutável. Novaes (2003) afirma que as definições sobre o que é ser jovem, quem e até quando uma pessoa é considerada jovem têm sofrido mudanças no tempo e no espaço, sendo resultado de disputas políticas, econômicas e entre as gerações.

Groppo (2000) alerta que essas transformações não se limitaram à juventude, ocorrendo várias alterações, abandonos, retornos, supressões e acréscimos das faixas etárias na sociedade moderna, bem como nas categorias sociais que delas se originaram- infância, adolescência, juventude,

adulto-jovem, adulto, maturidade, idoso, velho, Terceira Idade, principalmente no que diz respeito aos

(...) três momentos do curso da vida social- nascimento- ingresso na sociedade, fase de transição e maturidade-, muitas divisões e subdivisões foram criadas, recriadas e suprimidas ao sabor das mudanças sociais, culturais, e de mentalidade, pelo reconhecimento legal e na prática cotidiana (GROPPO, 2000, p.13).

Como se vê, as mudanças no curso da vida social com relação à cronologização da vida, às categorias sociais e à criação de conceitos, sofreram alterações não apenas na mentalidade, na literatura e no cotidiano, mas também do ponto de vista legal¹⁷.

Segundo o pensamento sociológico, a juventude nasce na sociedade moderna ocidental, como tempo a mais de preparação para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe. O que fez com que dois elementos se tornassem centrais no entendimento da juventude: ficar livre das obrigações do trabalho e dedicação exclusiva ao estudo. Tendo seu significado social de moratória¹⁸ (ABRAMO, 2005).

No entanto, a autora alerta que essa foi uma experiência restrita aos jovens de classes médias e altas. Apesar da ausência de estudos, neste período, voltados à compreensão da condição juvenil das classes de baixa renda consideramos que, para estes/estas, a experiência não se limitava aos processos formativos.

Neste processo, é corrente a idéia da juventude como uma fase transitória, de passagem da infância para adolescência, da heteronomia da criança para a autonomia do adulto, como diz Spósito (2000).

A autora apresenta duas críticas, das quais compartilhamos, sobre a idéia da juventude como fase de transição: a primeira, diz respeito à

¹⁷ Um exemplo são as alterações na cronologização da juventude. Se até 2005, os(as) jovens eram considerados os indivíduos que estavam na faixa etária dos 15 aos 24 anos, pelo Governo Federal, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2006, ocorrem mudanças na definição cronológica da juventude, que passa a ser representada pelas pessoas na faixa etária dos 15 aos 29 anos (CONJUVE. 1ª Conferência Nacional de Juventude: levante sua bandeira- Documento base para discussão. Brasília, 2008).

¹⁸A idéia de moratória diz respeito ao adiamento dos deveres e direitos da produção, reprodução e participação. O tempo deveria ser de dedicação exclusiva à formação para exercício futuro dessas dimensões (ABRAMO, 2005).

caracterização da transição como indeterminação: “jovens não são mais crianças e também não são adultos”, sendo definidos pelo que não seriam. A segunda crítica incide sobre uma necessária subordinação à vida adulta, caracterizada como uma fase estável, em contraste com a juventude, enquanto fase de instabilidade e crise. O que não se sustenta, pois “parte significativa do que denominamos condições contemporâneas da vida se inscrevem na insegurança, na turbulência, na transitoriedade” (SPÓSITO, 2000, p. 2).

Desta forma, entendemos a juventude, assim como Groppo (2000, p.7,8), como uma categoria social e histórica, o que a torna, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social:

(...) a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos.

Essa conceituação não se restringe apenas à juventude, alerta o autor, mas se adequa também às outras faixas etárias, visto que, não se trata apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas, de “representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas” (GROPPO, 2000, p.8).

A representação e situação social simbolizada dos(as) jovens é também vivida com muita diversidade na realidade cotidiana, em virtude da soma de outras situações sociais, como a classe social, e as diferenças culturais, étnicas, de gênero, nacionais e de localidade (GROPPO, 2000).

Por isso, Novaes (2002) defende que a idéia de juventude é uma palavra vazia, pois o termo por si só não designa uma problemática a todos que se encontram com a mesma idade biológica, pois a juventude nem sempre é bem demarcada e vivida da mesma maneira. Mas é o lugar social que as pessoas jovens ocupam na sociedade que influi nas maneiras como elas são ou não pensadas como jovens. E acrescenta aos elementos de diferenciação da condição juvenil, apresentados por Groppo (2000), a participação ou não dos(as) jovens em projetos sociais.

Reconhecendo a diversidade de vivências juvenis, nos propomos a falar sobre o movimento juvenil, formado por jovens, moradores(as) das áreas

pobres do Recife, compreendendo que suas necessidades sociais se inserem na dinâmica do capitalismo contemporâneo, sendo diretamente atingidos pelo impacto das transformações societárias, expressas pelos altos índices de desemprego e as precarizações das relações de trabalho, falta de proteção à saúde, precariedade do sistema escolar, violência estrutural, dentre outros.

2.2 A ação da juventude na história brasileira - dos anos 1960 aos dias atuais

Mais do que a criação de estereótipos e jargões para a atuação e organização juvenil, entendemos que se faz necessário compreender, a partir da perspectiva dos(as) jovens: Quais suas lutas? Suas bandeiras? Suas palavras de ordem? Como se organizam?, sem desqualificação de suas narrativas.

Para isto, partimos do princípio de que assim como há mudanças nas formas de conceber e definir a juventude, ao longo da história da sociedade moderna, as maneiras como a juventude se organiza e se posiciona no cenário político também sofre alterações no tempo e no espaço. Um segundo princípio é de que essa organização não é homogênea, assim como a vivência da condição juvenil é heterogênea, a organização e a luta das diversas juventudes, presentes no cenário brasileiro, não é única. O que acontece é que, em determinados momentos, os “holofotes” são dirigidos para determinados segmentos sociais, colocando-os como padrões, ignorando as outras juventudes.

No que se refere à atuação juvenil na história brasileira, Rabat (2002) destaca três momentos: 1) O momento que compreende a abolição e a República, onde a ação da juventude universitária e militar teve destaque; 2) Durante o Tenentismo, na década de 1920, tendo os jovens da Escola Militar encabeçado os levantes contra os governos oligárquicos da Primeira República; 3) A partir da fundação da União Nacional dos Estudantes, na década de 1930, onde os(as) jovens estudantes lutaram contra o eixo fascista na Segunda Guerra Mundial (1939–1945) e a ditadura estadonovista de Getúlio

Vargas (1937-1945), na campanha “O petróleo é nosso” (1947-1953), pelas reformas de base e contra a ditadura militar (1964-1985).

Destes, com certeza, a visibilidade da atuação juvenil, concentrou-se na juventude do movimento estudantil, das décadas de 1960 e 1970, tendo destaque para o Maio de 1968¹⁹.

Além do movimento estudantil, neste período, os(as) jovens apareceram organizados em “movimento de oposição aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e todas as formas de dominação, movimentos pacifistas, as proposições da contracultura, o movimento hippie” (ABRAMO, 1995, p. 30). O que apareceu como sendo a atitude de toda uma geração de jovens que ameaçava a ordem social, nos planos político, cultural e moral.

Entretanto, essa caracterização da ação política juvenil das décadas de 1960 e 1970, como modelo ideal de atuação, teve início, na década de 1980, segundo Abramo (1995), a partir do enfraquecimento e desaparecimento do movimento estudantil da cena política, pois até então, eles eram considerados, pelos setores conservadores, suspeitos de baderna e radicalismo transgressor, e por alguns setores de esquerda, com suspeita de alienação ou radicalidade pequeno-burguesa inconseqüente. Desta forma,

(...) a imagem dos jovens dos anos 60 plamou-se como a de uma geração idealista, generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social. Essa reelaboração positiva acabou, desse modo, por fixar assim um modelo ideal de juventude: transformando a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia como características essenciais dessa categoria etária (ABRAMO, 1997, p.31).

Essa reelaboração da imagem da juventude, a partir da criação de estereótipos e caricaturas, resulta na constante comparação desta geração

¹⁹ Em maio de 1968 ocorreu uma greve geral na França, sendo iniciada pelos estudantes de universidades e escolas de ensino secundário de Paris, após confronto com a administração e a polícia, mas que adquiriu proporções e significado revolucionário. A tentativa de acabar com a greve dos estudantes por parte do governo de Gaulle, através de ações policiais, culminou em uma greve geral dos(as) estudantes e em greve com ocupações dos(as) trabalhadores(as) em fábricas na França. O que levou Gaulle a criar um quartel general de operações militares para lidar com a insurreição, dissolver a Assembléia Nacional e marcar eleições parlamentares para junho de 1968. Mas, seguindo a orientação da Confédération Générale du Travail, a federação sindical de esquerda e do Partido Comunista Francês (PCF), os(as) trabalhadores(as) e estudantes(as) encerraram a greve. (WIKIPÉDIA - A Enciclopédia Livre). Consultar: http://pt.wikipedia.org/wiki/Maio_de_1968. Acesso em 09/11/08.

com as juventudes, dos anos 1980 em diante, projetando, como nos diz Secco (2005), sua hegemonia geracional no tempo.

No entanto, é preciso não perder de vista que as diferenças de classe, de gênero e de etnia, marcam as experiências juvenis. Carmo (2001) nos alerta que quando se fala da geração rebelde dos anos 1960, a referência que encontra-se implícita, é a geração de classe média e alta.

Cunegundes (2004) reforça essa idéia quando diz que a figura central nos estudos sobre os(as) jovens, realizados nas décadas de 1960 e 1970, eram os(as) jovens secundaristas e universitários de classe média, ativos nas mobilizações sociais deste períodos, no entanto, aos jovens que pertenciam às classes de baixa renda, cabia a imagem de “marginalizados”, fora do contexto social e, conseqüentemente, excluídos da própria condição juvenil.

Segundo Carmo (2001, p.14), somente na década de 1980, as manifestações culturais produzidas por setores de menor poder aquisitivo começam a aparecer, através do movimento punk²⁰, protagonizado por jovens, “moradores(as) dos subúrbios e periferias, de famílias de trabalhadores de baixa renda, que ouviam rock e viviam em busca de novas informações, novos discos e tendências musicais”.

É neste período que se inicia também a criação da imagem do(a) jovem como individualista, consumista, conservador(a), apático(a) e indiferente aos assuntos públicos, portanto, oposta à geração dos anos 1960, pela recusa “a assumir o papel de inovação cultural” (Abramo, 1995, p. 31), negando o papel atribuído como fonte de mudança:

O problema relativo à juventude passa então a ser a sua incapacidade de resistir ou oferecer alternativas às tendências inscritas no sistema social: o individualismo, o conservadorismo moral, o pragmatismo, a falta de idealismo e de compromisso político são vistos como problemas para a possibilidade de mudar ou mesmo de corrigir as tendências negativas do sistema.

Foi a imagem da juventude como apática, desmobilizada e individualista que foi amplamente divulgada na sociedade, sendo rejeitadas quaisquer

²⁰O movimento punk surge, na década de 1980, como forma de protesto ao rock progressivo dos anos 1970, no que se refere ao esquema empresarial que gerava muito dinheiro. Ligado às experiências dos(as) jovens no cotidiano das ruas, se constitui em um estilo de música simples e rudimentar, e que se utiliza materiais provenientes do lixo urbano e industrial (Machado, 2003).

práticas coletivas protagonizadas por jovens, que se diferenciavam das práticas tradicionalmente consagradas.

Mesmo na década de 1990, onde os(as) jovens, em virtude das manifestações públicas pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello (1989-1992), ficaram conhecidos como a geração dos “caras-pintadas”, Abramo (1995) diz que este tipo de participação foi taxado de espontaneísta, com dimensão mais de festa do que de politização.

Sobre este momento, Zuenir Ventura (apud Carmo, 2001, p. 16), questiona: “Quem sabe a garotada que pintou o rosto para sair às ruas seja não a geração dos anos 90, mas apenas parte da juventude, talvez a mais visível e fotogênica, a mais ruidosa?”. E lembra que, por parte da juventude pobre, o que se evidenciou, nesta época, foram os arrastões nas praias cariocas, onde a juventude esquecida pela mídia e suspeita pela polícia, ganhava a cena.

Ressaltamos que, não se trata de fazer comparações com os modelos de organização das juventudes das classes alta, média e baixa, nem de emitir julgamento de valor, mas de mostrar que a juventude pobre se organiza, não apenas para roubar e matar, como indicam as estatísticas e a mídia, mas para lutar para se fazer ouvidas e respeitadas.

Sobre a aparente ou real desmobilização dos(as) jovens, Abramo (2003, p.14) apresenta algumas considerações que nos ajudam a entender a organização juvenil nos dias de hoje. Em primeiro lugar, essa não é uma característica que deve ser atribuída apenas aos jovens, “pois o que parece acontecer é uma espécie de decréscimo de mobilização, politização e participação da sociedade no seu conjunto”. Por outro lado, a percepção de apatia dos(as) jovens pode ser contraposta a uma série de sinais de interesse e atuações significativas, diferentes dos formatos tradicionais de participação.

A construção de novos formatos de organização juvenil pode ser motivada pelo descrédito nas instituições do sistema político e judiciário, da polícia, do exército e de outras instituições sociais, em virtude da percepção de uma corrupção generalizada e a predominância de interesses privados nas instâncias de execução pública, fenômeno que Abramo (2003) lembra não ser apenas dos(as) jovens. Também pela constatação de que muitas destas

instituições sociais abrem para a participação dos(as) jovens na execução de determinada atividade, mas não para definir e tomar decisões, além de muitas das convocações não partirem de demandas colocadas pelos(as) próprios(as) jovens.

Mas apesar da utilização de uma hermenêutica diferenciada²¹ e das dificuldades encontradas para a participação dos(as) jovens, começa-se a

(...) perceber a existência de diferentes formas de mobilização entre os jovens, que vão desde a recusa passiva, postura que, mais que uma manifestação de apatia, contém a emissão de recados críticos à sociedade (que também pode ser interpretada como impugnação, como repulsa a um sistema do qual se sentem excluídos), até uma participação política que propõe mudanças (em movimentos estruturados, partidos, sindicatos etc), passando pela participação individual ou grupal em organizações comunitárias, ou em torno dos mais diferentes tipos de causas, que podem ir das mais locais às mais planetárias, como voluntários em distintos tipos de atividades organizadas por diferentes tipos de instituições, participação em movimentos informais dos mais distintos tipos, em grupos de lazer, em movidas culturais, em "tribos", assim também, (...), em formas violentas e disruptivas com relação à ordem e segurança social, como no caso das pandillas e algumas torcidas organizadas de esporte (Abramo 2003, p.19).

Essa diversidade de formas de organização e participação dos(as) jovens, se por um lado, significa que essa geração vivencia uma forma diferente de acercar-se dos temas públicos e adota novas modalidades de participação, por outro lado, torna possível a visibilidade de questões trazidas pela juventude pobre das grandes cidades e do campo, até então, ofuscadas pela juventude organizada no movimento estudantil e partidário (Abramo, 2003).

O que quer dizer que o que se perdeu não foi a capacidade dos(as) jovens em apresentar respostas aos problemas de seu tempo, mas um modelo de participação,

(...) que devido à sua importância na história política e social do país teria configurado também a própria idéia que fazemos do que é a juventude brasileira, e a partir deste modelo teríamos passado a buscar nas gerações atuais algo que não faz parte de sua realidade (Machado, 2003, p. 10).

²¹Segundo Arce (1999), o que nos(as) jovens pobres é quadrilha, arrastão ou alguma caracterização que referencia-se à criminalidade, nos(as) jovens das classes média e alta, é chamado de clube, grupo de jovens, reunião, encontro, convivência.

Consideramos, pois, que para entender a “realidade” da organização e atuação do movimento juvenil e, até mesmo, para discutir sobre a existência ou não deste tipo de movimento, é importante compreendermos a organização da sociedade e, principalmente, dos movimentos sociais contemporâneos.

2.3 Os movimentos sociais na contemporaneidade

Mas o que é movimento social? Quais os elementos necessários para que uma organização coletiva seja considerada movimento social? Como os movimentos se apresentam na atualidade? Partimos do entendimento de que não há uma definição única e universal, como também, que as definições não são estáticas, eternas. Como os movimentos sociais não possuem uma trajetória linear, os conceitos e elementos teóricos construídos sobre os mesmos precisam acompanhar suas dinâmicas.

Assim como é possível encontrarmos diferentes interpretações sobre o que é um movimento social. Segundo Gohn (2004) essa diversidade decorre de três fatores: mudanças nas ações coletivas da sociedade civil- conteúdo, práticas, formas de organização e bases sociais; nos paradigmas de análise dos pesquisadores; e na estrutura econômica e nas políticas estatais.

Sherer-Warren (1999) defende que para analisarmos as possibilidades de formação de sujeitos coletivos no contexto da globalização, é necessário entendermos quatro cenários:

- 1) A homogeneização da cultura: apesar da corrente idéia de que há uma hegemonia da política neoliberal que estaria provocando uma homogeneização pelo consumismo e pela cultura de massa, há, por outro lado, uma modernização seletiva, que permite reconstruir, com base na sociedade civil e no Estado, um multiculturalismo democrático.
- 2) A fragmentação da vida societária é considerada por muitos como a supremacia do neoliberalismo, relacionando-se ao fim das utopias e das ideologias, a instituição do aqui e agora, do individualismo e do cenário de crise dos movimentos sociais;

- 3) As reações fundamentalistas que resultam na reafirmação de fundamentalismos tradicionais e a criação de novos- regionais, étnicos, religiosos e políticos;
- 4) A hibridação cultural e identitária constitui-se na possibilidade do intercâmbio ecumênico entre várias culturas, implicando a realização de uma solidariedade cosmopolita e resultando na criação de uma sociedade civil planetária.

Essa multiplicidade de cenários resultantes do processo de globalização, ainda que se apresente de forma diferente nas sociedades nacionais e regionais, pode se cruzar num mesmo contexto social, fazendo com que os sujeitos sociais se constituam com base nas relações que estabelecem e desenvolvem em um cenário multifacetado:

Conseqüentemente, as práticas sociais, que visam a transformação, a emancipação ou a mudança civilizatória, relacionam-se simultaneamente com os processos de homogeneização coletiva; com os apelos à individuação e sua radicalização expressa na fragmentação da vida social; com a reafirmação ou criação de fundamentalismos e, finalmente, com agentes de inovações abertos ao ecletismo, á alteridade e ao pluralismo político-cultural. Múltiplas dimensões que se põem como novos desafios metodológicos à análise dos movimentos contemporâneos (Sherer-Warren, 1999, p. 14).

Desta forma, as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais ocorridas, e a multiplicidade de cenários na atualidade, resultam em transformações nas formas de organização e atuação dos movimentos sociais e, conseqüentemente, nos recursos metodológicos utilizados, até então, para compreensão das práticas sociais.

Diante destas transformações, Touraine (1998) questiona sobre a utilização do termo movimentos sociais na atualidade, considerada por ele como sociedades de informação. Seu argumento com relação ao uso do termo examina duas críticas que são feitas, a saber:

A primeira crítica considera que a idéia de movimento social é menos uma categoria propriamente analítica do que uma categoria de natureza histórica, ou seja, os movimentos sociais estão ligados à sociedade industrial e dizem respeito, principalmente, ao movimento operário da primeira metade do século XX.

Já a segunda enfatiza o deslocamento dos espaços e mecanismos de conflito, pelos fenômenos de globalização. Como nas sociedades de informação, os movimentos e adversários não podem mais ser descritos e compreendidos em termos sociais, é preferível substituir a expressão movimentos sociais por movimentos culturais:

(...) indicando um deslocamento dos conflitos para a ordem simbólica e, ainda mais importante, definindo o que deve ser defendido e o que deve ser combatido, em termos não mais propriamente sociais (p. 24).

A luta e o conflito passam a ter um caráter mais simbólico e as questões que afetam a sociedade ampliam-se para as questões culturais. Bem como, são exigências morais, éticas que estão em cena, no que se refere a concepção de direitos humanos.

No entanto, apesar de achar que as críticas têm fundamento, Touraine defende a utilização do termo movimentos sociais na atualidade, “porque se trata ainda de conquistar ou reconquistar um espaço social” (p. 24). Apesar das diferenças existentes entre a sociedade industrial e as sociedades de informação, o autor considera que a continuidade da análise sociológica é mais importante do que a observação das diferenças que existem entre os dois tipos de sociedade.

Safira Ammann (1991) traz alguns elementos que nos ajudam a pensar nas características do movimento social. Em primeiro lugar, o elemento constitutivo dos movimentos sociais é a contestação. É a contestação, o protesto, o ponto de clivagem dos movimentos sociais. A autora adverte que coletividades de caráter promocional não são movimentos sociais se não têm caráter contestatório, como acontece nos grupos de jovens que praticam esporte, clubes de mães que aprendem a costurar, analfabetos que aprendem a ler, ou mesmo, em associações de moradores que assumem caráter reivindicatório, promocional, não contestatório.

Em segundo lugar, os movimentos sociais contestam determinadas relações sociais, no contexto das relações de produção. Terceiro lugar, os protagonistas desses movimentos podem ser as classes sociais, etnias, partidos políticos, regiões, religiões, dentre outros, o que significa que nem todo

movimento social tem caráter de classe. E por último, nem todo movimento social luta pelo poder, seus objetivos de luta podem ser a transformação ou, mesmo, a preservação de relações sociais dadas, quando estas encontram-se ameaçadas.

Desta forma, Ammann (1991) conclui que, movimento social “é uma ação coletiva de caráter contestador, no âmbito das relações sociais, objetivando a transformação ou a preservação da ordem estabelecida na sociedade” (p. 22).

Sherer-Warren (1999) na busca por conceituar o movimento social, no cenário de mundo globalizado, diz que é preciso distinguir o movimento social das categorias associativismo civil e sujeitos sociais.

O termo sujeito social refere-se à relação de responsabilidade e de auto-criatividade positiva que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com a sociedade em que vive: “é a idéia do sujeito-no-mundo ou do cidadão-no-mundo” (p. 15). Essa construção dos sujeitos sociais se dá através de relações sociais, contendo os princípios de autonomia, autocriatividade, alteridade, reconhecimento e respeito ao outro e à diversidade, em um mundo construído coletivamente e referenciado por valores que se universalizam. Já as associações civis compreendem formas organizadas de ações coletivas, criadas pelos sujeitos sociais em torno de identificação e de propostas comuns. A exemplo, encontram-se as associações de moradores, ONGs, grupos de jovens, de mulheres etc.

Enquanto que o movimento social:

é um conjunto mais abrangente de práticas sociopolítico-culturais que visam a realização de um projeto de mudança (social, sistêmica ou civilizatória), resultante de múltiplas redes de relações sociais entre sujeitos e associações civis. (Sherer-Warren, 1999, p. 15).

O que significa que movimento social, é a síntese de inúmeras práticas produzidas em conjunto pelos sujeitos sociais e as associações civis, na busca por transformações, o que, segundo a autora, possibilita-nos falar em uma diversidade de movimentos: pela paz, feminista, negro, dentre tantos outros.

Consideramos que os autores(as) trabalhados nos trazem elementos e reflexões importantes sobre os movimentos sociais contemporâneos. Mas,

justificamos que na nossa opção teórica sobre movimento social, compartilhamos com Gohn (2004), que o “movimento social refere-se à ação dos homens” (p. 247) e mulheres na história, onde esta:

(...) envolve um fazer- por meio de um conjunto de procedimentos- e um pensar- por meio de um conjunto de idéias que motiva ou dá fundamento à ação. Trata-se de uma práxis, portanto (p.247).

A autora considera que podemos ter duas acepções básicas sobre movimento. Uma ampla, que se refere às lutas sociais dos homens e mulheres, e que independe do paradigma teórico adotado. Sua categoria básica é a de luta social, tendo esta um caráter cíclico, de acordo com a “dinâmica do conflito social, da luta social, da busca do novo ou reposição/conservação do velho” (p.248). E outra restrita, que se refere a movimentos sociais específicos, datados no tempo e localizados em determinado espaço e cuja categoria é a de força social.

Destas colocações, Gohn (2004) apresenta dois elementos contemporâneos necessários para a construção do conceito de movimento social: o primeiro elemento é o de luta social, ao invés de luta de classe, pelo fato das classes sociais se constituírem como uma das formas, não a única, de agrupar as ações dos sujeitos sociais na história. E é a centralidade da categoria luta social que explica-nos a:

(...) existência de movimentos sociais em vários segmentos da sociedade. Eles estão em luta na defesa de seus interesses, buscando conquistas ou resistindo às mudanças que solapam conquistas anteriores. Sempre atuam em áreas de conflitos” (p. 250).

Desta forma, a autora aproxima-se da idéia de Ammann (1991), de que há movimentos sociais formados tanto pelos setores subordinados quanto dos setores dominantes.

Apesar de reconhecer que, atualmente, a categoria classe social não é central para a organização de muitos movimentos, acreditamos na importância desta categoria para o entendimento do tipo de movimento juvenil estudado, formado por jovens, moradores(as) das áreas de baixa renda da cidade do Recife.

O segundo elemento refere-se à categoria força social. A força social de um movimento resulta das carências, legitimidade da demanda, poder político das bases, cenário conjuntural e cultura política do grupo, gerando o campo de forças do mesmo. No entanto, as condições para que um movimento tenha menor ou maior força social dependerá do lugar do conflito social no cenário da luta social geral.

Sendo assim, os movimentos sociais expressam as relações de poder existentes na sociedade civil e, independente de suas demandas, sempre se desenvolvem num contexto de correlação de forças. Gohn (2004) os definem como:

(...) ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil (p. 251).

Eles apresentam um caráter político e politizam suas demandas socioeconômicas, políticas e culturais, inserindo-as na esfera pública da luta política. São coletivos que neste processo de ação sociopolítica desenvolvem uma identidade, apresentando-se como atores coletivos.

A articulação entre os diferentes sujeitos envolvidos no movimento é construída, tendo como princípio a solidariedade, a partir de valores e ideologias na trajetória do movimento, ou de tradições compartilhados pelos(as) membros.

No entanto, a existência de um sentimento de solidariedade não significa a anulação das diferenças e conflitos internos. Melucci (2001) diz que, apesar dos movimentos se apresentarem com certa unidade externa, eles constituem-se em “fenômenos heterogêneos e fragmentados” (p.29) e que, freqüentemente, investem energia em manter unidas as diferenças.

O movimento não se limita ao envolvimento e participação de indivíduos que o integram. Uma diversificada rede de bases demandatárias, assessores (as), lideranças e uma série de outras entidades sociopolíticas somam-se ao movimento, a partir da “identificação, em termos de carência (material ou moral) e/ou desejo de mudança de uma dada realidade social; como pode

haver identificações parciais em função de certos objetivos estratégicos” (Gohn 2004, p. 253).

2.4 O movimento juvenil

Mas, afinal, existe ou não um movimento juvenil? Esse é um dos principais questionamentos que surge nas conversas e rodas de diálogo sobre juventude. Por outro lado, poucos textos são encontrados sobre a temática. E, os que encontramos, ou negam sua existência ou dizem que não devemos nos basear nos teóricos para tentar responder esta pergunta.

Porém, entendemos, assim como Mesquita (2005, p.1), que:

(...) questionar a capacidade da juventude se organizar espontaneamente e a existência de um movimento juvenil é cair no equívoco de se questionar a capacidade de se organizar da própria sociedade e a existência de seus movimentos sociais.

Dito isto, não nos propomos a fazer comparações sobre a atuação dos movimentos sociais tradicionais e a dos(as) jovens, criando um padrão ideal de organização e ação. Mas, consideramos que compreender a organização e atuação do movimento juvenil contemporâneo passa também pelo entendimento da organização da sociedade e atuação dos movimentos sociais, em especial.

Sobre a organização dos(as) jovens, Mesquita (2005) destaca três formas: 1) A presença da juventude em movimentos sociais; 2) O Movimento pela juventude; 3) O Movimento de juventude.

A primeira forma diz respeito à presença da juventude em movimentos sociais. Nos diferentes tipos de movimentos, há tanto um chamado para a participação juvenil, ainda que seja para compor a base, como também há uma identificação de muitos jovens com diferentes questões sociais, políticas, culturais, ambientais, que os(as) fazem participar dos movimentos.

Destacamos como exemplo da participação da juventude em movimento social, o Coletivo Nacional de Juventude do MST- Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. Acrescentamos que essa participação da juventude também se estende para os partidos políticos, como é o caso da UJS- União da

Juventude Socialista²² do PC do B- Partido Comunista do Brasil, a Juventude do PT- Partido dos Trabalhadores²³, Juventude Democrata²⁴.

Ainda considerada baixa a participação dos(as) jovens, por parte dos organismos e movimentos políticos, Abramo (1997) diz que isso reflete mais uma preocupação com a renovação de seus quadros do que em tratar temas apontados pelos(as) próprios(as) jovens, como também vem acompanhada de um diagnóstico que identifica nos(as) jovens um desinteresse pela política, como resultado do individualismo e do pragmatismo.

No entanto, o aparente baixo associativismo não é um privilégio dessa faixa etária, como já dissemos anteriormente, e nos adverte Venturi e Bokany (2005, p.357), pois em poucos casos, os dados sobre a população adulta superam as baixas taxas de participação encontradas nos(as) jovens. A não ser na filiação aos sindicatos, o que se “explica pelo alto desemprego e pela precarização das relações de trabalho que atingem a população jovem”.

Destacamos que, em muitos casos, predomina a relação inter-geracional nos movimentos sociais. Aos jovens, participantes dos movimentos, cabe ajudar nas mobilizações e se preparar para assumir os cargos de futuros dirigentes.

Outra forma é a organização do Movimento pela Juventude, considerada por Mesquita (2005, p.1) como “uma grande articulação, formada não apenas por jovens, mas também por outros atores interessados, que lutam pela juventude e seus direitos”. Este movimento tem como características principais: não se restringe à juventude, luta pelos direitos da juventude e pela formação e transformação dos(as) jovens, mas ainda herda a relação inter-geracional no estilo educador-educando.

E como terceira forma de organização juvenil, que constitui o objeto de nossa pesquisa, o autor destaca o Movimento de Juventude, composto por jovens e grupos juvenis.

Segundo Mesquita (2005, p.1), os grupos surgem, na maioria dos casos, por uma vontade de fazer algo em conjunto:

²² Par a maiores informações, acessar: www.ujs.org.br

²³ Par a maiores informações, acessar: <http://www.jpt.org.br>

²⁴ Par a maiores informações, acessar: <http://www.juventudedemocratas.org.br>

Algo que pode estar relacionado a questões tanto mais efêmeras e pontuais, para as quais aparecem e desaparecem grupos juvenis todo o tempo, como também a questões mais duradouras, geralmente na busca de transformar ou mudar relações ou problemas nos quais estes jovens que se organizam enfrentam e se inquietam no seu dia a dia, formando grupos e organizações juvenis mais sólidas.

Ao contrário do movimento pela juventude, o movimento de juventude não limita suas lutas às questões específicas deste segmento, mas luta por “tantas causas quanto luta a própria sociedade” (MESQUITA, 2005, p.2).

Apresenta as seguintes características: é um movimento de jovens organizados, de grupos e organizações juvenis; possui composição diversa e heterogênea; unem-se pelos desafios comuns que enfrentam; têm diferentes naturezas e causas; sua luta é ampla e voltada para mudanças na sociedade.

Venturo (apud Abramo, 2003) considera que mais do que movimentos juvenis, assistimos ao aparecimento de movidas juvenis, sendo estas experiências sociais não centralizadas institucionalmente nem politicamente, que difundem novos conteúdos políticos culturais. Tendo destaque para as tribos musicais (rock, hip hop, reggae), práticas de produção de informação e criação cultural (histórias em quadrinhos, fanzines²⁵, festivais de teatro).

Entretanto, discordamos do autor, por considerarmos que as transformações ocorridas nos formatos organizacionais dos movimentos juvenis e o surgimento de novas experiências de organização dos(as) jovens não modificam seu caráter de movimento social.

Segundo Gohn (2004) este tipo de movimento é caracterizado²⁶ como Movimentos Sociais construídos a partir das características da natureza

²⁵ Segundo Jansen (2008), o “fanzine” é uma publicação alternativa, uma forma independente de produzir informação. No que diz respeito à origem da palavra, ela é o resultado da contração de duas palavras de origem inglesa: fanatic (que em português quer dizer fã), mais magazine (que em português quer dizer revista). Seu surgimento data da década de 1930, nos Estados Unidos, quando começou a ser produzido por fãs de ficção científica, que encontraram nesta forma de publicação um meio de trocar idéias e informações sobre seus filmes e revistas favoritos. Mas foi nos anos de 1970, com o movimento punk e sua filosofia do “Faça você mesmo”, que o fanzine se popularizou pelo mundo afora.

²⁶ Como a autora considera a existência de movimentos de diferentes classes sociais, o que indica o caráter do movimento é o tipo de ação social, sendo apresentadas mais quatro categorias: Movimentos construídos a partir da origem social da instituição que apóia (religiosos, político-partidários, sindicais, estudantis); os construídos a partir de determinados problemas sociais (movimento pela saúde, pela habitação, ecológicos); os que foram criados em função de questões conjunturais (insurreições, revoluções); e os movimentos sociais construídos a partir de ideologias (marxismo, cristianismo, anarquismo) (Gohn 2004).

humana: sexo, idade, raça e cor. E que tem ganhado centralidade sobre outras lutas sociais na era da globalização, em virtude de sua natureza universalizante.

Considerando a existência do movimento juvenil, entendemos, com base em Gohn (2004), que o movimento juvenil refere-se a ações sociopolíticas protagonizadas por sujeitos sociais, pertencentes a diferentes classes sociais, tendo como identidade o fator geracional, o fato de se identificarem enquanto jovens. Estas ações são articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil.

No entanto, como esclarece Mesquita (2005), suas lutas não se reduzem à defesa coletiva das questões juvenis, mas somam-se a um conjunto de elementos, compartilhados por outros movimentos sociais, como às questões de classe, de gênero, de raça e de etnia, na busca por transformações sociais ou mesmo pela manutenção destas.

2.5 A organização do movimento juvenil na contemporaneidade

De que forma o movimento juvenil se organiza? Qual a relação que mantém com os formatos organizacionais da sociedade? Quais suas dificuldades e potencialidades?

Sherer-Warren (2006), entendendo que vários são os níveis de representação dos interesses da sociedade nos dias de hoje, apresenta três destes níveis, que nos ajudam a compreender como a juventude, por sua vez, tem se organizado.

O primeiro deles, diz respeito ao associativismo civil, que são as expressões locais e/ou comunitárias da sociedade civil organizada, como as associações civis, os movimentos comunitários e sujeitos sociais, envolvidos com causas do cotidiano.

Sobre este tipo de organização, Abramo (2003, p.30) destaca os seguintes tipos de organizações juvenis: a) As organizações pequenas e de base local, compostas pelos grupos de bairro, esportivos, culturais, que desenvolvem ações mais voltadas para a comunidade. E que se transformam

em “importantes espaços de solidariedade e orientação para os(as) jovens mais excluídos, além de celeiros de geração de soluções comunitárias”. Neste caso, destacamos o Movimento Cultural Boca do Lixo (MCBL)²⁷; b) As organizações pequenas que buscam atuar em torno de condições específicas como os(as) jovens envolvidos em *pandillas*²⁸, os(as) afetados pela violência ou os grupos que se unem em torno de iniciativas de solidariedade. A característica destes grupos é a ambigüidade entre o caráter de representação e o de atenção a outros jovens. Destes, destaca-se o surgimento de ONGs juvenis, como foi o caso da Academia de Desenvolvimento Social²⁹, formada por jovens que, institucionalmente, desenvolviam projetos dirigidos a outros jovens; c) Organizações que atuam na dimensão cultural e comunicativa. Estas, são menos formalizadas e apresentam pouca aspiração à representação e participação nos espaços politicamente instituídos, como também são muito difusas e efêmeras.

Sherer-Warren (2006) diz que estas articulações não se limitam ao local, buscando organizar-se nacionalmente e através de redes transnacionais ou articulações inter-organizacionais.

²⁷ O Movimento Cultural Boca do Lixo surgiu, em 1995, a partir da organização de bandas de rock, existentes na comunidade de Peixinhos, em Olinda-PE, com objetivo de expor suas músicas no bairro. Na perspectiva de fortalecer a relação com a comunidade, o Movimento iniciou um trabalho de articulação e visibilidade das diversas expressões culturais- música, poesia, dança, música, artes plásticas, existentes no bairro. A atuação se amplia e o MCBL protagoniza lutas importantes na comunidade, como a reforma do antigo matadouro de Peixinhos, que passa a se chamar, Nascedouro de Peixinhos, e a instalação da Biblioteca Comunitária. Em 2000, o Movimento se institucionaliza em uma ONG. Destacamos que o Movimento Cultural Boca do Lixo foi um dos movimentos que participou da organização e integrou o Fórum das Juventudes Recife/PE. <http://www.moisesneto.com.br/peixinhos.pdf>; http://www.folhape.com.br/fohape/materia.asp?data_edicao=11/02/2008&mat=81077, acessado em 10.10.08.

²⁸ A *pandilla* constitui-se em um grupo de pessoas que compartilham amizade, ideologias e filosofia comuns, o que as leva a fazer atividades em grupo, que podem ir desde a festas em grupos a realizar ações violentas. Na maioria dos casos, o termo é usado para se referir a grupos, bandas e tribos urbanas que realizam atividades violentas. (WIKIPÉDIA - A Enciclopédia Livre). Consultar: <http://es.wikipedia.org/wiki/Pandilla>, acessado em 10.10.08.

²⁹ A Academia de Desenvolvimento Social é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos e sem vínculos políticos, partidários e religiosos. Foi criada, em 1999, com a missão do desenvolvimento social, através do fortalecimento institucional das organizações do terceiro setor e do desenvolvimento da juventude, estimulando e fortalecendo o empreendedorismo social do(a) jovem. Dentre os projetos desenvolvidos, destacamos a Incubadora Social, voltado para estimular e fortalecer o empreendedorismo entre os(as) jovens. <http://integracao.fgvsp.br/projetos30.htm>, acessado em 05.11.08. O Fórum das Juventudes Recife/PE foi um dos movimentos que participou deste programa e manteve uma parceria com a Academia de Desenvolvimento Social para o fortalecimento de suas ações.

O segundo nível é formado pelas articulações inter-organizacionais, destacando-se os fóruns da sociedade civil, as associações nacionais de ONGs e as redes de redes, que “buscam se relacionar entre si para o empoderamento da sociedade civil, representando organizações e movimentos do associativismo local (Sherer-Warren, 2006, p. 111). É através deste formato organizacional que se dá a interlocução entre a sociedade civil e o Estado.

Registramos que do ponto de vista dos movimentos juvenis, este tipo de organização, é relativamente nova. Os primeiros fóruns da juventude- Recife, São Paulo e Uberlândia, foram criados no início dos anos 2000. Mas atualmente, encontramos uma diversidade de experiências de fóruns juvenis, como: Fórum da Juventude Negra, Fórum Social da Juventude, Fórum Nacional de Organizações e Movimentos Juvenis (FNOMJ), dentre outros.

Os fóruns da juventude se constituem em “um espaço múltiplo e público” onde a juventude se reúne para

(...) discutir sobre diferentes assuntos através de debates temáticos, criação de agendas e pautas de discussão, articulação política, social, cultural e econômica, proposição e organização de atividades coletivas (MESQUITA, 2007, p. 1).

Diferentes são os formatos adotados pelos fóruns. Existem os que são formados por indivíduos, outros por grupos e organizações juvenis, e outros são mistos. Alguns possuem abrangência local - bairro ou município - outros micro-regional, estadual ou regional, há ainda os que têm abrangência nacional e até internacional. Uns se institucionalizam como pessoa jurídica, enquanto outros rejeitam este tipo de formalidade. Uns restringem sua participação ao movimento juvenil, enquanto outros, ampliam para representantes do governo e outros sujeitos da sociedade civil. Há também os que são criados pelos(as) próprios(as) jovens, outros pelo governo (MESQUITA, 2007).

Independente dos formatos, o autor considera que os fóruns da juventude vêm sendo verdadeiros catalisadores da organização e fortalecimento do movimento juvenil. E a possibilidade de articulação destes fóruns muito se deve à viabilidade da internet, que permite a criação dos fóruns virtuais e a comunicação cotidiana dos movimentos (SHERER-WARREN, 2006).

No caso do terceiro nível, encontram-se as mobilizações na esfera pública, fruto das articulações de atores dos movimentos sociais, das ONGs, dos fóruns e redes de redes, mas que os transcendem através de grandes mobilizações na praça pública, na perspectiva de dar visibilidade a questões e lutas destas articulações, pressionando politicamente o Estado e a sociedade, em geral.

Em Recife, um coletivo de grupos juvenis realizou o ato público “Todas as juventudes têm a nossa cara”, em 2005, com o objetivo de trazer às ruas as diversas formas de expressões e organizações juvenis. Como também a juventude tem participado de inúmeras manifestações públicas como: a Marcha pela Reforma Urbana³⁰ (2005), o Grito dos Excluídos³¹, dentre outros.

E como resultado de todo esse processo articulatório, se constitui a rede de movimento social, pressupondo a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores objetivos ou projetos em comum, definindo seus valores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas ou transformadas:

A idéia de rede de movimento social é, portanto, um conceito de referencia que busca apreender o porvir ou o rumo das ações de movimento, transcendendo as experiências empíricas, concretas, datadas, localizadas dos sujeitos/atores coletivos (SHERER-WARREN, 2006, p. 113).

Essa rede de movimento social ou sociedade das redes, como define Castells (apud Sherer-Warren, 2006), é formada a partir da necessidade de articulação sentida pelo associativismo localizado ou setorizado e pelos movimentos de base locais na perspectiva de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania. Isso se dá na mediação, através dos fóruns e redes, entre movimentos localizados e o Estado, como também na construção de redes de movimento autônomas.

Sherer-Warren (1993) destaca as características das redes de movimento: a) constitui-se em uma articulação de atores e movimentos sociais e culturais, que podem ocorrer de forma diversificada e por múltiplas razões; b) a transnacionalidade, que possibilita a sustentação material por parte das redes

³⁰ Organizada pelo Fórum Estadual de Reforma Urbana de Pernambuco

³¹ Manifestação realizada todos os anos, em 7 de setembro, pelos movimentos sociais.

de financiamento internacionais, como também a discussão das prioridades e estratégias de luta; c) o pluralismo organizacional e ideológico, expresso pela participação dos sujeitos sociais em várias organizações ou redes e da incorporação de sujeitos com concepções ideológicas partidárias variadas; d) atuação nos campos cultural e político, no sentido de formação de novos valores em relação ao binômio liberdade e sobrevivência.

O caráter multiforme das redes possibilita a aproximação de sujeitos sociais diversificados, o diálogo de interesses e valores, e a defesa de um sujeito plural, considerando múltiplas dimensões do *self*- de gênero, étnica, de classe, regional. Esse tipo de articulação tem sido um espaço privilegiado para a articulação das lutas por direitos humanos, através da Plataforma DhESCA (direitos humanos, econômicos, sociais, culturais e ambientais) na perspectiva de indivisibilidade desses direitos.

Como também tem propagado uma nova idéia de ativismo, alicerçada nos valores da democracia, da solidariedade e da cooperação. “O ativismo de hoje tende a protagonizar um conjunto de ações orientadas aos mais excluídos, mais discriminados, mais carentes, mais dominados” (SHERER-WARREN, 2006, p. 120,121).

No entanto, assim como existem nos movimentos sociais, por menor que eles sejam, as estruturas de poder, essas estruturas permanecem nas organizações em redes, embora haja uma tentativa em redistribuir esse poder. As redes, assim como qualquer relação social, estão impregnadas pelo poder, pelo conflito, como também pelas possibilidades de solidariedade, de reciprocidade e de compartilhamento, nos alerta Scherer-Warren (2006).

CAPÍTULO 3: A HISTÓRIA DO FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE

*Ninguém tá escutando o que eu quero dizer, ninguém tá me dizendo o que eu quero escutar, ninguém tá me explicando o que eu quero entender, ninguém tá entendendo o que eu quero explicar.
Gabriel, o Pensador*

3.1 Considerações sobre o registro da história do Fórum das Juventudes Recife/PE

“O Fórum tem várias teorias de como ele começou, cada um que tem a sua. Como a gente não sistematizou ainda, o Fórum não tem a historia dele, tem que cada um conta sua história”, disse-nos Fernando. O que nos motivou ainda mais a conhecer as diferentes versões, aparentemente, existentes sobre o processo de criação do Fórum, por parte dos(as) jovens.

Entendendo que os movimentos sociais vivenciam transformações- definição e redefinição de suas identidades, idéias, projetos políticos- sem que estas sigam uma linha linear, optamos por registrar a história do Fórum a partir de cinco momentos que representaram quebras, ao invés de nos determos no registro cronológico dos fatos. São estes os momentos:

- 1) Construindo um sonho: a articulação entre Jovens, Estado e ONGs;
- 2) Organizando o movimento: “O Fórum das Juventudes Recife/PE: uma experiência de autogestão em construção”
- 3) A articulação juvenil no processo de construção de Políticas Públicas de Juventude;
- 4) A experiência da Ouvidoria Jovem e da Casa da Juventude do Consórcio Social da Juventude;
- 5) O Fórum das Juventudes hoje: interrupção da experiência

Outra opção que fizemos foi de utilizar as versões dos educadores, apenas nos momentos que antecedem a entrada dos(as) jovens nas discussões da Prefeitura do Recife e, quando julgamos que suas narrativas nos dariam mais elementos para entender melhor determinado acontecimento descrito pelos(as) jovens.

Desta forma, grande parte da história do Fórum, registrada nesta dissertação, teve como base as versões e narrativas apresentadas pelos(as) jovens, retiradas das entrevistas, do Fórum virtual e dos documentos produzidos pelo movimento.

É importante dizer que, como os(as) jovens entrevistados(as) não participaram igualmente de todas as etapas do Fórum, a história da criação e a organização não é descrita da mesma forma nem com os mesmos detalhes. Em alguns momentos, existem versões que se completam, em outros, a sensação é de contradição da história. Como também há alguns acontecimentos que foram descritos por apenas um dos(as) entrevistados(as). Mas, como dissemos anteriormente, entendemos que, apesar das divergências em alguns momentos, os discursos dos(as) jovens entrevistados(as) trazem elementos e reflexões grupais (Martinelli, 1999).

Com relação ao registro das falas dos(as) jovens e educadores, retirados das entrevistas e das mensagens do Fórum virtual, procuramos preservar suas identidades, ocultando seus nomes, como também alguns trechos que permitiriam a identificação. Desta forma, os nomes foram trocados por nomes fictícios.

3.2. A história do Fórum das Juventudes Recife/PE

3.2.1. Construindo um sonho: a articulação entre Jovens, Estado e ONGs

No princípio, era o sonho: tecer uma grande rede de Juventude, articular as mais diversas expressões de organização de jovens, suscitar um amplo e vigoroso Movimento Juvenil... permitir que toda essa Juventude ou gama de juventudes, em conjunto, se ponha de pé, diga sua palavra e se faça escutar... (Veloso, 2003, p. 4).

É assim que começa a história do *Fórum das Juventudes Recife/PE*, como descreve Veloso (2003), como "um sonho", que nasce de uma articulação entre jovens, alunos(as) da rede municipal de ensino, alunos(as) de

projetos sociais de ONGs³² e jovens, participantes de grupos juvenis, proposta pela Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife.

Em 2002, ao assumir a direção da Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife, na primeira gestão do Prefeito João Paulo (2000-2004), a professora Édla Soares, convida os educadores Simão Neto e Reginaldo Veloso para montar um projeto de apoio às atividades, realizadas por organizações juvenis, nas escolas, a partir do programa de animação cultural, já realizado pelo DACD- Departamento de Atividades Culturais e Desportivas.

Como já existia o Programa de Animação Cultural, a idéia foi de fortalecer e ampliar as ações desenvolvidas pelo JEAC- Jovens, Educação e Animação Cultural³³, principalmente, a partir do FALE-Fórum de Acesso Livre ao Estudante. A representação deste fórum era feita a partir da escolha de alguns jovens, pelos(as) alunos(as), para compor o Núcleo Cultural que tinha como objetivo potencializar a organização dos(as) estudantes a partir dos grupos culturais.

Durante a discussão sobre o programa, no DACD, os educadores viram que não bastava apoiar as atividades dos grupos estudantis. Era preciso ampliar o olhar e a organização destes jovens para além da escola, “porque só a visão da escola não dava conta da visão de mundo” (Educador Eduardo). Como também, perceberam que esse projeto precisava ser discutido com outros sujeitos.

Assim, técnicos de outras secretarias da Prefeitura do Recife e educadores(as) de ONGs, que trabalhavam com juventude, foram chamados(as), pelo DACD, para contribuir na construção de um projeto que pudesse fortalecer a organização juvenil. A idéia inicial era de que a partir dos Núcleos Culturais e do FALE ampliar-se-ia o diálogo dos(as) alunos(as) com grupos juvenis. Mas, para isso, era preciso investir na formação dos(as)

³² Essas ONGs situam-se na classificação de Gohn (2004), como Organizações Não Governamentais Cidadãs, constituindo-se como entidades sem fins lucrativos que se orientam para a promoção e o desenvolvimento das populações das comunidades carentes, sendo suas relações baseadas em “direitos e deveres da cidadania” (p.303).

³³ Programa de animação cultural, voltado para adolescentes das escolas municipais do Recife, estudantes do ensino fundamental, realizado pelo DACD da Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife.

animadores(as) culturais, que eram os(as) estagiários da Prefeitura, para que estes estimulasse esta articulação.

Segundo o educador Eduardo, na época, a *Rede Jovem do Nordeste*³⁴ estava organizando o *Festival de Juventude do Nordeste*, essa articulação, até então, formada pelos(as) educadores(as) da Prefeitura e das ONGs, teve a idéia de utilizar este festival como espaço de encontro entre os(as) estudantes e jovens, ligados a diversos grupos juvenis do Nordeste. Com o apoio da Prefeitura, os(as) estudantes participaram também da organização do evento, que foi realizado, em 2001, no Sítio da Trindade³⁵.

Observa-se, desta forma, que anterior à articulação dos(as) jovens, uma articulação de adultos³⁶, na condição de educadores, foi criada para pensar e propor ações de fortalecimento da atuação e organização juvenil, inicialmente no espaço da escola, mas que, depois, foi ampliado para outros espaços sociais, a partir da proposta de criação do *Pró-Fórum da Juventude*.

Terminado o festival, a articulação era composta por educadores(as) da Prefeitura do Recife, ligada a diversas secretarias, e de ONGs, como também por jovens de quatro tipos: os que trabalhavam como educadores(as) no JEAC, alunos(as) das escolas municipais, alunos(as) de projetos sociais de ONGs e integrantes de grupos juvenis, chamada de *Pró-Fórum de Juventude*. Foi criado a partir da discussão da “necessidade de um espaço na cidade onde os jovens se encontrassem” (Marcela).

Para não perder a articulação dos(as) jovens e visando ampliar a experiência social e política destes, bem como na possibilidade de conhecimento de experiências de organização juvenil e interação com outros movimentos sociais, este coletivo propõe a ida para o *Fórum Social Mundial*, em 2002, em Porto Alegre-RS. Resultando em novas reuniões e articulações para conseguir as condições materiais para que essa viagem acontecesse.

³⁴ A Rede Jovem do Nordeste foi criada, em 1999, como proposta de articulação entre organizações juvenis do Nordeste. Dentre seus objetivos, destaca-se o fortalecimento da organização juvenil e de sua atuação, e a busca pelo melhor jeito de ser gente jovem. Regionalmente, existe um coletivo formado por representantes dos nove estados e, em alguns deles, existem coletivos estaduais. Recebe o acompanhamento da Escola de Formação Quilombo dos Palmares- EQUIP. Disponível em: www.equip.org.br/redes/jovens_ne, acesso em 10.09.08.

³⁵ Ressaltamos que nenhum dos(as) jovens entrevistados fazem referência a este festival.

³⁶ Segundo os(as) entrevistados(as), participaram desta articulação, as seguintes ONGs: ETAPAS, EQUIP, Centro de Cultura Luís Freire e Instituto Vida.

A Prefeitura do Recife alugou o ônibus e as ONGs ajudaram alguns jovens com dinheiro para as despesas da viagem. Os(as) jovens que foram para o FSM eram jovens educadores, público-alvo de ONGS, jovens de diversos programas da Prefeitura do Recife e integrantes de grupos juvenis.

No FSM, os(as) jovens ficaram acampados no Acampamento Intercontinental da Juventude³⁷, junto a jovens de diferentes lugares, estilos, credos, organizações.

A experiência da viagem ao FSM é descrita pelos(as) jovens como a maior experiência de suas vidas, como vemos nos relatos abaixo:

Foi a minha maior experiência da minha vida e imagino a de muitos outros jovens ali também. Começou quando eu cheguei no acampamento do Parque da Harmonia em POA³⁸, onde acontecia o I Acampamento Intercontinental da Juventude, um acampamento que reunia jovens de toda parte do mundo, eram milhares de barracas. (...) No percurso era possível ver vários grupos de jovens já fazendo roda de conversa, muita gente chegando. (...) a programação era variada, **a nós foi dada a autonomia de decidir qual atividade queríamos participar.** As pessoas se reuniam, corriam para participar das atividades, dos debates, oficinas, almoço era rapidinho, tinha gente que se encontrava na grama, outros cochilava[m] no colo do amigo na sombra das árvores, curtíamos o pôr sol que era belo. À noite, milhares de shows. Na hora do banho, fila, banheiros coletivos, banheiros individuais. **Era muita gente de diversos estilos, cor, credo, raça. Naquele acampamento a diversidade era a palavra que traduzia tudo, nunca vou me esquecer, lá se faz ter fé que outro mundo é possível** (Marcela).

Que praquela pessoal foi um boom. **Mudou completamente a vida deles e mudou completamente a forma deles perceberem o mundo, né. Eles viram lá super jovens politizados, super jovens organizados, que questionavam várias coisas no mundo e lá vai.** (Fernando).

Observamos que a participação no FSM possibilitou aos(as) jovens, mais do que sentimentos de esperança e fé, mas conhecer e se articular com jovens de diferentes lugares, de grupos e movimentos diversos, considerados

³⁷ O Acampamento Intercontinental da Juventude é realizado durante o Fórum Social Mundial, mas possui organização e pautas próprias. Teve início, em 2001, no Parque Harmonia, durante o FSM, em Porto Alegre, em virtude da participação nas atividades do Fórum serem restritas a representantes de entidades, e como proposta de transformar em práticas as alternativas discutidas pelo Fórum. A partir da 3ª edição, o AIJ passa a ser incorporado na grade oficial do FSM e sua organização agrega diferentes movimentos juvenis e sociais Disponível em: <http://lproweb.procompa.com.br/pmpa/prefpoa/acampamentofsm/default.php?p_secao=4>, acessado em 02.11.08.

³⁸ Porto Alegre- RS

como “super politizados, “super organizados”. Nesta afirmação, nos parece que os(as) jovens encontraram no FSM a figura e o estereótipo da juventude revolucionária, questionadora, tão divulgada na sociedade.

Além disso, a experiência de ter participado do Fórum Social Mundial, descrita por dois dos(as) jovens entrevistados(as), nos leva a refletir sobre como as viagens possibilitam a construção da relação de amizade e potencializam a organização de grupos e movimentos.

Mesmo que as viagens não tenham esta intenção, a vivência diária, a divisão de responsabilidades, de comida, de cuidado, as inúmeras conversas e decisões coletivas, com relação às paradas, à alimentação, dentre outras questões, principalmente, quando vivida em um ônibus, em virtude do número de dias, criam um clima de coletividade que, muitas vezes, resulta na criação de um grupo, como fica visível nos trechos abaixo:

E é aí que iniciou a história do Fórum, no ônibus, afinal nesse espírito de solidariedade, de cuidado e respeito compartilhamos tudo, sonhos, idéias, criamos laços e foram duas semanas ou mais de convivência bom tempo para entrelaçar nossas histórias, jovens, educadores, gestores (Marcela).

(...) aí essa viagem, e aí eu digo a todo mundo, **que essa viagem foi que fez nascer o Fórum**. Não foi nem a pesquisa Juventude é Atitude, foi essa viagem. **Porque foi ela que aproximou as pessoas**. Também viajar quatro dias, passar cinco dias, voltar todo mundo junto, tendo que decidir as coisas junto, resolver, resolver as arestas. **Tinha um cara do movimento partidário que pensava diferente do movimento estudantil, que pensava diferente do movimento cultural, que pensava diferente do cara da ONG, eram diferentes demais do menino da escola, né. Então juntar isso e possibilitar esse diálogo foi uma tarefa um tanto difícil, mas ao mesmo tempo muito boa**, porque era uma experiência com outros jovens que tinham que se entender mesmo e a vontade de todo mundo era se entender mesmo, ninguém queria ficar brigando por besteira não (Educador Eduardo).

Desta forma, tanto os(as) jovens como o educador Eduardo, consideram que foi a viagem ao FSM que fez nascer o *Fórum das Juventudes*. Fernando, inclusive, afirmou que a história do Fórum está muito vinculada às idas e vindas aos Fóruns Sociais Mundiais.

De volta a Recife, o *Pró-Forum* continua se reunindo. Durante as discussões sobre a ampliação desta articulação para outros(as) jovens da

cidade, sentem necessidade, primeiro, em conhecer a “organização juvenil das periferias da cidade do Recife” (Nóbrega, 2003, p.7).

Por isso, decidem fazer uma pesquisa, intitulada *Juventude é Atitude! Qual é a sua?*, com o objetivo de mapear as experiências de agrupamento juvenil das áreas de baixa renda, conhecer quem são e como vivem os(as) jovens que fazem parte de grupos juvenis, na perspectiva de mobilizá-los para participar do *Pró-Fórum*.

A pesquisa foi coordenada pelo DACD- Departamento de Atividades Culturais e Desportivas da Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife e contou com o apoio e assessoria do Centro de Cultura Luis Freire (Projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião- NEPSO), da Fundação Kellog's, do CIELA- Centro Interuniversitário de Estudos da América Latina, África e Ásia, Instituto Vida e Projetos Redes e Juventudes³⁹ (Nóbrega, 2003).

Dos(as) jovens que participavam do *Pró-Fórum*, 13⁴⁰ deles foram capacitados em pesquisa e responsáveis pela aplicação dos questionários, que foi pensado como instrumento de estímulo ao debate, à reflexão e ao intercâmbio com os(as) jovens integrantes de grupos variados.

Os(as) jovens pesquisadores(as) identificaram e entrevistaram 342 jovens, resultando no mapeamento de 79 grupos juvenis, distribuídos entre as 6 Regiões Político-Administrativas (RPA) do Recife, que atuavam nas seguintes temáticas:

³⁹ O Projeto Redes e Juventudes foi criado, em 2003, com a proposta de articular as instituições que desenvolviam projetos com jovens no Nordeste, financiados pela Fundação Kellog. Com o desenvolvimento das atividades, a articulação ampliou-se para os grupos juvenis. Em 2006, o projeto termina, mas resulta na criação da Rede e Juventudes.

⁴⁰ Os(as) jovens pesquisadores(as) eram ligados aos seguintes grupos/instituições: Graúna, Grupo Mulher Maravilha, JEAC Pedro Augusto, Biblioteca Nascedouro, Fórum dos(as) Alunos(as) (DACD), Juventude Operária Cristã, Pastoral da Juventude do Meio Popular Cúria Recife/Olinda, Agente Jovem Casa Amarela, Agente Jovem Torrões, Instituto Vida (Nóbrega, 2003).

Quadro 02: Relação entre temas e grupos juvenis mapeados na Pesquisa Juventude é Atitude! Qual é a sua?

Temas	Quantidade de grupos
Cultura ⁴¹	42 grupos
Religião	7 grupos
Atividades comunitárias	6 grupos
Atividades político-partidárias	5 grupos
Atividades estudantis	4 grupos
Escotismo	1 grupo
Sem especificação	1 grupo

Fonte: Nóbrega (2003)

Observa-se neste quadro, construído a partir dos resultados da pesquisa do *Pró-Fórum* e confirmada por outras pesquisas sobre a organização juvenil contemporânea⁴², que a cultura tem sido uma temática sobre a qual muitos(as) jovens têm se organizado.

Sabemos que a identificação de 79 grupos juvenis na cidade do Recife é um número pequeno em comparação com o universo juvenil. No entanto, consideramos que a pesquisa, realizada pelo, na época, *Pró-Fórum* de Juventude, possibilitou o reconhecimento de diferentes formas de organização juvenil e instigou muitas discussões sobre a juventude participante de grupos juvenis, entre estudiosos, jovens e educadores(as) em nível nacional.

Por outro lado, compartilhamos com Abramo (2003) da defesa de que se o fenômeno da organização juvenil não é tão numeroso, ele, muitas vezes, é bastante significativo para entendermos a atuação juvenil nos dias de hoje, não limitada às formas tradicionais de participação, tais como:

(...) as que se expressam pela filiação a partidos, sindicatos e organizações estudantis. No entanto, ações coletivas juvenis deixam de ser notadas ou valorizadas devido ao caráter descontínuo, tópico e muito frequentemente desprovido de ideologias facilmente reconhecidas- esquerda e direita, por exemplo- do qual se revestem (Ribeiro et all, 2006, p. 9).

⁴¹Nóbrega (2003) chama atenção para o número expressivo de grupos culturais que fazem referência a tradições africanas, indicando a relevância de questões étnicas nos marcos identitários e políticos dos(as) jovens.

⁴² Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas (2005)

Assim também, segundo Carrano (2006), os grupos de orientação religiosa, esportiva e artística representam o substrato do associativismo juvenil no país, mas que nem sempre suas ações são reconhecidas como políticas ou socialmente relevantes.

Mas a pesquisa sobre a organização juvenil na cidade trouxe resultados para além da discussão sobre a temática da juventude e dos movimentos juvenis. Para o *Pró-Fórum*, ela resultou no reconhecimento e visibilidade desta articulação, além de possibilitar a interação dos(as) jovens com os grupos juvenis da periferia do Recife, ampliando a participação no *Pró-Fórum*.

3.2.2. Organizando o movimento: “O Fórum das Juventudes Recife/PE, uma experiência de auto-gestão em construção”.

O segundo momento da história do Fórum corresponde ao período de organização do movimento, a partir da definição de seus membros e colaboradores, da construção da Carta de Princípios e da definição de seu nome.

Essa fase tem início na volta do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em 2003, como afirmam um dos(as) jovens entrevistados(as):

Quando a gente volta, a gente voltou numa crise tremenda, né. A gente voltou numa crise tremenda: ou essa historia acaba de vez ou a gente faz alguma coisa. Aí se juntou um grupo(...) e **a gente começou a pensar, foi tirada essa comissão pra gente começar a pensar que espaço era aquele que a gente tava querendo fazer. Aí foi quando surgiu a idéia de um Fórum, né** (Fernando).

Neste período, os(as) jovens voltam a Recife numa crise com relação ao *Pró-Fórum*. Os motivos desta crise não foram relatados, mas, a partir das mensagens do Fórum virtual de 2003, identificamos que os(as) jovens cobravam uma atuação do *Pró-Fórum* que ia para além da pesquisa, do planejamento e das discussões sobre sua organização.

Assim, uma comissão é organizada, formada pelos(as) jovens para decidir sobre os rumos e o futuro do espaço, que propõe a criação de um

Fórum e a construção da *Carta de Princípios*, que definiria o formato e a organização do movimento.

O processo de construção da *Carta de Princípios* do Fórum é descrito como um momento de tensão e crise, mas também de muita participação por parte dos(as) jovens:

E que veio a culminância com a carta de princípios do Fórum, que passou sete meses pra terminar. Sete meses e com muita crise, muito desgaste, muita briga dentro do Fórum, mas foi o momento mais efervescente que eu vi dentro do Fórum, que eu via o pessoal instigado: vamo[s] lá, e lá vai. Bastante instigado, brigando. E foi quando a gente começou a ver a importância daquele espaço (Fernando).

Conforme observamos no relato acima, é neste período de construção da carta que se vivencia um dos mais importantes momentos, onde os(as) jovens se mostram motivados a construir “o espaço” do Fórum.

Uma das principais questões definidas na *Carta de Princípios* diz respeito à composição do movimento, pois foram considerados como membros:

(...) aqueles que se consideram jovens, sem limite de faixa etária, independente de estarem ligados a um movimento ou organização, que se identifiquem com a diversidade e com as causas sociais; pessoas que tenham alguma ligação com ações que promovam um mundo melhor. Poderão participar também aqueles que não se consideram jovens, como colaboradores ou conselheiros, desde que se identifiquem com as causas sociais e da juventude. As instituições podem participar como parceiras, quando for solicitado (Carta de Princípios Fórum das Juventudes Recife/PE, 2003, p. 1).

Lembramos que, no *Pró-Fórum*, participavam jovens, ligados a rede municipal de ensino, a projetos sociais de ONGs, integrantes de movimentos juvenis e educadores(as), como também adultos- educadores(as), que discutiam, se posicionavam e decidiam como qualquer outro integrante.

Com a definição, na *Carta de Princípios*, de que os(as) membros(as) do Fórum seriam jovens, mesmo que independente de faixa etária, que os(as) adultos que assumissem posição de educadores(as) poderiam participar como conselheiros(as) ou colaboradores(as), além de colocar as instituições no papel de parceiras, muitas brigas e crises foram vividas na relação entre jovens e educadores(as). Principalmente porque não foram os(as) jovens quem deram

início a esta articulação. Ela nasceu de um desejo e de um sonho, como vemos no primeiro período, de educadores(as).

Como também se começa a configurar dentro do movimento as diferenças entre a base, as lideranças e as assessorias, que o compõem, considerados por Gohn (2004) como o princípio articulatório interno⁴³.

Esse processo de organização do Fórum é descrito pelos(as) jovens, como a luta pela autonomia juvenil, como observamos no relato abaixo:

(...) o Fórum começou a ter uma visibilidade enorme porque **foi a primeira vez que os jovens lutaram pra se apropriar do processo**, embora que não foi a gente que pensou, não foi a gente que sentiu essa necessidade. **Mas a gente se apropriou do processo. A gente chegou pro Y, chegou pra X, chegou pras ONGs, chegou pra Prefeitura e disse: Olha, quem vai conduzir esse processo é a gente, não são vocês mais não. E daí isso foi um boom assim. E um momento de muito conflito, porque foi quando a gente começou a dizer que queríamos ser jovens autônomos, e começou a perceber que a autonomia não ia ser dada, a autonomia ia ser conquistada.** E foi bastante conflito(...) e começou aquele processo perturbado, de muita confusão, por isso que a Carta de Princípios do Fórum durou 7 meses pra ser escrito (Fernando).

Além de decidir sobre a organização do espaço, os(as) jovens se posicionaram na direção do processo de estruturação do Fórum. Conforme o relato acima, percebemos que o rompimento com os(as) adultos(as) não foi algo tão simples, mas gerou muita crise, não apenas na relação com os(as) educadores(as) e instituições, mas, sobretudo, na relação entre os(as) jovens.

Como o Fórum tinha “pai, mãe e tios(as)” muito bem demarcados, como afirmou Fernando, alguns jovens achavam que os(as) educadores(as) deveriam continuar participando, enquanto outros(as), consideravam que eram os(as) jovens os(as) “donos do Fórum” (Anderson, mensagem e-grupos fojuve, agosto de 2003). Também não havia homogeneidade de pensamento entre os(as) educadores(as). Existiam tanto os(as) que se considerassem como “donos”, como os(as) que defendiam que “aquele era um espaço dos(as) jovens” (Educador Carlos).

⁴³ As bases demandatárias e as lideranças constituem-se como elementos nativos e internos ao movimento, enquanto que as assessorias, configuram-se como um elemento externo que agrega-se em algumas de suas etapas ou fazem parte da gênese constitutiva do movimento (Gohn, 2004).

Esse, no entanto, não era um caso de decidir apenas quem faria ou não parte do Fórum. Romper com os(as) educadores(as) e instituições, significava perder estrutura técnica, financeira e material.

Por isso, terminada a *Carta de Princípios*:

(...) quem tava coordenando o processo, entrou em crise, porque depois que a gente termina de construir tudo aquilo lá, os caras chegam pra gente e diz: não era isso que a gente tava pensando não. Vamo[s] rasgar e construir tudo de novo. Aí a galera disse: eu tô fora. Aí um disse: eu tô fora. O outro disse: eu tô fora. Isso foi a minha contribuição que eu queria dar pro Fórum, pronto, cabousse⁴⁴ (Fernando).

Essa crise, relatada por Fernando, resultou, por um lado, em críticas e na saída de alguns jovens, educadores(as) e instituições e, por outro lado, na defesa e orgulho dos(as) jovens que ficaram e dos(as) educadores(as) que aceitaram o papel de assessores(as).

A Carta, construída num processo de tensão e de anseios, representava mais do que os sonhos, representava as angústias e lutas dos(as) jovens pela autonomia, pela capacidade de decidir, “compreender e se expressar por conta própria” (Gohn 2005, p. 33).

Em muitos encontros de juventudes, os(as) jovens do Fórum, realizavam a oficina *Fórum das Juventudes Recife/PE: Uma Experiência de Autogestão em Construção*, que tinha como objetivo estimular reflexões sobre processos, etapas, formas e metodologias de construção coletiva e prática da experiência vivida pelo Fórum (Fojuve, e-grupos fojuve, outubro de 2003)

Por outro lado, a análise das mensagens do Fórum virtual, nos anos 2003 e início de 2004, período mais voltado para a organização do Fórum, possibilitou identificarmos muitas cobranças por parte dos(as) jovens com relação à sua capacidade de articulação, mobilização e atuação.

Como exemplo, destacamos que, ainda no processo de definição de “quem somos” (Fojuve, mensagem e-grupos fojuve, agosto de 2003) do Fórum, em 2003, um dos(as) jovens defendia que “o Fórum precisa morrer! Morrer para renascer! Mais ativo!” (Anderson, mensagem e-grupos fojuve, agosto de 2003).

⁴⁴ Do verbo: acabar.

As principais críticas, neste período, diziam respeito à baixa participação nas decisões e na execução das atividades, promovidas pelo Fórum; à grande quantidade de demandas externas assumidas, como viagens, seminários, resultando na pouca dedicação ao movimento; à falta de execução das ações planejadas, visível em um trecho desta mensagem:

(...) como sempre está super lotado de demandas externas (audiências, seminários, congressos, oficinas...). **Quando centraremos as atenções no próprio Fórum? É o seguinte galera: eu to cansado! Há quase três anos que é esse blá, blá, blá todo de planejamento e o que é o Fórum e coisa e tal. E no final das contas, o Fórum acaba não sendo nada! Ninguém faz nada, ninguém propõe ação nenhuma, ninguém reconhece o Fórum como possível rede de ações articuladas de verdade (falo coletivamente como Fórum, já que diversas pessoas fazem algumas coisas espalhadas por aí).** Eu tô cansado! (Anderson, mensagem e-grupos fojuve, janeiro de 2004).

Identificamos na narrativa dos(as) jovens uma angústia sobre a capacidade de atuação, enquanto *Fórum das Juventudes*. Os momentos dedicados ao planejamento, à discussão de questões internas, às articulações realizadas durante os momentos de audiências e de seminários, nos pareciam, em muitos momentos, não apenas na fala de Anderson, como perda de tempo, como “blá, blá, blá”.

Segundo o educador Marcos, essas exigências por parte dos(as) jovens sobre sua capacidade de mobilização, articulação e atuação do movimento, estavam relacionadas com as cobranças e exigências de alguns educadores(as) que acompanhavam o Fórum. Enquanto os(as) jovens estavam discutindo sobre a organização do movimento, os(as) educadores(as) falavam sobre a necessidade de atuação na luta pelas políticas de juventude.

Mas, junto às cobranças e crises internas, a vontade de fazer “algo junto”, os sentimentos de solidariedade e amizade, compartilhados pelos(as) jovens, fazem com que o movimento se estruture.

Assim, em junho de 2004, o Fórum promove uma grande festa no Armazém 14, no Marco Zero, na cidade do Recife, para lançar de forma oficial o *Fórum das Juventudes Recife/PE* e divulgar os resultados da pesquisa *Juventude é atitude! Qual é a sua?* e dos materiais produzidos a partir da pesquisa: duas cartilhas e um vídeo que materializava as angústias e

dificuldades enfrentadas pelos(as) jovens entrevistados(as), intitulado *Alto do Imalaia*⁴⁵.

3.2.3. A articulação juvenil no processo de construção de Políticas Públicas de Juventude

Motivados pelo processo de discussão e construção de Políticas Públicas de Juventude, deflagrados pela *CEJUVENT*⁴⁶- *Comissão Especial destinada a Estudar e Propor Políticas para a Juventude*, com o *Plano Nacional de Juventude*⁴⁷, e pela Presidência da República, com a instituição da *Política Nacional de Juventude*⁴⁸, jovens, grupos juvenis e instituições que trabalham com jovens, iniciam e/ou fortalecem articulações nos níveis locais, municipais, estaduais e nacionais.

A articulação do movimento pela juventude e de juventude (Mesquita, 2005), atuando em forma de rede, tem como objetivo “ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania” (Sherer-Warren, 2006, p. 113).

O que possibilitou para o movimento juvenil a troca de informações e materiais sobre as políticas de juventude; o repasse de documentos, produzidos nos estados e municípios; a construção de cartas abertas em nível

⁴⁵ O vídeo *Alto do Imalaia* conta a história de Judas, uma mulher, jovem, negra, pobre, moradora da periferia do Recife, artista plástica, que tem uma vida de lutas e dificuldades, semelhante aos jovens da cidade, ou melhor, das periferias do país. Judas, assim como muitos(as) outros(as) jovens, vivenciam a ausência de diálogo familiar, dificuldades na escola, descontentamento às formas de participação política tradicionais, a busca pelo primeiro emprego, sonhos de um mundo melhor e de um presente mais justo, dentre tantos outros sentimentos (Diodonis Lisboa In Cartilha Juventude é atitude! Qual é a sua?. Recife, Fórum das Juventudes Recife/PE, 2004).

⁴⁶ A CEJUVENT foi criada por Ato da Presidência da Câmara dos Deputados, em 7 de abril de 2003. Formada por 43 deputados federais, entre titulares e suplentes, que integram a Frente Parlamentar em Defesa da Juventude, teve a seguinte composição: Presidente: Reginaldo Lopes (PT-MG), 1ª Vice-Presidente: Alice Portugal (PC do B-BA), 2º Vice-Presidente: Lobbe Neto (PSDB- SP), 3º Vice-Presidente: Marcelo Guimarães Filho (PFL-BA) e Relator: Benjamim Maranhão (PMDB-MG). (CEJUVENT. Relatório Preliminar. Brasília, Câmara dos Deputados, 2003).

⁴⁷ Plano Nacional de Juventude (PL nº 4.530/2004)

⁴⁸ A Política Nacional de Juventude foi instituída por meio da Medida Provisória 238, assinada pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 01 de fevereiro de 2005, que consta da criação da Secretaria Nacional de Juventude, do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/secgeral/frame_juventude.htm>, acessado em 02.11.08.

nacional; como também a preparação de estratégias de atuação e controle social do Estado, principalmente, via internet.

No caso de Pernambuco, principalmente na Região Metropolitana do Recife, a articulação dos movimentos juvenis, jovens e instituições ocorreu através da *Roda Permanente de Diálogo sobre Juventude e Políticas Públicas*⁴⁹.

Na luta pela participação juvenil nos processos de construção de políticas públicas, a *Roda de Diálogo* se constitui em um espaço privilegiado de debate e reflexão sobre o tema juventude, de construção de propostas voltadas para as *Políticas Públicas de Juventude*, de interlocução com o Estado e da articulação de uma variedade de sujeitos sociais que se identificam com as causas juvenis.

O *Fórum das Juventudes*, enquanto integrante da *Roda de Diálogo*⁵⁰, no período de 2003 a 2006, desempenhou um importante papel de mobilização de jovens como também de divulgação e discussão das políticas de juventude, concretizando os objetivos da Carta de Princípios do Fórum:

Possibilitar a formação política de grupos e indivíduos; fiscalizar as propostas, programas e ações de políticas públicas voltadas à juventude, tanto dos gestores governamentais quanto das instituições da sociedade civil (...); **articular todos os grupos, movimentos e instituições que tenham alguma ação com ou voltada para a juventude** (Carta de Princípios Fórum das Juventudes Recife/PE, 2003, p. 1).

Ressaltamos que essa articulação foi facilitada pela internet, principalmente, através da utilização dos e-grupos, criados como redes virtuais dos movimentos, que possibilitaram o repasse de documentos e discussões virtuais entre jovens de diferentes lugares.

⁴⁹ A Roda Permanente de Diálogo sobre Juventude e Políticas Públicas foi organizada, no período de 2004 a 2006, pelas seguintes instituições: Academia de Desenvolvimento Social, Aliança Empresarial pelo Nordeste, Auçuba, Centro Nordestino de Medicina Popular, CTC_Centro de Trabalho e Cultura, Coletivo Êxito d' Rua, EQUIP- Escola de Formação Quilombo dos Palmares, ETAPAS- Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social, Fórum das Juventudes Recife/PE, Juventude do PT, Juventude do Partido Verde, Movimento Canal M, PJMP- Pastoral da Juventude do Meio Popular, Círculos Populares da Prefeitura do Recife, Prêmio FENEAD, Rede de Jovens do Nordeste, Redes e Juventudes, SERTA.

⁵⁰ O educador Carlos afirma que, com a criação da Roda Permanente de Diálogo, possibilitando a participação tanto de jovens, como de adultos e instituições, o Fórum das Juventudes deixou de ser o local da disputa entre esses diferentes sujeitos sociais.

Mas a articulação não ficou apenas via internet. Como o acesso à internet, por parte dos(as) jovens pobres, não é uma coisa tão fácil e rotineira, os(as) educadores(as) das instituições e os(as) jovens que tinham mais acesso, repassavam as informações, documentos e discussões durante as reuniões e atividades dos grupos juvenis.

O relacionamento entre os diferentes sujeitos era de parceria. O reconhecimento e o respeito à diversidade das formas de organização juvenil era um dos princípios defendidos pelos movimentos e instituições. Mas isso não significa que, em alguns momentos, a heterogeneidade não provocava tensões e disputas, voltando boa parte do tempo para encontrar os consensos, na perspectiva de apresentar unidade para o externo (Mellucci, 2001).

Na relação com o Estado, muitas rodas de diálogo, reuniões, audiências públicas foram realizadas com a presença de gestores públicos. Ressaltamos que mesmo utilizando o diálogo como principal estratégia de relacionamento com o Estado, os encontros não deixavam de ter o caráter de conflito e de cobrança.

A quantidade de informações, documentos e as conquistas políticas que os movimentos juvenis tiveram, através da atuação da Roda de Diálogo, são imensuráveis. Sabemos que “nem todas as mudanças na sociedade são fruto da luta dos movimentos sociais” (Gohn, 2004, p.235) e que outras questões estão em disputa dentro da estrutura do Estado.

No entanto, acreditamos que “a história de luta do movimento juvenil em Pernambuco”, como afirma Simão Neto (Notas Diário de Campo, 11.08.08), resultou na visibilidade de questões e participação juvenil, principalmente, dos(as) jovens dos setores populares; na criação de órgãos de juventude- Secretaria Especial de Juventude e Emprego do Governo de Pernambuco, Gerência de Juventude da Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura do Recife; nos espaços de discussão e negociação de políticas públicas de juventude- Conselhos⁵¹ e Conferências⁵²; no aumento significativo do número

⁵¹ O Conselho Estadual de Políticas Públicas de Juventude foi sancionado pelo Governador Eduardo Campos, em 31 de outubro de 2008, junto com o Plano Estadual de Juventude.

⁵² Conferência Estadual de Juventude (2008) e 1ª Conferência Nacional de Juventude: levante sua bandeira! (2008).

de ações e recursos destinados à juventude; como também no reconhecimento da diversidade de vivências e experiências juvenis.

Apesar de considerar importante o registro desta história de luta do movimento juvenil de Pernambuco, a quantidade de informações e a experiência desta articulação extrapolam os objetivos e os limites desta dissertação.

É importante esclarecermos que a atuação deste movimento de juventude em rede ainda continua. No entanto, observamos que o período mais intenso e de maior visibilidade da Roda de Diálogo concentrou-se no ano de 2004 e início de 2005. Nos anos seguintes, os jovens, grupos juvenis e instituições se articulavam em momentos que julgavam estratégicos ou necessários⁵³.

3.2.4. A experiência da Ouvidoria Jovem e da Casa da Juventude do Consórcio Social da Juventude

Em 2005, o *Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)* dá início ao *Consórcio Social da Juventude*⁵⁴ na Região Metropolitana do Recife, como parte do *Programa Nacional do Primeiro Emprego (PNPE)*, em parceria com 13 Organizações Não-Governamentais⁵⁵.

O programa visava a qualificação de 954 jovens, com idade entre 16 e 24 anos, e a inserção de 30% destes jovens no mundo do trabalho. Foram

⁵³ Registramos que está em processo de construção do Fórum Estadual das Juventudes de Pernambuco. Para maiores informações, acessar: <http://blogdaroda.blogspot.com/>.

⁵⁴ O Consórcio Social da Juventude, em 2005, fazia parte do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego para os Jovens (PNPE). Era voltado para jovens em situação de exclusão social, tendo como objetivo promover a criação de oportunidades de trabalho, emprego e renda, por meio da mobilização e da articulação de esforços da sociedade civil organizada. Em 2007, o CSJ foi incorporado ao novo Projovem, que passou a se chamar Programa Integrado de Juventude. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/programas>>, acessado em 02.11.08..

⁵⁵ As seguintes ONGs participaram da execução do CSJ na RMR na sua primeira versão: CTC- Centro de Trabalho e Cultura; ETAPAS; CNMP- Centro Nordestino de Medicina Popular; Retome Sua Vida; Coletivo Refazendo; Visão Mundial; Centro de Prevenção às Dependências; Movimento Tortura Nunca Mais; Associação Trapeiros de Emaús; Grupo Mulher Maravilha; Lar Presbiteriano Vale do Senhor; Casa Menina Mulher e GESTOS- Soropositividade, Comunicação e Gênero.

oferecidos 28 cursos⁵⁶ que incluíam a qualificação básica, profissional e intervenção social⁵⁷. Além disso, o Consórcio tinha como objetivo possibilitar o encontro dos(as) jovens, alunos(as) do programa, entre si e com os grupos juvenis, através da instalação da *Casa da Juventude*.

Dentre as propostas de ações do Consórcio, teve destaque a organização de um Centro da Juventude, como proposta de constituir-se como “o ponto de encontro e de visibilidade das várias ações desenvolvidas pelas entidades executoras dos Consórcios Sociais da Juventude em sua base social” (Termo de Referência do Consórcio Social da Juventude, 2004, p. 7⁵⁸).

A criação e estruturação de centros de referência para a juventude é uma demanda presente nos discursos e reivindicação dos(as) jovens. Um lugar para se encontrar, para fazer reuniões, conversar, desenvolver atividades dos grupos.

Segundo Abramo (2003), a diversidade de situações e experimentações da juventude contemporânea amplia a demanda por participação dos(as) jovens, para além dos âmbitos educativos. Grupos juvenis dos mais variados tipos- culturais, esportivos, comunitários, religiosos, políticos, dentre outros- buscam espaços para se expressar, para desenvolver suas atividades, encontrar formas de intervenção em suas realidades e propor e cobrar respostas para suas necessidades.

Os jovens tendem a ir para as ruas, para os espaços públicos, para se socializarem, para buscar novas referências, para se expressar, para formatar suas identidades em confronto e interlocução com os outros. E isso envolve também a eleição de pontos de referência para o desenvolvimento desses processos. Em todas as cidades, vemos lugares conquistados pelos jovens: em esquinas, galerias, determinadas áreas em torno de locais públicos, como praças, estações de metrô, que se tornam ponto de encontro, reunião, realização de atividades etc., normalmente freqüentados por determinadas tribos ou turmas específicas, ou que servem justamente para o encontro/enfrentamento de grupos diferentes (Abramo, 2003, p. 223).

⁵⁶ Os cursos foram oferecidos nas áreas temáticas de Indústria e Tecnologia, Arte e Cultura, Turismo e Empreendedorismo, Saúde e Promoção da Qualidade de Vida e Segurança Alimentar.

⁵⁷ A partir da prestação de serviços comunitários às comunidades, os(as) jovens recebiam uma bolsa-auxílio no valor de R\$ 150,00 por mês.

⁵⁸ Portaria Nº 553, de 27 de outubro de 2004.

Diante da concretização de uma reivindicação antiga dos grupos juvenis da cidade, da estruturação de um espaço público que possibilite a socialização, a articulação e atuação, a *Casa da Juventude* do *Consórcio Social da Juventude*, faz com que os grupos juvenis, dentre eles, o *Fórum das Juventudes Recife/PE*, se organizem para contribuir com a dinâmica e organização da casa.

Segundo Sena (2006, p.1), a Casa da Juventude do Recife extrapola seus objetivos iniciais de: ser um centro de produção e difusão de informações sobre o mundo do trabalho; um centro de formação em associativismo, cooperativismo e economia solidária para os(as) jovens; um centro de formação em atividades artísticas ligadas á música, produção de vídeos, audiovisuais e eventos culturais e artísticos; uma feira de venda de produtos artesanais e culturais produzidos pelos(as) jovens; um centro de apoio e fortalecimento às atividades de organizações juvenis; um ponto de encontro e lazer; “um espaço de articulação e intercâmbio onde tudo quanto for do interesse da juventude pode acontecer”, passando a ser “um espaço de constituição e visibilidade dos jovens atores políticos”.

O *Fórum das Juventudes* passa a realizar suas reuniões e atividades no espaço da *Casa da Juventude*, o que permite uma dinâmica permanente de reuniões e encontros entre os(as) jovens que integram o Fórum, como também na relação com jovens de outros grupos e alunos(as) do programa.

Além disso, os grupos juvenis instalam a *Ouvidoria Jovem* do CSJ, na perspectiva de ampliar sua participação nas decisões do programa, para além da Casa, como podemos observar nesta mensagem do e-grupos fojuve:

Olá pessoal!! Gostaria de convidar todos que queiram contribuir a participar da construção da Ouvidoria do Consórcio Social da Juventude de Recife*. Estamos nos reunindo na Casa da Juventude (Rua Gervásio Pires, próximo ao Mercado da Boa Vista). É importante a participação de todos os atores sociais na construção da Ouvidoria (Aline, mensagem e-grupos fojuve, maio de 05).

No entanto, a proposta de participação dos(as) jovens não-alunos(as), nas decisões do programa não foi algo tão aceitável por algumas das instituições e pelo Estado, através da DRT- Delegacia Regional do Trabalho de Pernambuco. Resultando em um momento de conflito e tensão com os(as)

jovens, que questionavam o discurso do “protagonismo juvenil⁵⁹” por parte das instituições.

Desde a inauguração da *Casa da Juventude* e do lançamento do Consórcio, os(as) jovens do *Fórum das Juventudes* se posicionavam contrários a alguns pontos do programa, principalmente, com relação a falta de espaço e de reconhecimento da participação do(a) jovem no planejamento e avaliação do programa; do pagamento de bolsas aos jovens que realizassem trabalho voluntário, como observamos nas mensagens, retiradas do e-grupos fojuve:

Escutaremos nas bolsas de apostas e leilões qualquer dia desses “quem dá mais? Quem dá mais?”, ou pior ainda “quem dá menos? Duas bolsas, uma bolsa, dois vales transportes?” Logo, logo teremos pacotes promocionais para participar de consórcios onde e aonde ganharemos de brindes três ou quatro jovens que prestam serviços voluntários que tem problemas familiares (...) Calma, calma gente! Ainda tem salvação, para isso inventaram a Universal⁶⁰ (Marcos, mensagem e-grupos fojuve, maio de 05).

E muitas coisas faltaram. E principalmente faltou diálogo. O Ministro foi embora sem sequer ouvir um jovem falar sobre o Consórcio (isso sim maior desrespeito), sobre o que esse jovem quer, sobre as críticas que ele tem ao Programa, sobre várias dúvidas de vários jovens, sobre várias dúvidas de várias pessoas que se comprometem seriamente com a causa, de tal forma que às vezes se confunde com a própria causa. Cadê o microfone aberto? Cadê vocês meu povo que cuidaram disso? Vocês esqueceram que nós temos voz? Ou fomos nós que esquecemos de falar? Sem mais palavras (Mirela, mensagem e-grupos fojuve, maio de 05).

Mas enquanto isso na sala da injustiça todos brigam por R\$ 150,00 e pergunto aos superiores como será após os seis meses? “Ah, o jovem volta ao normal, a única diferença e que não tem mais os R\$150,00. E o emprego? Deixa para depois, não [é] tão importante assim mesmo”. Enquanto isso no cenário nacional a liga da justiça se reúne, quem representa a Juventude? Quem é mas legítimo? O jovem da periferia não está nem afim desta discussão, ele que saber que está sem grana. A pergunta continua, quem representa a Juventude? Quem é o mas legítimo? E com isso vamos domina[r] o mundo e [a] vida das pessoas. Quero migalhas, 150,00 do primeiro emprego, mais a bolsa do Agente Jovem, e qual é

⁵⁹ O termo *Protagonismo Juvenil* deriva de duas palavras gregas: proton, principal, e agon, luta. Constitui-se na busca em unir dois âmbitos do conteúdo educativo: a formação de valores e o desenvolvimento de atitude diante da vida. Tem os seguintes conceitos preliminares: 1) Jovem visto como parceiro na ação educativa, comprometido com a solução de problemas reais; 2) Jovem faz parte da solução; 3) Jovem reconhecido como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso (GINCANAS DA CIDADANIA (2002). *Protagonismo Juvenil*. São Paulo, Aracati,. Disponível em: <http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Metodologias/apostila_educadores_gincana.pdf>, acessado em 02.11.08.)

⁶⁰ Igreja Universal do Reino de Deus

a diferença pois eles só dura[m] seis meses e depois..... Chama a policia que ela resolve. Oh quem irá nos defender? Será que chapolim colorado, Tin Tin, Super-Man, Bob Esponja etc, será que eles conseguirão nos defende[r]? (Fernando, mensagem e-grupos fojuve, maio de 05).

Ao analisarmos o e-grupos fojuve, percebemos que ele serviu, muitas vezes, como espaço de desabafo, crítica e denúncia dos(as) jovens, principalmente, após alguns eventos públicos onde a manifestação de seus posicionamentos não foi possível.

As mensagens enviadas, após a inauguração da Casa da Juventude, evidenciam as críticas sobre os resultados de inserção dos(as) jovens no mundo do trabalho, da relação entre trabalho voluntário e o pagamento de bolsas, como também na abertura e no reconhecimento dos(as) jovens como sujeitos capazes de falar e se posicionar diante das ações e programas voltados para eles/elas.

Além disso, encontramos nas mensagens a crítica à polícia, chamada, muitas vezes para resolver questões sociais, que o Estado não dá respostas satisfatórias e a alusão à personagens como Chapolim Colorado, Tin Tin, Super Man, Bob Esponja, bem como a Igreja Universal, sobre a possibilidade de defendê-los.

Com relação às instituições, a principal crítica se volta para a utilização da Casa da Juventude, onde, segundo os(as) jovens:

(...) pegaram um sonho da gente: que era a história da casa da juventude. Que aquela idéia, aquele sonho foi um sonho que o Fórum sonhou. E quando a gente viu aquele sonho sendo deturpado, a gente não concordou. Então veio muito o sentimento de pertencimento. Então, enquanto os jovens do Consórcio não quisessem pertencer, não tivessem aquele sentimento de pertencimento, o Fórum tinha porque aquilo foi uma idéia do Fórum, um sonho do Fórum (...).Aquilo era um sonho da gente e quando a gente viu aquele sonho sendo deturpado, a gente não concordou, e a gente meteu a boca no trombone e isso não foi bem aceito (Fernando).

Como muitos jovens, alunos(as) do programa não participavam das atividades da *Casa da Juventude*, a não ser, os(as) que tinham atividades de formação, o espaço da Casa foi mais utilizado pelos grupos e movimentos

juvenis, segundo Sena (2006). E ter um espaço para se encontrar e realizar suas atividades era um sonho de muitos jovens, como reforça Fernando.

Os diversos movimentos juvenis que participavam da Casa, realizavam atividades permanentes de capoeira, biodança, curso de judô, grupo de RPG-Reeducação Postural Global, mostras de vídeo e acesso à internet, que eram abertas à participação dos(as) jovens.

A Casa da Juventude do Recife também foi considerada, pelos(as) jovens, como a única experiência construída “de maneira autônoma e sem institucionalizar-se, servindo aos grupos juvenis de toda Região Metropolitana” (Inês, mensagem e-grupos fojuve, maio de 06).

O “sentimento de pertencimento”, da qual Fernando fala, resultou na criação do Movimento Pró-Casa da Juventude⁶¹, através do blog: www.casadajuventude.blogspot.com.

Documentos e reuniões foram realizadas com as entidades executoras do Consórcio e com o Estado, e outras parcerias foram buscadas, pelos(as) jovens, na perspectiva de transformar a Casa da Juventude em um espaço permanente e para além do programa.

Mas com a reformulação do convênio para execução do programa, a mudança da entidade-âncora e a definição do Ministério de Trabalho e Emprego, a partir da segunda versão do Consórcio, em 2006, a Casa da Juventude foi fechada para utilização de jovens que não fossem alunos(as) do programa.

3.2.5. O Fórum das Juventudes: a interrupção da experiência

A luta e atuação do *Fórum das Juventudes*, durante o processo de construção de PPJ, como também a vivência da Casa da Juventude e a relação estabelecida com o Estado, ONGs e Movimentos Sociais, resultou no reconhecimento do Fórum como um importante movimento juvenil no Recife.

⁶¹ Formado pelos seguintes movimentos: Movimento Canal M, Fórum das Juventudes Recife/PE, Movimento Boca do Lixo, Rede Jovem do Nordeste, AROCKPE, Coletivo Êxito d' Rua, Coletivo Vidiverso, Chapéu de Couro, Gambiarra Imagens, Centro de Mídia Independente, Movimento Punk,, Coletivo Jovem de Meio Ambiente, Rede de Resistência Solidária. Disponível em: <<http://www.casadajuventude.blogspot.com>>, acessado em 15.08.08.

Em muitos momentos políticos, o Fórum é chamado para representar a juventude, embora se coloque como não representante da diversidade juvenil. Destacamos que o Governo do Estado de Pernambuco convidou-o para representar a juventude na comissão organizadora das Conferências Regionais e Estadual de Segurança Pública, como também na Conferência Estadual de Direitos Humanos. O *Fórum das Juventudes* também foi o único movimento juvenil a participar da discussão da plataforma política dos movimentos sociais, segundo Marcos.

Mas, internamente, o Fórum vivencia um momento de reestruturação. A saída de muitos jovens e grupos juvenis, principalmente, a partir de 2006, colocou o movimento em uma situação difícil no que diz respeito a mobilização de outros jovens e realização de suas atividades.

As razões apresentadas pelos(as) jovens sobre este momento do FJR vão desde às questões financeiras, dos quais muitos(as) jovens precisam optar entre a militância e a sobrevivência; à falta de estrutura mínima para funcionamento do movimento, já que, com o fechamento da *Casa da Juventude do Recife*, o Fórum ficou sem ter um local fixo para suas reuniões, sem telefone e internet; como também pelo fato de muitos jovens e grupos juvenis, inclusive os que participam do próprio Fórum, encontrarem-se ocupados com as pautas governamentais com relação às políticas de juventude.

Assim, em 04 de agosto de 2008, o Fórum envia para as redes virtuais uma Carta Aberta⁶², informando que suas atividades foram suspensas por três meses, em virtude da evasão e estagnação de suas atividades. Sendo prevista uma reunião de avaliação de suas “ações, práticas e condutas individuais e coletivas tomando como base e referência a Carta de Princípios do FJR” (Fórum das Juventudes Recife/PE, 2008), para novembro. No entanto, ressaltam que terá continuidade o Fórum virtual, por constituir-se como importante espaço de articulação e troca de informações.

Essa decisão do Fórum foi questionada por muitos movimentos e instituições, por considerar que diante do momento político de conquistas de direitos para a juventude e da criação de estruturas e órgãos governamentais,

⁶² Anexo 3

fruto da luta dos movimentos juvenis, o *Fórum das Juventudes* tem legitimidade para contribuir na mobilização dos(as) jovens e no controle social do Estado, mesmo estando fragilizado (Notas Diário de Campo, agosto de 2008).

Ressaltamos que os momentos de fluxos e refluxos de um movimento, como considera Gohn (2004, p.263), estão intimamente associadas às questões internas (tipo de articulação, forma de condução do movimento, etc) e às questões externas (conjuntura política e socioeconômica do país). No entanto, não significa que as conquistas fortalecem um movimento, e as derrotas, o enfraquecem. “Em vários casos, o que ocorre é uma acomodação após a conquista da reivindicação e um refluxo da organização”, como também há casos em que “a derrota serviu de elemento revitalizador de energias ao movimento, criando condições para o seu crescimento”.

Exemplo disso foi o que aconteceu com os Movimentos Sociais Urbanos após a redemocratização do país, nos anos 1990. Durante a ditadura militar (1964-1985), esses movimentos protagonizaram uma série de ações e lutas em defesa dos direitos à moradia, à regularização urbanística e fundiária, assim como, em conjunto com outros movimentos, lutaram pela redemocratização.

Com o fim da ditadura militar, em 1985, um novo cenário é formatado no Brasil, principalmente na relação entre Estado e movimentos sociais. A participação nos espaços de decisão das políticas públicas, como conselhos e conferências, a necessidade de qualificação do discurso para além das reivindicações, bem como a saída de lideranças e dirigentes dos movimentos para assumir cargos no Estado, resultaram em reestruturações nos movimentos (Gohn, 2005).

Consideramos, desta forma, que as mudanças na relação do Estado com os(as) jovens, na criação de órgãos governamentais e espaços de negociação e construção das políticas públicas específicas para a juventude, somadas às questões internas do movimento e às condições sociais, econômicas e políticas dos(as) jovens, alteram as demandas, a realidade e a organização não apenas do *Fórum das Juventudes Recife/PE*, mas dos movimentos juvenis em geral.

O que se constitui como desafio para reflexão e avaliação dos movimentos juvenis, bem como das instituições que trabalham na perspectiva de fortalecer a atuação juvenil.

CAPÍTULO 4: A DINÂMICA DE ATUAÇÃO DO FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE: O QUE OS(AS) JOVENS DIZEM A RESPEITO?

**A gente não quer se tornar uma entidade, a gente não quer se tornar mais uma nos números aí, né, entidades sociais. A gente quer ser um Fórum mesmo e é dessa forma que a gente quer viver, que a gente vive, que o Fórum vive e vai aí caminhando.
Ricardo**

4.1. O que levar em consideração?

Sabemos que, hoje, diferentes são as formas de organização coletiva e, principalmente, de movimento juvenil, como já assinalado no capítulo 2. Mas como funcionam? Quais são suas dificuldades? Suas lutas? Suas conquistas? O que significam para os(as) jovens?

Como mencionado anteriormente, nossa proposta é compreender o processo de organização, trabalhado no capítulo 3 desta dissertação, e a dinâmica de atuação do movimento juvenil no Recife, a partir da experiência do *Fórum das Juventudes Recife/PE*.

Registramos que a entrada no campo-tema resultou no acúmulo de uma variedade de materiais, vivências, narrativas, visões de mundo que extrapolam os objetivos da pesquisa, como também as possibilidades práticas de análise. Isso não significa que serão descartadas, mas servirão de base para o aprofundamento do tema e para futuras pesquisas.

Reafirmamos nossa intenção em “dar voz” aos jovens, por isso, neste capítulo, utilizamos, freqüentemente, trechos de suas narrativas, retiradas, principalmente, das entrevistas e das mensagens do Fórum virtual.

Dentre as inúmeras questões que podiam ser observadas no movimento optamos em analisar o discurso dos(as) jovens nos seguintes aspectos:

- 4.2. A composição e o funcionamento do Fórum das Juventudes Recife/PE;
- 4.3. Pelo que luta o Fórum das Juventudes Recife/PE;
- 4.4. As dificuldades enfrentadas pelo Fórum das Juventudes Recife/PE;

- 4.5. As conquistas do Fórum das Juventudes Recife/PE;
- 4.6. A relação do Fórum das Juventudes Recife/PE com outros sujeitos:
 - 4.6.1. Com jovens “não-organizados”;
 - 4.6.2. Com as expressões do Movimento Juvenil;
 - 4.6.3. Com outros Movimentos Sociais;
 - 4.6.4. Com as Organizações Não Governamentais;
 - 4.6.5. Com o Estado;
- 4.7. Qual o significado do Fórum das Juventudes Recife/PE para os(as) jovens

4.2. A composição e o funcionamento do Fórum das Juventudes Recife/PE

Como vimos no capítulo anterior, o processo de organização do *Fórum das Juventudes* passou por dois momentos principais: o primeiro, ainda enquanto *Pró-Fórum*, voltado para a articulação e a troca de experiências entre jovens, alunos(as) da rede municipal de ensino público; público-alvo de projetos sociais de algumas ONGs do Recife; e integrantes de grupos juvenis. Neste período, havia participação ativa dos(as) educadores(as) da Prefeitura do Recife e das Organizações Não Governamentais.

Já o segundo momento, tem como principal protagonista os(as) jovens, que rompem com as instituições e com os(as) adultos, para organizar um movimento “das juventudes”. Através da construção da *Carta de Princípios* (2003), os(as) jovens definem seu formato organizacional e seus participantes.

Tomando como base sua *Carta de Princípios*, O *Fórum das Juventudes Recife/PE* se propõe a ser

(...) um espaço, autogerido, de ação e apoio mútuo de interação entre as juventudes, organizações juvenis e comunitárias a respeito dos assuntos referentes à juventude, trocando experiências e aprendizagens para discutir, propor e interferir nas políticas públicas. (...) ser um espaço para reunir, estimular e fortalecer a participação da juventude na sociedade, para atender mais e mais os nossos anseios. (Carta de Princípios Fórum das Juventudes Recife/PE, 2003, p. 1).

A definição do fórum enquanto “espaço” nos remete à idéia de abertura, de um lugar, não físico, não estático, nem imutável, autogerido pelos jovens, e

que possibilita a articulação entre jovens, organizações juvenis e comunitárias, bem como sua atuação na sociedade.

Dentre seus objetivos específicos, expressos também na *Carta de Princípios*, destacamos os seguintes:

- Possibilitar a formação política de grupos e indivíduos;
- Articular todos os grupos, movimentos e instituições que tenham alguma ação com ou voltada para a juventude;
- Fiscalizar as propostas, programas e ações de políticas públicas voltadas à juventude, tanto dos gestores governamentais quanto das instituições da sociedade civil;
- Participar como parceiro ou colaborador dessas propostas, projetos e programas;
- Pressionar e contribuir para a criação de formas representativas de poder deliberativo nos governos federal, estadual e municipal.

Como podemos observar a preocupação do Fórum caminha em duas direções. Uma delas, é que os(as) jovens se voltam para a possibilidade de criar um espaço que contribua com a formação política e a articulação dos jovens e grupos juvenis, uma “organização democrática, dirigida e orientada pelos(as) próprios(as) jovens”⁶³. E uma segunda direção aparece como um resultado da primeira: formada a articulação de jovens e grupos juvenis, estes/estas devem lutar pela construção de políticas de juventude e exercer o controle social das ações e programas dirigidos à juventude.

Desta forma, o *Fórum das Juventudes*, enquanto articulação inter-organizacional, formada entre jovens e grupos juvenis, busca o “empowerment⁶⁴” dos(as) jovens e a interlocução com o Estado (Sherer-Warren, 2006).

⁶³ FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE. Projeto Juventude é Atitude! Qual é a sua? Recife, 2003.

⁶⁴ De acordo com Mendes (2000), o termo empowerment faz parte do vocabulário de língua inglesa, tendo suas raízes nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia de ação social, presentes nos países desenvolvidos na metade do século XX. Embora não reconhecida pela língua portuguesa, o termo traduzido para “empoderamento” começou a ser utilizado pelos movimentos sociais na década de 1990.

Com relação à composição do movimento, podem ser considerados membros(as), ainda de acordo com a Carta de Princípios:

(...) aqueles que se consideram jovens, sem limite de faixa etária, independente de estarem ligados a um movimento ou organização, que se identifiquem com a diversidade e com as causas sociais (Carta de Princípios, 2003, p 1).

Observamos, desta forma, que o movimento não utiliza o critério cronológico para definir quem é ou não jovem, assim como no próprio termo de identificação do movimento, utilizam a expressão “das juventudes”, como reconhecimento da diversidade da condição juvenil.

Apesar da maioria dos(as) jovens que fazem parte do movimento compartilharem de condições semelhantes: ser moradores(as) das áreas de baixa renda da cidade do Recife, estudar ou ter estudado em escolas públicas, ser alunos(as) de projetos sociais do governo ou de ONGs, participar de grupos juvenis, o Fórum reconhece que existem “diferentes experiências de ser jovem” (Mendonça, 2008, p. 24).

Outro ponto da carta que nos chama atenção é a possibilidade de participação de jovens de forma individual e não apenas institucionalizada, enquanto representante de algum grupo ou instituição.

Além disso, não há critérios para que os(as) jovens sejam considerados(as) membros. O sentimento de pertencimento enquanto Fórum é considerado como o mais importante, mesmo que o(a) jovem tenha participado de apenas uma reunião:

(...) o FJR é um espaço aberto para quem tiver a fim de participar e tanto eu como você tem poder de voz e de decisão neste espaço basta apenas participar de uma reuniãozinha para fazer parte do FJR e ter tanto poder de decisão dentro dele como qualquer outra pessoa que participe dele [há] mais tempo (Paulo, mensagem e-grupos fojuve, setembro de 06).

(...) algumas pessoas foram, voltaram a freqüentar as reuniões do Fórum e aí tem um monte de gente nova, que ta virando Fórum, gente que não é tão nova assim que já teve em outros momentos. E essas pessoas quando chegam, no caso vão se apoderar do que aconteceu antes. E aí desde que eu conheço o Fórum, isso é bem, isso é algo que acontece sempre. **Essa coisa de que sempre chega um grupo novo e esse grupo tem que se apoderar do que veio antes. (...) E de repente uma pessoa que chega hoje, pode ser considerada integrante do Fórum e aí conhece de uma reunião mesmo, do que alguém disse, do que**

aquele momento representou, e não realmente da historicidade do Fórum, né (Lara).

Essa abertura para considerar-se participante do *Fórum das Juventudes*, como relata Paulo, se, por um lado, é tido como algo inovador e contrário aos modelos tradicionais de organização coletiva, como ressaltou Fernando durante a entrevista, por outro, apresenta-se como desafio na hora de definir responsabilidades, de dar andamento ao cotidiano do movimento e de representá-lo. Assim como a necessidade de conhecer as discussões e a trajetória do movimento, pelos integrantes novos, demanda um tempo para formação e apropriação da “organicidade do Fórum”, como afirma Lara.

Mas ainda existe uma outra forma de participar do Fórum: através do “e-grupos fojuve”. No Fórum virtual, são membros(as) tanto jovens e educadores(as) que já saíram, como pessoas que nunca se consideraram como Fórum. E que, em alguns momentos, se posicionam nas discussões virtuais.

Desta forma, não há informações precisas que nos permitam dizer quantas pessoas participam do *Fórum das Juventudes* hoje. Fernando considera que:

No Fórum, hoje, a gente acredita que circulam, em média, de 20 a 50 pessoas, entre elas organizações também. Não vou saber te dizer exatamente, porque o Fórum é assim: às vezes tem 3 pessoas na reunião, como às vezes tem 50 numa reunião, tá entendendo? Então não tem esse número. Como eu tinha falado no início, o Fórum é um espaço muito aberto, então não tem esse numero fixo de pessoas, tem pessoas que circulam. Às vezes tá alto, e às vezes tá baixo. Às vezes tem 3 pessoas pra se reunir pra tomar uma deliberação pelo Fórum, como às vezes tem uma sala lotada de 50 pessoas, e que às vezes a sala não dá pra fazer reunião. Por exemplo, a última reunião que a gente fez tinha 10 pessoas, numa anterior a esta última reunião, tinham 56 pessoas numa sala lá no Leão do Norte. Então é muito imprevisível (Fernando).

Como vemos no relato, mais do que membros(as) permanentes, há jovens que “circulam” no Fórum e que, dependendo do momento político e da temática trabalhada, o número de membros(as) aumenta ou diminui.

O Fórum ainda prevê a participação de colaboradores(as) e conselheiros(as) que, embora não se consideram jovens, se identificam com as

causas da juventude e de parceiros(as), formados pelas instituições da sociedade civil ou órgãos governamentais. No entanto, neste último caso, o movimento condiciona a participação ao seu convite.

No que se refere à estrutura organizacional, o movimento foi formado de um conselho gestor, formado por cinco pessoas, e não por instituições, num sistema rotativo, autogerido e interdependente, sendo responsáveis pela execução e organização das atividades do Fórum. Para composição deste conselho, são realizadas eleições anuais⁶⁵.

Mas, em 2005, segundo Fernando, os(as) jovens decidiram que o Fórum teria uma estrutura mais horizontal, por isso acabaram com a ideia de gestão, secretaria e grupos de trabalho. O Fórum passou a ser gerido por uma coordenação colegiada e por comissões, buscando a horizontalidade, a partir da crítica à representatividade vertical (Abramo, 2003).

A gente explodiu aquela forma que a gente não acreditava mais. **O Fórum nasceu também pra isso: contrapor essas formas de se organizar** (...) e foi uma forma da gente explodir essa forma de que: “não, tem que ter um gestor, tem que ter uma coordenação, que tem que ter isso, tem que ter um secretário, que tem que ter isso, tem que ter aquilo outro”. **Que, embora isso pra gente é um desafio. Um desafio porque a gente tá muito acostumado e muito bitolado com as formas arcaicas. Durante muito tempo foi dito pra gente que aquela era a forma correta de se organizar.** (Fernando).

Como vimos no capítulo 2, alguns formatos de organização juvenil foram tomados como modelos, principalmente, ligados ao movimento estudantil e político-partidário. A proposta do *Fórum das Juventudes* é justamente se contrapor aos modelos de participação tradicionais, o que se apresenta como um grande desafio para os(as) jovens, como afirma Fernando.

A construção de uma ideia de que há uma “forma correta de se organizar” se contrapõe a um modelo de espaço aberto e amplo, proposto pelo Fórum, “onde todo mundo faz parte da gestão de certa forma, onde não existe muito essa história da organicidade” (Lara), que rejeita a institucionalização, que possibilita e fortalece a participação de uma variedade de jovens e grupos juvenis (Mesquita, 2007).

⁶⁵ Os(as) jovens interessados(as) em candidatar-se à gestão, enviam uma carta de intenção para o e-grupos fojuve, que será analisada durante a eleição presencial. Registramos que a última eleição ocorreu em 2005 (Fojuve, e-grupos fojuve, dezembro de 2004).

Ricardo ressalta que:

(...) tem muitos que acham isso uma forma desorganizada, mas o próprio Chico Science⁶⁶, ele dizia, né, é desorganizando que a gente pode se organizar, então diante disso, tem muita gente que não entende qual é a forma de se organizar da gente, mas essa forma de se organizar faz tornar uma coisa que outros não tem, né, que é olhares.

O Fórum, assim, enquanto “coletivo multicultural e diversificado” de jovens, como define Ricardo, contribui com a forma de ver o mundo e se relacionar com os(as) diferentes. O que possibilita também o envolvimento do Fórum em outras lutas de diversos movimentos sociais, dependendo das parcerias estabelecidas.

No que diz respeito às atividades presenciais, são realizadas dois formatos de reuniões- administrativa e temática. As reuniões administrativas são realizadas nas segundas terças-feiras do mês, quando são discutidos assuntos referentes à planejamento e avaliação de atividades; socialização de informações; repasse de participação em eventos, viagens; resolução de conflitos internos e/ou externos, dentre outros. Já as reuniões temáticas são feitas nas quartas quintas-feiras do mês para discussão de assuntos referentes à juventude ou outras questões conjunturais⁶⁷.

Registramos que não há um local fixo para a realização dessas reuniões. Em determinados períodos e dependendo das parcerias estabelecidas, as reuniões são realizadas em diferentes lugares.

Em 2003, no período de articulação com a Secretaria de Educação do Recife, muitas das reuniões foram realizadas no Departamento de Atividades Culturais e Desportivas da Prefeitura do Recife. No ano seguinte, houve uma continuidade de organização das reuniões no DACD, e também foi utilizada a sala do Projeto Redes e Juventudes. A parceria com a Academia de Desenvolvimento Social e a instalação da Casa da Juventude do Consórcio Social da Juventude, possibilitou os encontros em 2005. Em virtude do fechamento da Casa da Juventude para o movimento juvenil, o Fórum das

⁶⁶ Francisco de Assis França (1966-1997), mais conhecido por Chico Science, foi compositor e cantor olindense, um dos principais colaboradores do movimento manguebeat, na década de 1990, e líder da banda Chico Science & Nação Zumbi. (Wikipédia, a Enciclopédia Livre). Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Science, acessado em 05.11.08.

⁶⁷ Fórum das Juventudes Recife/PE. Projeto Fórum das Juventudes. Recife, 2003.

Juventudes passou, a partir de 2006, a fazer reuniões em diferentes locais, como no Centro de Treinamento da Prefeitura do Recife, no Parque Treze de Maio, na sede da ETAPAS, na ONG Leões do Norte.

4.3. Pelo que luta o Fórum das Juventudes Recife/PE

Para os(as) jovens, o Fórum nasceu para lutar pelos direitos da juventude, pelo reconhecimento da juventude como “sujeito de direito, como sujeitos de direito” (Fernando), na perspectiva de “mostrar a vários outros jovens, que se dizem jovens há mais tempo que essa juventude não é despolitizada” (idem).

Esta luta pelo reconhecimento dos(as) jovens, enquanto sujeitos de direito, apresenta-se com dois véis: o primeiro, é voltado para a mudança de imagem e entendimento da possibilidade de organização juvenil, diante dos adultos, da mídia, dos movimentos sociais, do Estado e da sociedade, em geral. Através da divulgação e discussão dos resultados da *Pesquisa Juventude é atitude! Qual é a sua?*, se propõem a mostrar que existem diferentes juventudes e que elas, “hoje tem uma forma de se organizar e uma forma de se mostrar politicamente pro mundo diferente das décadas de 1960, de 1970 e de 1980” (Fernando).

Por outro lado, o movimento entra na luta pela construção de políticas públicas específicas para a juventude, trazendo como demandas as questões e dificuldades vivenciadas pelos(as) jovens da RMR: “É, o Fórum é um processo contínuo de mobilização de vários jovens de organizações juvenis pra lutar pelos direitos da juventude, né” (Fernando).

Como trabalhado no capítulo três, o *Fórum das Juventudes* começa a se concentrar na luta pelas *Políticas Públicas de Juventude*, a partir de 2004, na articulação com outros movimentos juvenis e instituições, aglutinando uma diversidade de lutas, como podemos observar:

Têm jovens que lutam pela questão literária, tem jovens que lutam pela questão cultural, têm jovens que lutam pela questão da dança, a arte como instrumento de transformação de vida, tem outro que luta por uma comunicação democrática, uma comunicação pelo direito de

todos, tem outro que luta pela questão jovem mesmo, pela questão dos direitos do sujeito, outros que lutam pela questão audiovisual (Ricardo).

As lutas dos(as) jovens que compõem o Fórum, como relatadas por Ricardo, nos dão a imagem das questões que atingem diretamente o jovem da periferia: a dificuldade do acesso aos livros; o reconhecimento da cultura e da arte como possibilidade de organização e “como instrumento de transformação de vida”; a democratização da comunicação, a partir da comunicação alternativa, das rádios comunitárias⁶⁸ utilizadas nas comunidades, na possibilidade de expressão da periferia na mídia de massa, não apenas pelos números da violência.

Atualmente, com as respostas dadas pelo Estado com a criação de estruturas governamentais e programas, voltados para a juventude, o movimento não tem mais as Políticas de Juventude como sua pauta maior. Muitos(as) jovens que integram o Fórum ainda participam, enquanto indivíduos, das reuniões e espaços de diálogo abertos pelo Estado, mas não mais, representando o Fórum⁶⁹.

Nesta questão das PPJ, as principais inquietações do movimento dizem respeito ao acesso dos(as) jovens às informações sobre os programas realizados pelo Estado, e a participação dos movimentos juvenis nos espaços e agendas definidas pelo Estado.

Destacamos que a luta pelo entendimento do(a) jovem como sujeito de direito ainda é um desafio. Apesar dos avanços no tratamento dispensado aos jovens, o Estado ainda mantém alguns estereótipos: da juventude problema, pelo número de programas voltados para tentar amenizar os problemas da violência e do desemprego; de ocupação do “tempo ocioso”, como se a prática

⁶⁸ De acordo com a Lei 9612/98, as rádios comunitárias são emissoras de rádio FM sem fins lucrativos, operadas em baixa potência e restrita ao bairro, outorgadas a fundações e associações comunitárias. Nas comunidades pobres do Recife, as rádios comunitárias são utilizadas para dar voz ao povo e resgatar os valores culturais da comunidade. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/homeagencia/materias.html?pk=%2083931>, acessado em 14.11.08. Sobre as rádios comunitárias, vale à pena assistir o filme *Uma onda no Ar*, que conta a história de luta de quatro jovens de uma favela em Belo Horizonte-MG para criar uma rádio comunitária: a Rádio Favela.

⁶⁹ Notas Diário de Campo, 07.11.07.

de esportes e o acesso à cultura não fossem tratados como direitos; e da permanência do entendimento da juventude como fase de transição⁷⁰.

Mas a partir da pesquisa e da trajetória percorrida pelo movimento, outras bandeiras de luta entraram na pauta, como o diálogo inter-geracional e a autonomia juvenil.

No caso do diálogo inter-geracional, podemos afirmar que ele não representou apenas uma bandeira de luta, mas foi uma das questões que permeou toda a história do *Fórum das Juventudes*. A relação conflituosa, tensa e ao mesmo tempo, rica dos(as) jovens com seus pais, com os(as) adultos(as) que participaram da criação e estruturação do movimento, com as ONGs, com os técnicos do Estado, com as lideranças antigas dos movimentos sociais foram vividas permanentemente nestes anos de vida do FJR.

E como extensão desta questão, aparece a luta pela autonomia juvenil, na qual o Fórum levanta a seguinte questão para outros(as) jovens: “Que autonomia é essa que a gente quer? Que autonomia é essa? Que autonomia é essa que a juventude quer?” (Fernando).

A autonomia juvenil é entendida pelos(as) jovens, integrantes do Fórum, como a capacidade que o(a) jovem tem de dizer o que é prioridade para sua vida, de mudar a sua trajetória, de ser

(...) autor e co-autor da história dele, da vida dele, ele é que vai construir a vida dele, não é ninguém que vai escrever a história de vida dele, é o jovem que vai construir a história de vida dele (Fernando).

As principais críticas com relação a autonomia juvenil, dizem respeito a tendência à tutela, exercida pelo Estado, pelas ONGs e pelos movimentos sociais, que, segundo Marcos, tendem a colocar “os jovens embaixo das asas⁷¹” e a tratá-los como parceiros nas horas de realizar as ações, mas privando-os dos processos decisórios. Para muitos programas governamentais e não-governamentais, os(as) jovens continuam sendo tratados como público-alvo, apesar de terem como um de seus objetivos a formação do “protagonismo juvenil”.

⁷⁰ CONJUVE. 1ª Conferência Nacional de Juventude: Levante sua bandeira. Caderno de resoluções. Brasília, 2008

⁷¹ Notas Diário de Campo, 06.11.07

Para o Fórum e outros movimentos juvenis a expressão “protagonismo juvenil” é rejeitada e considerada como:

(...) uma forma de direcionar o processo educativo de adolescentes e jovens a uma simulação destes conduzindo o processo, um ensaio de empoderamento decisório. De fato, quem protagoniza o “protagonismo juvenil” é o educador (Anderson, mensagem e-grupos fojuve, maio de 04).

Para os(as) jovens, não significa desconsiderar a importância dos educadores(as), que investem na formação social e política dos(as) jovens, nos adverte Fernando:

(..) o técnico ele é importante, até mesmo pra facilitar o processo, mas que a juventude não, que os jovens não fiquem submissos a isso, de que um adulto é que tem que dizer o que é prioridade pra ele: olha vai fazer isso porque isso é que prioritário pra tu, porque vai mudar tua vida.

A questão apontada por Fernando, tem a ver com a submissão e anulação das vontades e desejos dos(as) jovens diante dos(as) educadores(as). Assim como Anderson, que diz que o protagonismo juvenil é exercido pelos(as) educadores(as) que dirigem e orientam a formação dos(as) jovens.

Trata-se da distância entre o discurso do protagonismo juvenil e a prática, onde, na maioria das vezes, os(as) jovens são considerados(as) apenas público-alvo dos projetos sociais ou a base dos movimentos sociais.

Destas dificuldades apontadas pelos(as) jovens, o que nos parece como a principal questão são as relações de poder que permeiam as relações entre jovens e adultos, mesmo que estes exerçam diferentes papéis, como técnicos e educadores do Estado e das ONGs, ou, mesmo os(as) que integram movimentos sociais, que lutam por um mundo melhor.

Enquanto movimento social, o *Fórum das Juventudes*, expressa as relações de poder existentes nas relações sociais e na sociedade civil (Gohn, 2005; Scherer-Warren, 2006). Sendo assim, as lutas, protagonizadas pelo movimento, pela mudança de imagem dos(as) jovens, pelo reconhecimento dos(as) jovens, enquanto sujeitos de direito, e pela autonomia juvenil se desenvolvem num contexto de correlação de forças, prioritariamente, entre jovens e adultos(as).

4.4. As dificuldades enfrentadas pelo Fórum das Juventudes Recife/PE

Questionados(as) sobre suas dificuldades, enquanto movimento, os(as) jovens problematizam várias questões, que organizamos em três grupos:

4.4.1. Questões econômicas: a dificuldade em conciliar a necessidade de sobrevivência com a militância;

4.4.2. A própria militância: a relação com a família e as necessidades pessoais;

4.4.3. A falta de estrutura do Fórum das Juventudes.

4.4.1 Questões econômicas: a dificuldade em conciliar a necessidade de sobrevivência com a militância

A tentativa de conciliar a situação econômica com a militância constitui-se na principal dificuldade mencionada pelos(as) jovens que fazem parte do Fórum. Esta dificuldade é materializada nos discursos, principalmente, pela necessidade de sobrevivência; na procura pelo trabalho que, quando encontrado, se caracteriza por ser informal e temporário; na falta de dinheiro para pagar as passagens para participar das reuniões e atividades do movimento.

Relembramos que os(as) jovens que integram o Fórum, ou mesmo os(as) que saíram, em sua maioria, compartilham condições sociais e econômicas semelhantes: são moradores(as) das áreas de baixa renda da cidade do Recife, caracterizadas pelas precárias condições de habitabilidade; são ou foram estudantes de escolas públicas; vivem em famílias com baixo poder aquisitivo.

Por isso, a necessidade de sobrevivência se torna uma questão tão prioritária e considerada como algo “que deixa nossos anseios acabar” (Ricardo). Sabemos, todavia, que esta situação não se restringe ao Fórum, mas é vivida por grande parte dos(as) jovens brasileiros(as), dificultando tanto o envolvimento dos(as) que já participam do movimento, como a inserção de outros(as) jovens.

Paul Singer (2005), ao analisar os dados da Pesquisa Retratos da Juventude Brasileira, faz a seguinte afirmação:

Pelos dados da pesquisa do Projeto Juventude, 42% dos jovens vivem em famílias com renda até dois salários mínimos e outros 31% em famílias com dois a cinco salários mínimos de renda. Grande parte desses jovens representa os 40% que estão desempregados e os 36% que trabalham, a maioria na informalidade. Por mais que os jovens nesta situação acreditem que a juventude pode mudar as coisas, eles sabem que têm que cuidar antes da própria sobrevivência, evitando serem tragados pela violência criminosa ou mergulhando nela, como alternativa menos pior (p. 35).

O autor conclui que a distância entre os ideais dos(as) jovens que acreditam que podem mudar o mundo e a participação em atividades que possibilitem, ao menos, mudanças na comunidade, tem a ver com a situação de pobreza vivida por grande parte dos(as) jovens brasileiros(as).

Para os(as) jovens que conseguem algum tipo de trabalho, os discursos revelam as angústias e limites em conciliar a luta por um mundo melhor com a luta pela sobrevivência, como vemos nos relatos abaixo:

Aqui com meus botões **e com minha vivência enclausurada me dedicando a ganhar algum dinheiro, fico só a ler e-mails e na vontade de poder ajudar de alguma forma, mas confesso: falta-me tempo**, tempo de fazer as coisas com gosto, com calma, com seriedade pra algo mais contínuo. E vejo que sofremos hoje muito com essa falta de tempo (Mirela, mensagem e-grupos fojuve, dezembro de 06).

Eu fico sabendo das reuniões quando eu encontro o povo na cidade: “olha, vai ter reunião do Fórum hoje, vai ter reunião do Fórum daqui a uma semana”. **Aí quando dá pra participar, eu participo, né. É nessa idéia: dentro do tempo de cada um, as pessoas podem participar do Fórum.** E eu tô mais ou menos dessa forma hoje.(...) Mas eu continuo muito próximo da rede de pessoas que estão ligadas ao Fórum assim, tem amigos meus que estão hoje na gestão do Fórum, que quando me vêem na rua ou então lembram, aí chamam pra vir, **mas isso tudo dentro da minha disponibilidade de tempo** (Lara).

Observamos, desta forma, que, apesar do acompanhamento das discussões e da possibilidade de contribuição através do Fórum virtual, Mirela expressa sua angústia em não poder contribuir “pra algo mais contínuo”. Por outro lado, o entendimento de que “dentro do tempo de cada um, as pessoas podem participar do Fórum” demonstra tanto a idéia do Fórum como um espaço aberto, como nos faz pensar na dificuldade em conciliar o tempo de

cada um com as responsabilidades e compromissos assumidos com o movimento, como afirma Lara em outro momento da entrevista:

Mas durante o processo da gestão tudo era contado por seis pessoas, na prática, depois de um tempo, só ficou sendo feita por três. Depois de um tempo eu também tive que me afastar, foi quando eu comecei a trabalhar no X. E aí no final da gestão mesmo, eu acho que só tinha uma pessoa que era o [Fernando], que tinha conseguido segurar a gestão de um ano até o fim, ta entendendo? (Lara).

Apesar de muitos(as) jovens assumirem responsabilidades no planejamento do movimento, no decorrer do ano, o número de pessoas que, de fato, executam as atividades vai diminuindo progressivamente, como vemos no relato de Lara, o que gera também conflitos entre os(as) jovens.

Em um dos momentos de tensão, vividos pelo Fórum, e discutidos no e-grupos fojuve, encontramos também a tentativa de buscar os consensos e amenizar as crises causadas por esta dificuldade do movimento:

Só queria lembrar que muitos de nós na oportunidade que tivemos já assumimos coisas e papeis no Fórum e muitas vezes não assumimos. **Às vezes me pergunto: quem nunca fulerou⁷² com o Fórum se identifique, nem que tenha sido só uma vezinha bem de leve. Mas nem por isso criou-se uma guerra, esperava-se o tempo de cada um ou o tempo em que cada coisa um dia ia acontecer** (Mirela, mensagem e-grupos fojuve, maio de 05).

As dificuldades e crises do Fórum, muitas vezes, são lembradas pelos(as) jovens, como sendo responsabilidade de todos(as) que integram o movimento. O que nos faz entender que os(as) jovens enxergam as conquistas e derrotas do Fórum como sendo uma responsabilidade coletiva.

Destacamos, inclusive, que em nenhum momento de análise do material, ou mesmo, nas conversas sobre a situação do Fórum, os(as) jovens indicavam um culpado ou um responsável pela condição do movimento. Em todos os momentos que tivemos oportunidade de ouvir a versão dos(as) jovens, o discurso era de responsabilidade coletiva.

Por outro lado, na luta pela sobrevivência, observamos que os(as) jovens não fazem relação desta dificuldade com a situação econômica, social e

⁷² Fular: falhou, errou (FERREIRA, Aurélio (2004) Novo Dicionário Aurélio- Versão Eletrônica. Positivo Informática).

política do país. Pelo contrário, eles(as) tendem a utilizar a formação discursiva do capitalismo que individualiza e culpabiliza os indivíduos pelas dificuldades econômicas e sociais, vividas pelos mesmos.

Compreendemos, contudo, que as dificuldades e as condições sociais e econômicas vividas pelos(as) jovens, que fazem parte do *Fórum das Juventudes*, inserem-se nas expressões contemporâneas da questão social, sendo fruto da dinâmica de acumulação do capital, visíveis nos índices de violência, na precarização das relações de trabalho.

Ainda sobre a questão do trabalho, o educador Carlos, levanta a questão de que dificilmente, muitos destes jovens que participam do Fórum, se adequam ao mundo formal de trabalho. E que uma das portas de emprego tem sido o próprio Estado ou os parlamentares, que os contratam como assessores, principalmente, nas questões ligadas à juventude. O que acende uma forte discussão no meio do movimento social sobre a “cooptação” das lideranças dos movimentos pelo Estado.

Ultimamente, temos acompanhado algumas discussões nas redes virtuais das quais participamos. Como no período de 2004 a 2006, foi feita uma forte articulação entre jovens, grupos juvenis e instituições, da considerada sociedade civil, com a criação das estruturas governamentais- secretarias municipais e estaduais, bem como as comissões de juventude do legislativo, muitos(as) jovens e adultos(as) que participavam desta articulação, foram convidados(as) para exercer cargos públicos, em sua maioria, voltados para o trabalho com jovens.

Se por um lado, muitos(as) entendem a importância destas pessoas assumirem cargos públicos por garantir uma relação mais próxima com os movimentos juvenis, por outro lado, há uma preocupação se há jovens e educadores(as) que assumirão e darão continuidade a esta articulação.

Uma outra dificuldade apontada pelos(as) jovens, no que diz respeito a questão econômica, é a falta de dinheiro para pagar as passagens nos transportes públicos, afinal “o jovem é aquele ator que tem que trabalhar, estudar, e circular em Recife tem um gasto” (Marcela), e um gasto bem caro quando se fala das passagens de ônibus da Região Metropolitana do Recife.

Como a maioria das reuniões do Fórum são realizadas no centro do Recife, a dificuldade:

(...) é fazer as pessoas virem pra se encontrar. Essa é a grande dificuldade: a locomoção das pessoas, a vinda das pessoas. A gente sabe das diversas dificuldades que a gente tem, muitos não tem dinheiro pra pagar passagem que é cara e precisam sobreviver também (Ricardo).

A falta de dinheiro para pagar as passagens, relatada por Ricardo, faz com que muitos(as) jovens, busquem alternativas para chegar nas reuniões e atividades do movimento, como a utilização de bicicletas ou ir a pé.

Mas a maior dificuldade nesta situação para o movimento é fazer com que os(as) jovens que não integram e não conhecem o Fórum participem de suas reuniões e atividades. Por isso, a alternativa de fazer as reuniões nas comunidades foi utilizada, mas sem muito sucesso, porque limitaria o Fórum a ser de uma comunidade, ou então, ficaria circulando por vários lugares, sem conseguir uma permanência desejável de jovens.

Essa dificuldade relacionada à falta de condições de locomoção na cidade foi um dos motivos que impulsionou, em 2005, durante a gestão de Jarbas Vasconcelos (1999-2006), no Governo de Pernambuco, jovens do *Fórum das Juventudes*⁷³ junto com outros movimentos estudantis e juvenis a estar à frente dos protestos contra o aumento das tarifas de ônibus e na luta pelo passe livre⁷⁴. Na ocasião, alguns jovens foram agredidos pela polícia e presos.

A ação de repressão do Estado diante dos protestos dos(as) estudantes e jovens resultou em manifestações de repúdio ao Tenente- Coronel Luiz Meira, responsável pela ação da Polícia Militar.

⁷³ Na época, enquanto alguns jovens do Fórum das Juventudes estavam na rua protestando contra o aumento das passagens, outros(as), estavam na comissão de juventude do Festival de Juventude, organizado pelo governo do Estado, o que gerou críticas e brigas dentro do próprio movimento, como podemos observar em uma das mensagens: Possibilidade interessante. Ilário: o pessoal sai de uma reunião que trata da organização do festival da juventude do governo do estado de Pernambuco, do "melhor governador do Brasil", e vai pra rua protestar e apanhar da polícia a mando deste mesmo "Governo"... Q é isso...??!?!?!?!? Vai...! (Sandro e mensagem e-grupos fojuve, novembro de 05).

⁷⁴ Não há homogeneidade de luta pelo passe livre. Enquanto o movimento estudantil briga pelo passe livre, apenas para os(as) estudantes, outros movimentos juvenis, a exemplo do *Fórum das Juventudes Recife/PE*, defendem o passe livre para os(as) jovens, justificando que parte significativa da juventude pobre não está na escola.

Diante da situação, uma mobilização foi feita, via internet, denunciando os abusos e convocando a população para contribuir nos protestos. Além disso, o movimento recebeu apoio de diversos movimentos sociais, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Sem-Terra (MST), do Movimento dos Sem-Teto, Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (ABONG), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), por entender que “é inadmissível a repressão, a violência, o cerceamento à liberdade de expressão das pessoas, sejam elas jovens, idosas, negras, brancas, homens ou mulheres” (Carta de Repúdio ABONG, 2005, p.1).

Com o apoio dos movimentos, muitos(as) jovens foram liberados das delegacias. Mas, quanto às passagens, seus preços foram mantidos pela EMTU- Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos, e continuam sendo reajustados periodicamente, gerando novos protestos por parte, principalmente, dos(as) movimentos estudantis e juvenis.

4.4.2. A própria militância: a relação com a família e as necessidades pessoais

Parece estranho falar que a vida de militante traz dificuldades para além da relação com o Estado ou com as estruturas de poder da sociedade. A luta por um mundo melhor e por direitos nos parece, no plano ideal, que deveria ser vivenciado apenas de forma apaixonada, romântica e algo incentivado pela família, pelos(as) amigos e pelos(as) companheiros(as) de caminhada.

Mas, no plano real, nem sempre é isso que acontece. Os conflitos, as relações de poder, as frustrações, o desânimo também fazem parte da história dos(as) jovens militantes.

A primeira dificuldade que o(a) jovem tende a enfrentar é convencer a família de que o caminho escolhido de militância é importante. O momento de iniciação é o que parece ser mais conflituoso.

A necessidade de engajamento e envolvimento no movimento e em atividades políticas não é bem aceita pelos pais, que cobram a entrada no mercado de trabalho e a permanência na escola, como nos fala Fernando:

A outra era a **história de se sustentar mesmo**, né. Porque meus pais não apoiavam, **eles não apoiavam, diziam que isso não dava futuro**, que eu tinha que voltar a estudar, fazer vestibular e muitas outras coisas, que eu tinha que trabalhar e pra mim isso foi um grande dilema, essa história da sustentabilidade.

A militância vista, pelos pais, como algo que “não dá futuro”, nos dá a idéia de que, provavelmente essas pessoas não entendem os direitos como fruto das pressões dos grupos organizados, como também consideram apenas o caminho do estudo e do trabalho como necessários para que o(a) jovem tenha um “futuro melhor”.

Por outro lado, entendemos que as necessidades imediatas de sobrevivência não são supridas por esta atividade política. O que faz com que os(as) jovens tentem conciliar o estudo e o trabalho, na maioria das vezes precário, com a militância.

Outro ponto que nos chamou a atenção foi o envolvimento no movimento visto como algo que dificulta a realização de projetos pessoais. O que, resulta, em alguns períodos de afastamento, como vemos no relato abaixo:

Sei que alguns anda[m] reclamando que ando meio sumido, mas é a Faculdade e **tenho reservado um tempo para cuidar de mim. Estava esquecendo que também sou ser humano** (Fernando, mensagem e-grupos fojuve, dezembro de 06).

A afirmação de Fernando de que “estava esquecendo que também sou ser humano” e que, por isso, “tenho reservado um tempo para cuidar de mim” nos chama a atenção para o fato de que a participação em movimentos sociais, na luta por um mundo melhor, parece trazer, muitas vezes, angústias na realização de projetos pessoais, para além da participação no movimento.

A dedicação ao Fórum tem um peso significativo no tempo dos(as) jovens, em virtude das demandas de reuniões, de seminários, de viagens, de atividades a serem realizadas. O que resulta no adiamento ou no comprometimento das atividades pessoais, principalmente, ligadas aos estudos. Mas também acabam afastando muito os(as) jovens da família e dos(as) amigos(as) da comunidade.

Recordamo-nos que em muitas discussões sobre a militância junto a jovens, ligados aos movimentos e técnicos de ONGs, uma das principais questões levantadas referia-se à necessidade de conciliarmos a rotina de luta por um mundo melhor com as necessidades pessoais, como família, filhos(as) e projetos individuais.

Por outro lado, os sonhos e as lutas na construção de um presente e de um “futuro melhor para a geração de seus filhos”⁷⁵ encontram obstáculos na concretização dos resultados.

Muitos são os investimentos de energia, tempo, dinheiro para quem participa de um movimento social e, aqui, especificamente do *Fórum das Juventudes*, não é diferente. Mas, ao final, quais são os resultados? Quais as conquistas do ponto de vista de mudanças na estrutura da sociedade? Da construção de um mundo melhor, do ponto de vista dos movimentos sociais? São muitos os questionamentos do *Fórum das Juventudes* sobre suas lutas. Consideramos que a mensagem enviada por Marcela, expressa bem essa angústia:

Companheiros e Companheiras de Luta. Como estão todos nesse mundo capitalista? Eu não estou bem, mas o problema não [sou] eu, e sim o mundo. Desde do dia 7 de setembro não consigo dormir a me questionar sobre a nossas lutas e até agora poucas respostas consegui encontra[r] para interrogações que não me deixa[m] descansar. **As novelas se repetem ir a um palestra, encontro, seminário ou conferencia e o mesmo texto escutar, todas as falas se repete[m]: "Eu não sou jovem, mas já fui e conheço esse universo." Claro nunca fica, qual concepção que estas figuras que só faz nos consultar tem do que [é] ser jovem?** As perguntas sempre são as mesmas, nunca conseguirmos avança[r] parece que isso tudo nunca vai acabar e as respostas vão se repetindo, e no meio de tudo isso a gente ainda [é] visto como festa show, como pessoas só a consultar. Urgente[!] Precisamos mudar estes capítulos e estratégias de ação buscar, não acredito mais no só dialogar, sei da importância do diálogo entre as diversas juventudes[,] que [é] necessário nos conhecermos, saber dos nossos sonhos, desejos e anseios, porém eu não quero mais só isso. Sei muito bem da importância desse momento, mas são tantos os documentos construídos porque não juntar e começar a analisar. Eu não quero passar mais tempo em seminários e em oficinas construindo coisas que já foi, precisamos avança dar um pulo, somos muitos estamos muito bem articulados **por que não começarmos a nos movimentarmos de uma forma**

⁷⁵ FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE. Projeto Juventude é atitude! Qual é a sua? Recife, 2003.

mais forte que dê impacto a essa historia? Estamos caminhando, mas no quase parando. Vamos fazer protestos, não cada um isolado vamos nos articular em todo Brasil nossas ações começar. Digo isso porque vejo que agora não dá mais só pra tá esperando dialogar, precisamos nos movimentar mostra a cara e se necessário ir para porrada. se não for assim não vejo outro jeito, eu particularmente desisto, não quero mais me trancar dia e noite na sala de seminário desses para construir coisas que não vão caminhar (Marcela, mensagem e-grupos fojuve, setembro de 04).

É interessante registrarmos que essa mensagem é enviada no período de maior atuação do *Fórum das Juventudes* e dos movimentos juvenis, em geral, diante das pautas, propostas tanto pela sociedade civil como pelo Estado, voltadas para as Políticas de Juventude. Neste contexto, muitos seminários, reuniões e documentos foram realizados e construídos, gerando uma intensa demanda dos jovens e instituições que trabalhavam com jovens.

O e-mail de Marcela, surge no meio da discussão de construção da *Plataforma Política do Fórum das Juventudes*⁷⁶, em 2004, questionando sobre os resultados e os impactos causados a partir de suas lutas. A articulação e o diálogo com os movimentos juvenis, e as atividades de “formação” começam a ser questionadas pela sua capacidade de produzir resultados para além do movimento.

O discurso de que é preciso “mostrar a cara e se necessário ir para porrada”, “vamos fazer protestos, não cada um isolado”, como também a desistência em trancar-se “dia e noite na sala de seminário desses para construir coisas que não vão caminhar” nos faz recordar das estratégias utilizadas pelos movimentos sociais, nas décadas anteriores, de mobilização nas ruas, de enfrentamento com a polícia.

Estratégias consideradas, durante muito tempo, como as únicas utilizadas pelos movimentos sociais, possíveis de conquistar ganhos significativos para a mudança da sociedade, exemplificadas no fim da ditadura militar, na década de 1980 e no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, em 1990.

⁷⁶ Durante o processo eleitoral municipal, em 2004, o Fórum das Juventudes Recife/PE, em parceria com outros movimentos juvenis e instituições, construíram a Plataforma Política do Fórum das Juventudes, que foi entregue aos candidatos à Prefeitura do Recife.

Apesar do discurso de que, atualmente, diferentes são as formas e possibilidades de organizações e estratégias de luta utilizadas pelos movimentos sociais, em especial, pelos movimentos juvenis, encontradas tanto na literatura como nas narrativas dos(as) jovens, ainda há uma tendência a considerar o formato de luta dos movimentos juvenis das décadas de 1960 e 1970, como modelo, e como capazes de causar resultados mais visíveis.

A estratégia do “diálogo” dos movimentos sociais, apesar de não invalidar os conflitos, trabalhada no capítulo 2 desta dissertação, também é considerada como insuficiente.

A distância entre os ideais, os sonhos, a energia de quem faz parte do *Fórum das Juventudes* e os resultados alcançados constituem-se, pois, em uma das dificuldades, apresentadas pelos(as) jovens e um elemento que tem um grande peso na decisão entre “continuar ou abandonar a luta”.

Foram muitos(as) os(as) jovens que conhecemos, que participavam do FJR, ou mesmo, das articulações dos movimentos juvenis na Região Metropolitana do Recife, que não apenas saíram dos movimentos, mas como abandonaram a luta direta.

Mendonça (2008) ao analisar o discurso dos(as) jovens que fazem parte do MAB- Movimento de Adolescentes do Brasil, traz a reflexão de que os ex-ativistas são tratados pelos(as) jovens que continuam participando com ambigüidade. Se, por um lado, o consideram como “fracos” por não ter suportado as dificuldades, abandonando a causa, por outro, trazem referências destas pessoas como capazes de desistir de algo em que não acreditavam mais.

No FJR, isso é algo que também parece acontecer. Em alguns momentos, ouvimos críticas ao abandono de alguns jovens do movimento e, em outros, referência aos que saíram com saudosismo.

4.4.3. A falta de estrutura do Fórum das Juventudes Recife/PE

O formato adotado pelo *Fórum das Juventudes*, aberto e não institucionalizado representa tanto uma proposta alternativa aos modelos de organização coletiva, como também apresenta algumas dificuldades,

principalmente, no que diz respeito ao seu funcionamento, como: a falta de um local próprio para as reuniões, a ausência de estrutura, como equipamentos, telefone, computadores apresentam-se como limites para a comunicação interna do movimento, para a articulação com outros movimentos sociais e a mobilização dos(as) jovens.

No que se refere à falta de estrutura e equipamentos, dependendo das parcerias estabelecidas, o Fórum consegue amenizar ou até mesmo resolver esses problemas, mas de forma momentânea.

Em dois momentos da história do *Fórum das Juventudes* estas questões parecem ser resolvidas: o primeiro momento foi durante o *Pró-Fórum*, onde os(as) jovens utilizavam-se da estrutura do *Departamento de Animação Cultural e Desportiva da Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife*, e do Projeto Redes e Juventudes. O que foi perdido com o rompimento com as instituições e adultos, no segundo período da história do movimento, descrito no capítulo anterior.

O segundo momento foi durante a *Casa da Juventude*, na primeira versão do *Consórcio Social da Juventude*, em 2005, onde os(as) jovens utilizavam o espaço da Casa para realizar reuniões e fazer as mobilizações.

Com o fechamento da Casa para grupos e movimentos juvenis, a partir da segunda versão do CSJ, o *Fórum das Juventudes* ficou novamente sem um espaço permanente de reuniões e estruturas necessárias para andamento de suas demandas e atividades.

Esta dificuldade, no entanto, não se restringe ao movimento juvenil. Muitos movimentos sociais, principalmente, os que apresentam mais uma composição de baixa renda, sofrem com a falta de estrutura.

A alternativa para estes movimentos tem sido a utilização dos espaços e equipamentos das instituições de assessoria. No caso do Fórum, são estabelecidas parcerias com algumas instituições e pessoas que possibilitam amenizar os problemas:

Eu percebo que o Fórum mesmo tem uma grande rede de pessoas que já fizeram parte do Fórum, que estão em diferentes organizações aqui da cidade, **que isso abre até algumas portas pro Fórum continuar existindo, já que o Fórum não tem sede, o Fórum não tem sala, então realmente é usada essa rede das organizações pra continuar, pra ter reunião, pra pegar o telefone e ligar pra**

fulaninho que participou de determinados eventos. Então é essa articulação com outras instituições que mantém o Fórum vivo ainda hoje (Lara).

Como relatado por Lara, é a rede de parceiros do Fórum, formada por jovens, educadores(as) e instituições, que mantém uma relação próxima com o movimento, que contribui para amenizar as dificuldades de estrutura e contribuir com a dinâmica do movimento. Ressaltamos, porém, que as parcerias também são momentâneas, dependendo das relações e das pessoas que se encontram nestes lugares.

Os motivos das saídas e ausências dos(as) jovens do Fórum, ou mesmo, a “circularidade” dos(as) integrantes foram temas trabalhados anteriormente, neste mesmo capítulo. Como resultado disto, identificamos as seguintes dificuldades:

Foi avaliado o Fórum como disperso, sem comunicação efetiva, sem acompanhamento dos grupos de trabalho pela comissão gestora, sem referência de um espaço físico para atividades, falta de apropriação de alguns membros do Fórum, grande rotatividade de membros (a maior parte tem que se dividir entre outras atividades), a falta de cumprimento das tarefas encaminhadas aos grupos de trabalho (sobrecarregando assim alguns) (Mirela, mensagem e-grupos junho de 04⁷⁷).

As questões apresentadas na avaliação do Fórum, em 2004, como a dispersão, a grande rotatividade de membros resultando na falta de apropriação de muitos(as) jovens e de cumprimento das atividades planejadas estão presentes em toda a trajetória do movimento. Nos documentos que tivemos acesso que falavam sobre as avaliações do movimento, estas questões sempre apareciam, mesmo que, dependendo do momento, tivessem menor peso. Vejamos algumas narrativas:

Por ele ser esse espaço aberto e amplo, ele tem esse problema: que ora ele tá lotadão, ora ele está vazio e ora ele vai [es]ta[r] na pindaíba⁷⁸: vai acabar, vai acabar, vai acabar e quando todo mundo pensa que ele acabou, ele volta forte. Então ele tem muito esse problema (Fernando).

⁷⁷ Relatório da reunião de avaliação do Fórum das Juventudes Recife/PE, em 2004.

⁷⁸ Pindaíba: sem nenhum, a zero (FERREIRA, Aurélio (2004). Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa- versão eletrônica. Positivo Informática)

E aí com o tempo, eu fui percebendo que o Fórum ele é de tempo, né. Tem tempo que tem muita gente indo, tem muita gente nova, que vai num dia e aí volta e passa um tempo pra se apropriar do Fórum. Como também nessa época que eu ia pro Fórum e aí com o tempo eu descobri que quando tem evento é o tempo que as pessoas chegam mais junto e eu fui acompanhando essas reuniões. Eu me lembro que tinha algumas que só tinha eu, Ou, só tinha uns gatos pingados na reunião do Fórum das Juventudes do Recife, sabe. **Então essa idéia de que às vezes o Fórum ta cheio e às vezes o Fórum ta esvaziado eu só fui aprendendo com o passar do processo** (Lara).

(...) queria entender aquelas reuniões do Fórum, onde valia muito pelo encontro das pessoas, as conversas de bastidores, algumas ações coletivas, **o comprometimento de alguns e o descomprometimento de outros, gente que há meses não aparecia, os meninos que iam pela primeira vez e nunca mais voltava[m]... só se reúnem pra festa, só se reúnem pra viagens, reuniões lotadas, todo mundo quer viajar e isso é legítimo também...** (...) Lembro de um dia que alguém bem antigo do Fórum disse: **"o Fórum é isso mesmo, gente chegando, gente saindo, a gente faz as coisas organizadas, outras não, às vezes tem um monte de gente, às vezes quando mais precisamos não temos ninguém, mas eu adoro isso!"** (Mirela, mensagem e-grupos fojuve, maio de 05).

Apesar dos momentos de “circularidade” dos(as) membros(as) do Fórum e das dificuldades que isso provoca, os(as) jovens relatam como um aprendizado, entender que o “Fórum é de tempo” e que isso é algo “natural”, “normal” da história do movimento.

Os momentos em que “todo mundo pensa que ele vai acabar” e que “ele volta forte” parece ser considerado por Fernando, como a “mágica” e o “fascínio” do Fórum.

Por outro lado, nos leva a pensar no momento atual do *Fórum das Juventudes* e da sua relação com as expectativas para sua criação e organização.

Como falamos anteriormente, em agosto de 2008, o Fórum decidiu suspender suas atividades, em virtude da evasão de seus membros. Segundo Marcos, “o Fórum existia fora das reuniões, mas nas reuniões não tinha ninguém (...) não chegava nem a quatro pessoas presentes⁷⁹”.

⁷⁹ Notas Diário de Campo, 14.08.08.

Recordamo-nos que antes dessa decisão do Fórum, muitas pessoas com quem conversamos falavam sobre as dificuldades vividas pelo movimento, mas a divulgação desta decisão nas redes virtuais, causou uma grande polêmica e surpresa, mesmo para os(as) que consideravam que “o Fórum estava morto⁸⁰”.

Na reunião da *Roda de Diálogo sobre Juventude e Políticas Públicas*, em agosto de 2008, onde discutiu-se sobre as dificuldades de articulação juvenil em torno das PPJ e da capacidade de enfrentamento político das redes e fóruns de juventude, a principal questão discutida foi sobre esta parada do Fórum. O que foi considerada uma perda, diante do momento político de construção das Políticas de Juventude no estado, e que é resultado também da luta do Fórum.

Isso nos leva a alguns questionamentos que, diante dos objetivos desta dissertação, não temos a pretensão de explorá-los, mas que indicam a necessidade de aprofundar estas questões em outras pesquisas: Qual o significado dos grupos e movimentos juvenis, em especial, do Fórum das Juventudes para os(as) adultos e instituições?

Assim como Gohn (2004), consideramos que os momentos de fluxo e refluxo são mais freqüentes do que se imagina. Isso não significa que são coisas “naturais”, mas são resultado de dinâmicas internas (questões pessoais dos(as) jovens, crises do movimento) e externas (conjuntura política, econômica e social do país e do mundo). No entanto, as crises internas de um movimento podem, inclusive, expressar a busca da renovação, de adaptação à conjuntura e reposicionamento frente às mudanças na sociedade.

4.5. As conquistas do Fórum das Juventudes Recife/PE

Ao analisarmos a história do FJR, observamos que duas conquistas se destacam, sendo que uma delas é voltada ao movimento, e a outra, com uma dimensão maior, enquanto conquista e ganho da juventude brasileira.

⁸⁰ Notas Diário de Campo, 05.02.08.

Com relação à primeira conquista que destacamos como sendo do Fórum, ressaltamos que ela é resultado de uma luta travada interna e externamente durante grande parte da trajetória do movimento e com diferentes sujeitos, a saber: a organização do *Fórum das Juventudes* como espaço autônomo de organização coletiva dos(as) jovens.

A busca pela autonomia, bandeira de luta principal do movimento, foi conquistada diante das relações de poder vivenciadas com o Estado, com as ONGs, com os movimentos sociais, com os movimentos estudantis e político-partidários, com os(as) adultos. Por isso, quando questionado sobre as conquistas do movimento, Fernando afirma com segurança: “As conquistas? O Fórum hoje ser autônomo. É uma das maiores conquistas que a gente conseguiu”.

Essa autonomia conquistada é expressa pela capacidade do movimento de diálogo e articulação com movimentos sociais, Estado, ONGs, movimentos juvenis, enquanto sujeito político nos espaços de disputa e de negociação política.

Registramos que isso não significa a anulação das relações de poder e a inexistência de conflitos entre o Fórum e aqueles sujeitos. Mas, apesar disso, os(as) jovens conseguem se posicionar, falar e atuar sem estar atrelado a nenhuma instituição, ou mesmo, entrar na disputa política de forma mais independente.

Esta conquista resultou ainda no reconhecimento do Fórum como uma “organização autônoma da juventude e de uma construção coletiva” (Fernando) em nível nacional: “O único Fórum do Brasil a ter uma cara mesmo de juventudes, sabe?, Tem várias juventudes” (Ricardo).

Pelo processo de criação e organização do *Fórum das Juventudes*, e por ter sido um dos primeiros fóruns de juventude do país, sua experiência serviu de modelo e inspiração para outros fóruns e grupos juvenis, ainda que em moldes diferentes, como afirma Lara:

O Fórum hoje ele tem uma grande representatividade, seja municipal, seja estadual, seja nacional assim. É uma experiência que outros estrados, outros municípios usaram para criar outros fóruns. O Fórum foi um dos primeiros aqui do Brasil, do Nordeste.

E essa representatividade não só serviu como exemplo para outros fóruns e grupos juvenis, mas também, resultou no reconhecimento diante do Estado e dos movimentos sociais, sendo chamado constantemente para discutir, falar e representar a juventude, ainda que o Fórum se posicione contrário a essa representação⁸¹.

Já a segunda conquista, como dissemos anteriormente, não se restringe ao movimento. É resultado de uma luta mais ampla de diferentes jovens, grupos e movimentos juvenis, pela visibilidade da temática juventude no âmbito do Estado.

Conquista visível na criação de estruturas e órgãos governamentais voltados para a juventude, como secretarias, coordenadorias e gerências de juventude⁸²; das instâncias de discussão política sobre juventude, como as Conferências e os Conselhos⁸³; na criação de grandes programas e ações voltados para os(as) jovens, dentre os quais destacamos o ProJovem⁸⁴ e o PRONASCI⁸⁵.

Registramos que com a criação do Sistema Nacional de Juventude, pela Secretaria Nacional de Juventude, os estados e municípios, a partir de dezembro de 2009, só poderão acessar os recursos do Fundo Nacional de Juventude se tiverem órgãos gestores específicos para a juventude e

⁸¹ Notas Diário de Campo, 07.11.07

⁸² Destacamos a criação da Secretaria Nacional de Juventude (2005), da Secretaria Especial de Juventude e Emprego de Pernambuco (2007), e da Gerência de Juventude (2006), ligada a Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura do Recife.

⁸³ Conselho Nacional de Juventude (2005) e Conselho Estadual de Políticas Públicas de Juventude (2008); Conferências Nacionais de Juventude, sendo duas delas organizadas pela CEJUVENT (2004 e 2005), e outra pelo Conselho Nacional de Juventude (2008); Conferência Estadual de Juventude (2008) e Conferência Municipal de Juventude (2007).

⁸⁴ O ProJovem- Programa Integrado de Juventude, é voltado para jovens, que estão fora da escola e do mercado de trabalho. Após a sua reestruturação, em 2007, o programa integrou seis programas existentes: Agente Jovem, Saberes da Terra, ProJovem, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica. Funciona nas modalidades: ProJovem Adolescente, ProJovem Urbano, ProJovem Campo e ProJovem Trabalhador. Sua meta é atender 4,2 milhões de jovens até 2010. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/programas>, acessado em 14.11.08.

⁸⁵ O PRONASCI- Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania é voltado para enfrentamento da criminalidade no país, a partir da articulação de ações sociais, priorizando a prevenção das causas que levam à violência, somando as ações de repressão e de segurança pública. Um de seus públicos principais, são os(as) jovens, na faixa etária dos 15 aos 24 anos, que se encontram em situação de vulnerabilidade social, os egressos do sistema prisional e os reservistas do Exército. Pernambuco é um dos estados que participam do programa, em virtude dos índices de criminalidade e violência. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJE24D0EE7ITEMIDAF1131EAD238415B96108A0B8A0E7398PTBRIE.htm>, acessado em 14.11.08.

instâncias de participação política, como os Conselhos⁸⁶. O que indica que, nos próximos anos, o número de órgãos governamentais e instâncias de discussão com a sociedade civil devem aumentar significativamente⁸⁷.

A importância da atuação do Fórum, neste sentido, se dá, principalmente, pela articulação junto a diferentes grupos, movimentos e instituições em nível local e nacional, que pautando as necessidades, demandas, expectativas e propostas da juventude da periferia, conseguiu:

(...) dar visibilidade a discussão de políticas públicas de juventude e mostrar que o assunto é pauta de diversos movimentos juvenis e segmentos juvenis, dos jovens que [estão] lá na igreja, que faz[em] teatro, dança, poesia..e não só do movimento estudantil e partidário, e melhor ainda fazer essa diversidade de ser e estar jovem, dialogar e pensar conjuntamente essa discussão na cidade (Marcela).

De fato, a principal conquista do *Fórum das Juventudes* e de movimentos juvenis semelhantes, é a visibilidade das juventudes das classes de baixa renda, dos(as) jovens que estão nas comunidades, nas igrejas, nos terreiros, nas ONGs, que utilizam a cultura para se expressar e problematizar suas questões (Abramo, 2003). E isso tudo como resultado de uma articulação, do diálogo e da luta conjunta destas juventudes.

4.6 A relação do Fórum das Juventudes Recife/PE com outros atores sociais

4.6.1. Com jovens “não organizados”

A preocupação do *Fórum das Juventudes* em aglutinar mais jovens, chegar mais perto dos(as) jovens que estão nas comunidades, parece ser uma constante na trajetória do movimento.

⁸⁶ CONJUVE. 1ª Conferência Nacional de Juventude. Caderno de resoluções. Brasília, 2008.

⁸⁷ Só em 2008, foram criados ao todo 140 novos órgãos governamentais voltados para a juventude, no âmbito municipal, em todo país, em virtude do processo da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Neste processo, existia a possibilidade da realização de Conferências Municipais Eletivas e da escolha de delegados(as) diretos para a etapa nacional. No entanto, a realização destas eram condicionadas à existência formal de órgão institucional específico para a juventude no município (CONJUVE. 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude: Levante sua bandeira! Caderno de Resoluções. 2008).

Tanto nas entrevistas, nos relatórios das reuniões a que tivemos acesso, e nas mensagens do Fórum virtual, os(as) jovens discutem a necessidade de envolver outros(as) jovens no Fórum. Seguem alguns relatos:

(...) sobre muitas organizações e pessoas não participarem mais do Fórum, **e aí penso que talvez fosse interessante uma campanha de mobilização para aglutinação inclusive de novos atores, divulgar mais o que é o Fórum junto as escolas, nas comunidades, ampliar cada vez mais o espaço de diálogo e os atores, para que o Fórum caminhe em busca de uma legitimidade quando se pensar em um "canal" de diálogo com a juventude** (Mirela, mensagem e-grupos fojuve, junho de 05).

Pra que outros indivíduos, outros jovens, esses jovens que não tem dinheiro pra vir pra reunião, já que a gente tem alguma alternativa que pode vir, por que a gente não ir pra lá? Quer dizer, o Fórum vem exercendo essa função também. Em fazer uma reunião no Grupo Queimados, lá na Várzea, uma reunião do Fórum numa rádio comunitária. É quer dizer, claro! São indivíduos que foram, assim por exemplo, nessa experiência da rádio comunitária foram indivíduos que foram, mas ele fazem parte daquele espaço. Quer dizer, pra mim é muito mais importante ir lá, divulgar mesmo, o Fórum ta fazendo um debate, divulgar na imprensa. O Fórum vai ter uma visão, né pra outras caras, que são as caras desses jovens que não estão contemplados por a gente estar nesse espaço mesmo. Ou não, pode até ser ou não contemplados, marcados pra fazer isso. Mas pra mim é muito mais importante aquele jovem que não vem pra porra nenhuma. O palavrão faz parte também porque identifica muito mais do que não veio em nada. Eu venho me preocupando muito com isso, também é um momento que eu to vivendo mais as coisas da comunidade, indo pra festa de pagode, indo pra festa de brega, porque eu preciso saber! Por que eu assisto Malhação⁸⁸? Porque eu preciso saber o que a porcaria de Malhação fala. Eu sei, aí eu vou fazer o que eu escuto dos outros, mas eu tô escutando e tô vendo, aí tenho auto-afirmação pra falar sobre aquilo. E aí dessas coisas. E a galera tá unida, cara, sabe?! A galera tá unida lá no conjunto da igreja, cantando maravilhosamente, sabe? (...) buscar esses jovens é muito mais importante, divulgar isso, sabe? Você divulgando, você indo lá próximo, é muito mais. Essa é uma questão que o Fórum sempre levanta, sempre questiona, até por essa participação dentro do Fórum. Mas isso não só vem do Fórum, mas nas redes de jovens, redes sociais, movimentos sociais (Ricardo)

⁸⁸ O Programa Malhação é um seriado brasileiro, exibido pela Rede Globo de Televisão, desde 24 de abril de 1995, voltado, prioritariamente, para o segmento juvenil. Informações encontradas em: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1625329-influencia-programa-malha%C3%A7%C3%A3o-na-forma%C3%A7%C3%A3o/>, acessado em 14.11.08.

Como podemos observar, o FJR reconhece a organização dos(as) jovens na comunidade, muito ligados(as) aos grupos da igreja, de músicas (brega, forró, hip hop, funk, dentre outros), de cultura, de esportes. No entanto, a preocupação que demonstram é de envolver, de construir um espaço e estratégias que possibilitem a articulação entre estes jovens⁸⁹.

E, diante das dificuldades vivenciadas pelos(as) jovens das comunidades, na luta pela sobrevivência e pela falta de dinheiro para as passagens, as estratégias construídas se voltavam para a ida do Fórum às comunidades, às escolas, como afirma Mirela. Assim como, diante das necessidades dos grupos juvenis, o Fórum contribui e fortalece suas lutas.

Mas a preocupação maior parece ser com os(as) jovens que não participam de nada, como afirma Ricardo, que não têm informação sobre o “que se está discutindo sobre a juventude” (Priscila)⁹⁰, sobre as políticas de juventude. O que gera a seguinte preocupação:

Como a gente leva essas informações para a galera da comunidade se apropriar? Precisamos levantar material do governo sobre PPJ e mapear as comunidades para discutirmos as ações do governo. **Os jovens que estão lá, não sabem o que está acontecendo.** O material e discussões do e-grupos⁹¹ não é repassado nas comunidades. A idéia é que a comunidade tenha informações e saber como acessa aos programas do governo (Marcos)⁹².

A conquista da visibilidade da juventude da periferia por parte do Estado e da sociedade, ainda que necessite de muitos outros ajustes, precisa ser acompanhado por estes jovens. As discussões e materiais produzidos sobre a juventude, assim como as informações e acesso aos programas governamentais, precisam chegar à ponta, e essa responsabilidade é assumida pelos(as) jovens como tarefa do Fórum. O que é expresso na *Carta de Princípios* (2003), onde o Fórum se propõe a :

⁸⁹ Preocupação expressa também nos projetos construídos pelo Fórum, que prevêm o estímulo à inclusão de outros jovens no movimento: Projeto Fórum das Juventudes (2003).

⁹⁰ Notas Diário de Campo, 07.11.07

⁹¹ Fórum virtual do Fórum das Juventudes Recife/PE

⁹² Notas Diário de Campo, 07.11.07

Ser um espaço, autogerido, de ação, apoio e de interação entre as juventudes, organizações juvenis e comunitárias a respeito dos assuntos referentes à juventude, trocando experiências e aprendizagens para discutir, propor e interferir nas políticas públicas (p.1).

Mas, apesar da mobilização, da divulgação do *Fórum das Juventudes* e das atividades realizadas junto aos jovens, Fernando considera como um desafio a apropriação dos(as) jovens do espaço do FJR:

E um dos problemas é como fazer com que a juventude se aproprie, toda essa juventude, mas uma coisa mais plural e mais ampla, se aproprie desse espaço, porque uma coisa que a gente percebe é que a juventude não conseguiu se apropriar desses espaços. É uma coisa que ainda o Fórum não conseguiu refletir, o Fórum não conseguiu, isso continua sendo um desafio pra ele, um desafio enorme de fazer com que a juventude se reconheça dentro desse espaço, que não se sinta representada, porque essa nunca foi a intenção do Fórum, representar a juventude de Pernambuco, ou representar a juventude de Recife, essa nunca foi a intenção do Fórum. Mas com que a juventude passe a se reconhecer dentro daquele espaço, passe a perceber que aquele espaço é da gente, que esse espaço é da gente (Fernando).

Desde o início do processo de construção do movimento, a articulação das juventudes, “que se posicione, se coloque de pé” (Veloso, 2003) foi colocada como um sonho a ser perseguido e construído. Os(as) jovens parecem assumir esse sonho: da construção de um espaço legítimo e reconhecido pelas juventudes.

Por outro lado, na relação com os(as) jovens das comunidades, os(as) jovens do Fórum parecem se posicionar ainda com dificuldades, no sentido de aceitar os posicionamentos daqueles(as):

Então, pra mim é muito mais isso, a gente pegar pessoas que nunca vieram, mas que também é muito difícil e que pra gente, **nós temos uma dificuldade imensa: ouvir as pessoas que nunca discutiram aquele assunto. (...) Mas o que faz que isso seja uma dificuldade do Fórum, não só do Fórum, mas do movimento, dos movimentos em geral. (...) Muitas vezes a gente busca esses jovens pra esse espaço, mas a gente reproduz uma coisa que a gente quer quebrar, que tem que ser daquela forma.** Agora por trás, nós temos que quebrar outra coisa: essa reprodução das bostas que a gente tem que quebrar, e aí continua a mesma coisa, só faz mudar o nome, a linguagem, a forma (Ricardo).

Desta forma, percebemos que existe a dificuldade de ouvir e respeitar o posicionamento do(as) jovens que “nunca discutiram aquele assunto”, considerados como “não politizados”. Prática que não se restringe ao Fórum, como lembra bem Ricardo, mas se amplia para os movimentos sociais.

Ao falar sobre os(as) jovens que não participam de movimentos sociais, os(as) jovens do MAB- Movimento de Adolescentes do Brasil, que participaram da pesquisa realizada por Mendonça (2008), sobre as práticas discursivas sobre a participação juvenil, os(as) jovens não organizados são apresentados como “não-politizados, alienados, descansados, submissos”, significando que “além de um olhar que desqualifica, há um posicionamento desses como opositores daqueles” (p.83).

O que Mendonça (2008) chama atenção é o fato de que até então, os opositores dos(as) jovens pareciam incluir apenas uma perspectiva intergeracional, contudo, conclui que:

(...) em nosso estudo, encontramos jovens que fazem referências a outros jovens com a mesma faixa etária, que compartilham de desejos e dificuldades comuns, que são vizinhos, colegas de escola, com quem se relacionam de alguma forma, mas que são agora também indicados como seus opositores (p.83).

Em nossa pesquisa, contudo, identificamos que a oposição entre jovens integrantes do *Fórum das Juventudes* e jovens “não-organizados” estão apoiadas na reprodução das relações vividas entre educador- educando, explícita na necessidade, destacada por Marco⁹³s, de realizar oficinas de formação com os(as) jovens das comunidades.

A “conscientização”, o “outro olhar para o mundo”, “o respeito à diversidade” considerados como algumas das mudanças na vida dos(as) jovens, que participam do Fórum, nos parece ser o que os(as) motiva a criar as condições e buscar que os(as) jovens das comunidades também desfrutem destas mudanças. Ainda que o respeito às diferenças encontre os limites do conhecimento.

⁹³ Notas Diário de Campo, 13.08.08

Acompanhando a trajetória de alguns jovens do Fórum, percebemos mudanças significativas também em seus projetos de vida. Hoje, encontramos jovens que estão cursando ensino superior, ainda que em faculdades particulares, e trabalhando como educadores(as), em espaços do governo e em organizações não-governamentais.

O que nos permite inserir mais um elemento que contribui com a diversidade de vivências juvenis, colocadas por Groppo (2000) e Novaes (2003), a participação ou não em movimentos sociais.

4.6.2. Com outras expressões do Movimento Juvenil

O *Fórum das Juventudes Recife/PE* mantém estreita relação com vários movimentos juvenis. As articulações e mobilizações voltadas para uma atuação mais forte nas Políticas Públicas de Juventude, tiveram como um dos resultados o fortalecimento de relações de parcerias e criação de redes virtuais que possibilitam a relação entre os movimentos.

No entanto, destacamos que essa relação de parceria se dá entre o Fórum e movimentos juvenis mais ligados às comunidades, à cultura, ao esporte. A relação com movimentos juvenis mais tradicionais, como o movimento estudantil e a juventude político-partidário é, na maioria das vezes, tensa e conflituosa.

Ressaltamos, porém, que para o FJR, essa relação não é considerada algo natural. Em muitos momentos, os(as) jovens trazem para a discussão no movimento sobre essa relação com os movimentos estudantis e político-partidários, colocado como desafio, como podemos observar no relato abaixo:

E dialogar com a juventude partidária, isso ainda é um desafio enorme pra gente. Embora que a gente consiga dialogar com gestores de várias siglas partidárias, mas ainda não consegue dialogar com as juventudes, este outro ator político. Não é que a gente não reconheça, a gente reconhece, mas é que a gente não consegue dialogar. Um exemplo foi a Conferência Nacional⁹⁴ [de Juventude] que houve, que a gente percebeu que a gente não consegue dialogar; o processo dos fóruns⁹⁵ que aconteceu aqui no estado e lá em Salvador, a gente percebeu isso novamente que a

⁹⁴ Realizada, em 2004, pela CEJUVENT

⁹⁵ Fórum Social Brasileiro, em Recife (2006) e Fórum Social Nordestino, em Salvador (2007)

gente não consegue dialogar com essa juventude, que **sempre quando a gente senta na mesma roda é cacete, é briga, então isso tudo pra gente é um desafio. Mas dialogar sabendo o local onde a gente tá e o local onde eles estão.** Então esse é um dos maiores entraves da gente (Fernando).

O diálogo e a relação com o diferente buscada pelos movimentos sociais, em geral, tem um limite diante das posturas ideológicas e políticas conflitivas, como afirma Sherer-Warren (1999). No caso, do Fórum, mesmo reconhecendo a importância do movimento estudantil e político-partidário no cenário político do país, e a necessidade de diálogo entre os mesmos, sabe-se que existe o limite diante dos projetos políticos defendidos. Por isso, que Fernando fala sobre a importância do diálogo, mas ressaltando que é preciso saber “o local onde a gente tá e o local onde eles estão”.

Nesta relação entre o Fórum e os movimentos juvenis, gostaríamos de destacar a experiência da construção do Ato Público: *Todas as ruas têm a nossa cara.*

A *Roda Permanente de Diálogo sobre Juventude e Políticas Públicas* organizou, em 2005, uma discussão com o tema: *Diálogo entre as Juventudes. É possível?*, com o objetivo de juntar jovens, ligados a diferentes movimentos juvenis, que atuam na cidade do Recife, para refletir e discutir sobre as possibilidades de articulação mais sólidas.

Diante da necessidade de que aquela discussão:

(...) ultrapassasse as paredes(...), que pudesse atingir a outras pessoas/jovens que estão para além desse espaço... ir para rua, fazer um grande círculo na Conde da Boa Vista, e as pessoas iriam ver e se questionar o que era aquilo...(Mirela, mensagem e-grupos fojuve, julho de 05)

Teve início um processo de construção para um Ato Público⁹⁶:

Resumidamente ficou o entendimento de que seria o momento dos diversos grupos de jovens, que realizam suas atividades e querem continuar realizando essas atividades com êxito, esses diversos grupos **ocupariam a rua em um Ato Público pra dizer o que querem, mas trazendo para construção desse momento sua**

⁹⁶ Ressaltamos que o Ato Público não foi uma atividade da Roda de Diálogo. Apesar de ter sido fruto de uma discussão da Roda, sua organização foi resultado do trabalho e da discussão de diversos jovens e movimentos juvenis, inclusive do Fórum das Juventudes Recife/PE.

realidade e necessidades. Um Ato lúdico e com espaço para as mais variadas participações (Mirela, mensagem e-grupos fojuve, 07.05).

Esse ato lúdico tinha como proposta, mais do que ocupar às ruas da cidade, a perspectiva era de dar visibilidade às diversas expressões de atuação e organização juvenil.

Mas, não interessava apenas a manifestação. Os(as) jovens defendiam que o Ato tinha que ser construído de forma coletiva entre os diversos movimentos. Desta forma, foi realizado um processo de mobilização, discussão e organização do ato, tendo como espaço de referência a *Casa da Juventude do Consórcio Social da Juventude*.

Durante as reuniões e através das redes virtuais do Fórum das Juventudes, da Roda de Diálogo e do Projeto Redes e Juventudes, muitas discussões surgiram sobre a relação com os movimentos juvenis, como vemos nos trechos das mensagens abaixo:

Mas, caros e caras, tenho uma preocupação... Será que estamos mesmo de coração e cabeça aberta para aceitarmos o diverso? Para discutir e construir com pessoas que não fazem parte do nosso círculo de amizades e do nosso cotidiano e que tem práticas diferentes da nossa e dos grupos/organização/movimento em que estamos inseridos, mesmo que sejam práticas eficazes ou não, coerentes ou não, corretas ou não? Existe explicação pra tudo e óticas diferentes, não é verdade? Mas existem muitas verdades também... (Raquel, mensagem e-grupos fojuve, julho de 05).

Alguns defendiam que os partidos não levassem suas bandeiras...e outros então se posicionaram dizendo que a bandeira do partido também era um ideal....O que estávamos querendo? Não é justamente o diálogo com o diverso? Somos capazes disso?...Oportunistas existem sim, caberia a uma direção nata que o Ato venha a ter, fazer o diálogo, trazer para o bom senso...**O tambor do Maracatu é uma bandeira pra muitos, se eu não gostar de Maracatu, então não vai ter tambor de Maracatu?...Só não é legal deixar quem não trabalhou pelo Ato chegar lá e colocar suas bandeiras... Mas é um risco, e que pode fugir do nosso controle, quem vai controlar uma invasão de 40 "bandeiras surpresas"?** ...Se for pra dizer pra juventude partidária não trazer bandeiras, então é melhor não convidá-los...vamos trabalhar quantitativos de bandeira, mesmo assim não garantimos que uns não tragam mais do que os outros...vamos construir uma

imensa bandeira do Ato Público! **Bem gente, parece que a discussão por mais que tentamos não se encerra. Às vezes penso que tem coisas, "preconceitos" que carregamos e não queremos abrir mão disso e não estamos dispostos a mudar, a diminuir a diferença. Não estou falando de união dos opostos, que fique bem claro, mas eu estou querendo falar de tudo aquilo que colocamos em nosso discurso: uma juventude diversa, com suas próprias práticas e objetivos, mas enfim uma juventude!** Eu sinceramente, não quero afinar conceitos agora pra esse Ato Público, **acho que o objetivo do Ato é bem mais claro e fácil: eu sou mulher, você é negro, ela é branca, eu sou mangue, sou gay também, tu é bi, eles são Karl Marx, temos bandeiras vermelhas e maracatu também, uso "tachinhas" e eles também de vez em quando, vamos dançar ao som de Mozart... e um fim, que lembro ser emocionante a subjetividade do ser e suas necessidades enquanto seres humanos vivos nesse contexto, e aí amigos somos uma bolhinha/bolinha só nesse sistema.** Vamos nos movimentar!!! (Mirela, mensagem e-grupos fojuve, julho de 05).

As reflexões trazidas por Raquel e Mirela sobre a diversidade, o diálogo, a articulação entre as juventudes nos ajudam a entender que a construção de uma esfera democrática, da quebra de estereótipos, de preconceitos passa pelos questionamentos de nossas crenças, do que consideramos como "nossas verdades", mas também pelas relações que estabelecemos com outras pessoas, com outros movimentos.

Em 22 de outubro de 2005, os(as) jovens se reúnem nas ruas da cidade do Recife, com o slogan: *Todas as ruas têm a nossa cara*. Foram muitas e variadas apresentações: rodas de capoeira, mostra de fotografias, faixas, cartazes, apresentação de grupos de maracatu, de rock. O que contribui para a visibilidades das questões dos movimentos, mas também possibilitou a construção e o fortalecimento do imaginário, das utopias, das crenças dos movimentos sociais, a partir do uso das palavras de ordem, das bandeiras, das músicas, das danças e manifestações artísticas (Scherer-Warren, 1999).

4. 6.3. Com outros Movimentos Sociais

No que se refere à relação do FJR com movimentos sociais, podemos afirmar que ela é permeada por tensões e disputas políticas. Apesar do discurso de muitos movimentos sociais do respeito às diferenças e de relações

mais horizontais, ainda vivenciam-se relações de poder e de disputas internas e na relação entre eles. Consideramos, contudo, que isso não significa a distância entre a teoria e a prática, mas que a construção de um outro mundo e desta esfera pública democrática é um processo, que vai sendo construído na prática, na negociação, na luta.

No caso, da juventude isso não é diferente. As relações de poder intergeracionais e a reprodução de estereótipos e preconceitos no que se refere à juventude são reproduzidos também por muitos movimentos, como nos disse Fernando:

Muitos movimentos falam do diálogo inter, da juventude como protagonista, a juventude como protagonista, protagonista, protagonista, protagonista, mas há um preconceito geracional muito grande. Quando se fala em um jovem assumindo um status de liderança, que eu não gosto muito dessa palavra, mas de liderar alguma ação, algum movimento, todo mundo diz: não, não pode porque ele é jovem, ele é inseqüente, ele é irresponsável, e isso é um preconceito. O Fórum tem lutado bastante contra isso. **O Fórum tem colocado que isso é uma reprodução do sistema vigente, porque o sistema diz que o jovem é um produto de consumo, ele é um produto de consumo e ele é irresponsável. E os movimentos terminam repetindo isso novamente. Ele é apenas um público-alvo e é um ser irresponsável.** Então o Fórum tem pautado isso bastante .

A luta do *Fórum das Juventudes* pela quebra de estereótipos e pela mudança cultural da visão do(a) jovem é vivenciada também na relação com os movimentos sociais. Fernando nos fala que apesar do discurso de reconhecimento de uma juventude protagonista, nas relações estabelecidas com os(as) jovens, os movimentos tendem a reproduzir os estereótipos de uma juventude irresponsável.

Como falamos no capítulo 2, mesmo nos movimentos que constam de um grande número de jovens, a estes(as) cabe, na maioria da vezes, compor as bases e se preparar para assumir os cargos de dirigentes, quando forem adultos(as).

No entanto, o Fórum, em muitos momentos, trouxe a discussão da juventude autônoma e protagonista pra dentro dos movimentos. Isso se deu de duas formas: a primeira, através da construção de laços e da participação nas redes de movimentos sociais; e uma outra forma, foi de que os(as) jovens entrarem nos espaços para disputar cargos dirigentes de alguns movimentos.

No caso da participação nas redes de movimentos sociais, destacamos a experiência do processo de construção do Fórum Social Brasileiro, realizado, em 2006, no Recife, onde os(as) jovens brigaram com a comissão organizadora, dizendo que “a juventude não quer ficar no alternativo, a gente quer ficar na grade oficial, a gente quer que a juventude seja pautada nesse projeto de desenvolvimento do Nordeste” (Fernando). Como resultado, o Fórum, junto com outros movimentos juvenis, participou da comissão organizadora não apenas deste FSB, mas também do Fórum Social Nordestino, realizado na Bahia, em 2006.

No caso da entrada nos movimentos sociais, destacamos a participação dos(as) jovens nas Associações de Moradores, onde dois dos(as) jovens que integram o Fórum conseguiram se eleger como presidentes das associações de suas respectivas comunidades.

Só que isso tem gerado dilemas por causa dessa história dos conflitos, porque nesses espaços não são permitido a entrada de jovens. Um exemplo é o PREZEIS⁹⁷, o PREZEIS de Recife. Há muito tempo que eles dizem que estão dialogando com a gente, só que a gente nunca vê esse diálogo de abrir um setorial de juventude dentro do Fórum PREZEIS. **Só que esse diálogo os caras não abrem porque aquele espaço é deles, acham que é deles mesmo e cabousse e não abrem pro diálogo pra gente não. E a relação que a gente tem com eles é bastante conflituosa** (Fernando).

Em muitos movimentos sociais, principalmente, os considerados tradicionais, é possível encontrarmos líderes e dirigentes considerados referência. Nestes, muitas são as dificuldades e os limites impostos para a entrada de novas pessoas que tenham interesse em entrar na disputa pela direção do movimento, e o PREZEIS é um exemplo disto.

Mas, apesar dos conflitos, o *Fórum das Juventudes* conquistou o reconhecimento, como falamos anteriormente, diante dos movimentos sociais, sendo chamados, em alguns momentos, para contribuir com as lutas destes movimentos, ou mesmo, para participar de discussões políticas sobre a sociedade, como é o caso da construção da plataforma política dos movimentos sociais.

⁹⁷ O Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social foi criado no Recife, em 1987, pelo movimento popular, tendo como objetivo a regularização urbanística e fundiária das Zonas Especiais de Interesse Social (Amorim & Albuquerque, 2003).

4.6.4. Com as Organizações Não Governamentais

Assim como na relação com muitos movimentos sociais, as Organizações Não Governamentais têm exercido, na maioria dos casos, o papel de assessorias aos movimentos juvenis.

De acordo com Gohn (2004), as assessorias aos movimentos sociais compõem o princípio articulatório interno do movimento. Mas, enquanto elemento externo, “agrega-se ao movimento em algumas de suas etapas” (p.257). Sua força dependerá do tempo de articulação e se fez parte de sua gênese constitutiva.

A relação do Fórum com as ONGs talvez seja a mais complexa. Como muitos(as) dos(as) jovens que integram o movimento foram alunos(as) dos projetos sociais destas ONGs e da relação de amizade construída com alguns educadores(as), encontramos tensões entre os(as) próprios(as) jovens, como vemos no discurso de Fernando:

Agora com as ONGs, às vezes é conflituosa e às vezes, é pacífica. E às vezes, é uma relação de parceria. Tem várias ONGs que hoje a gente considera como parceiras nossa, embora que a gente não tem isso escrito, documentado, mas a gente considera como parceiras, mas ao mesmo tempo é conflituosa. Porque essa história de consórcio e sei lá o quê dessas ONGs tarem executando programas governamentais, só que a gente entende que a gente tá lá pra fiscalizar, só que elas ainda não perceberam isso. Quando a gente começa a falar, aí começa a repreender a gente. Quando a gente “arriou o meio” (sic) na Casa da Juventude, no Consórcio que vários jovens do Fórum escreveram textos e lá vai, questionaram um monte de coisas e lá vai, isso teve bastante conflito (...). E a gente tava lá pra fiscalizar. Se existiam metas, essas metas tinham que ser cumpridas. E ainda mais pegaram um sonho da gente: que era a história da casa da juventude. Que aquela idéia, aquele sonho foi um sonho que o Fórum sonhou. E quando a gente viu aquele sonho sendo deturpado, a gente não concordou. Então veio muito o sentimento de pertencimento. Então, quando os jovens do Consórcio não quisessem pertencer, não tivessem aquele sentimento de pertencimento, o Fórum tinha porque aquilo foi uma idéia do Fórum, um sonho do Fórum.

Essa relação, ora de parceria, ora conflituosa, expressa por Fernando, tem uma trajetória na relação com o movimento. Dos quais destacamos cinco momentos: No primeiro, no período do *Pró-Fórum*, as ONGs participaram do

processo de criação do movimento e se posicionavam como qualquer outro(a) integrante. Com a construção da *Carta de Princípios* do movimento, às instituições coube o papel de “parceiras”, mas, desde que fossem solicitadas. Mas, a partir da articulação para construção de políticas de juventude, principalmente, em 2004, uma relação estreita foi vivenciada entre o Fórum e as instituições. O que foi quebrado no período do *Consórcio Social da Juventude*, a partir das tensões da *Ouvidoria Jovem* e *Casa da Juventude*, quando teve destaque um momento de crise e de rompimento com algumas das ONGs. E, o último momento, vivenciado a partir de 2006, é marcado pela preocupação das instituições com os rumos e o futuro do Fórum, mas, por outro lado, pela compreensão de que é preciso investir na formação política de outros(as) jovens.

A ABONG⁹⁸ refletindo sobre as ações das organizações e movimentos da sociedade civil, realizadas junto aos jovens, levanta a seguinte questão:

Muitas vezes entendemos – ou desentendemos – a juventude sob a ótica restritiva da proteção, aqui colocada em dois sentidos: protegê-los(as) ou proteger a sociedade deles(as). Em ambas as situações, pouco tematizamos sobre o fato de que essa proteção se pauta também por relações de poder, sendo nós, os(as) adultos(as), o lado da relação que detém a autoridade e os privilégios. Reconhecer esta relação de poder implica ouvir os(as) jovens como sujeitos sociais e políticos, que podem falar – e falam – em seu próprio nome, e construir ações e políticas com eles(as) – e não apenas para eles(as) (ABONG, 2004, p. 1).

De fato, é preciso não esquecer das relações de poder que permeiam o diálogo entre adultos(as) e jovens, entre educadores(as) e educandos(as), entre ONGs e movimentos juvenis. Consideramos, assim como a ABONG, que reconhecer isso é um dos passos fundamentais para estabelecer relações mais horizontais.

⁹⁸ Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais

4.6.5. Com o Estado

Assim como com as ONGs, a relação com o Estado ora foi de parceria, ora de conflito. Na maioria das vezes, o Estado foi considerado comopositor pelo movimento no processo de construção das políticas de juventude.

Gohn (2004) diz que “os opositores de um movimento social são sempre os sujeitos que detêm o poder sobre o bem demandado” (p.262), o que não significa que esses opositores sejam antagônicos aos movimentos:

Não se trata de ser contra ou a favor da entidade que detém a posse, a propriedade ou o controle do bem demandado. Trata-se de se opor àqueles sujeitos, no que se refere exclusivamente ao bem demandado. Por isso, a negociação, a troca, a barganha estão sempre presentes no processo (p. 262, 263).

Como no processo de construção das PPJ, o Estado foi quem deteve o poder de decisão, embora, sabemos que muitas das definições e decisões políticas, ocorram fora da esfera de negociação com a sociedade civil, o *Fórum das Juventudes*, em alguns momentos partiu para o conflito, como no caso dos protestos contra o aumento das passagens, da *Casa da Juventude*; e, em outros, utilizou a estratégia do diálogo, da negociação, a exemplo destacamos a participação na construção do *Festival da Juventude de Pernambuco* (2006), na gestão de Jarbas Vasconcelos (1999-2006).

Inclusive a relação com o Estado foi uma das pautas da reunião temática, de agosto de 2005, com o tema: *Juventude e Governo se misturam?* onde estiveram presentes representantes do Estado, no que diz respeito à *Comissão de Juventude da Câmara de Vereadores do Recife*, da Secretaria de Desenvolvimento Social do Governo do Estado, responsável pelo Festival da Juventude; e do Orçamento Participativo da Juventude da Prefeitura do Recife.

Eis o resumo da discussão, retirada do e-grupos fojuve:

As intervenções foram bem bacana[s], desde se ver a juventude como sendo só estudantes (uma visão clara de como se dá o Festival da Juventude), de se misturar a utilização dos termos adolescência e juventude, de se construir coletivamente os espaços e as mobilizações, a questão da visão servidor e servo... **O governo e a prefeitura precisa muito de nós... E há a necessidade de se ter um diálogo principalmente com o Gov. do Estado** (Sandra, mensagem e-grupos fojuve, maio de 05).

Como podemos observar as discussões giraram em torno da priorização dos(as) estudantes quando se fala em juventude, da relação entre os termos adolescência e juventude, da abertura para a participação dos(as) jovens, não apenas, nas atividades do governo, mas também para a construção conjunta dos espaços e atividades.

Mas uma questão nos chamou atenção, a afirmação de que: “O governo e a prefeitura precisa muito de nós... E há a necessidade de se ter um diálogo principalmente com o Governo do Estado”. Ao que levantamos as seguintes questões: Como os(as) jovens entendem o Estado? O Estado precisa dos(as) jovens pra quê? Será que os(as) jovens reconhecem as disputas que existem nas estruturas do Estado?

Sabemos, como falamos anteriormente, que o diálogo e a negociação fazem parte do processo de luta dos movimentos sociais. No entanto, a abertura dos espaços de participação e de diálogo com a sociedade civil, pelo Estado, principalmente, com as gestões consideradas de esquerda, parece ter fragilizado os movimentos.

O *Fórum Nacional de Participação Popular nas Administrações Democráticas e Populares* traz a seguinte reflexão sobre os movimentos sociais, que pode nos ajudar a entender este momento do FJR com o Estado:

Em relação à sociedade, com a convocação a sua participação nas decisões colocou-se a nu as virtudes e fragilidades existentes na sua organização. Os movimentos sociais organizados não conseguiram, de início, na sua maioria, avançar muito além da apresentação de demandas e reivindicações e têm dificuldades para ocupar e disputar hegemonia nos múltiplos espaços criados.⁹⁹

Podemos afirmar que o *Fórum das Juventudes*, assim como outros movimentos juvenis tiveram importante atuação no processo de construção das Políticas Públicas de Juventude, apresentando demandas e reivindicações, a partir da experiência de construção coletiva e na perspectiva de inserir questões amplas que respondessem às necessidades da diversidade juvenil.

⁹⁹ FÓRUM DE PARTICIPAÇÃO POPULAR. Participação Popular: um sonho possível. Fórum de Participação Popular nas Administrações Democráticas e Populares, 1991.

Com a criação dos órgãos governamentais voltados para a juventude, dos espaços de diálogo com a sociedade civil e dos programas implementados pelo Estado, parece ocorrer o refluxo e a crise de alguns movimentos juvenis, dos quais, destacamos o Fórum.

Reconhecemos, no entanto, que a preocupação de manter a autonomia diante do Estado e a discussão de estratégias de monitoramento e controle das PPJ é uma constante no FJR, embora tenham se posicionado contrários à participação nos conselhos de juventude:

Importante montar estratégia de acompanhamento. Não podemos nos privar do processo. Nós, enquanto movimento juvenil, não podemos fazer isso, jamais! Mesmo que enquanto indivíduos, discordemos. Temos que estar no espaço, não para fazer massa, mas para mudar a situação. O governo tem que se adequar á vontade da sociedade civil e, não, a sociedade civil se adequar à vontade do governo (Priscila)¹⁰⁰.

Não vejo que o Fórum está se afastando, ele está assumindo posturas de discussões anteriores. O Fórum enviou, no começo do ano, uma proposta de reformulação do Conselho Nacional de Juventude, mesmo sendo contra o Conselho, por isso não pleitearam vaga, mas mandaram a contribuição. O Fórum tem posição e publicizou essa posição enviando a carta ao conselho. Seria contraditório se tivessem pleiteado vaga (Fernando)¹⁰¹.

(...) é preciso resgatar o que construímos e posicionamentos enquanto Fórum. Vejam o que um pingou provocou no oceano: o Fórum foi o único movimento juvenil do Brasil a enviar proposta para a reformulação do Conselho Nacional de Juventude. Isso fez com que o Secretário Adjunto da Secretaria Nacional de Juventude fizesse uma proposta contrária para que o Conselho votasse contra, e assim foi feito. Nem os movimentos juvenis que estavam no conselho discutiram, na verdade acordos políticos já haviam sido feitos. Isso não impediu de acompanhar (Marcos)¹⁰².

Desta forma, vemos que há um posicionamento político do Fórum diante dos espaços de participação da juventude, criados pelo Estado. No caso do Conselho Nacional de Juventude, ele foi criado, com caráter consultivo e os(as)

¹⁰⁰ Notas Diário de Campo, 06.11.07

¹⁰¹ Notas Diário de Campo, 06.11.07

¹⁰² Notas Diário de Campo, 06.11.07

conselheiros(as) da sociedade civil, indicados pelo governo¹⁰³, onde o Fórum se coloca contrário a esse modelo.

Esse posicionamento é motivado pela idéia de que:

O Estado conseguiu fazer isso, conseguiu engessar a agenda do movimento com suas conferências, com suas pautas: vamos construir juntos, vamos governar juntos, e o movimento ainda não percebeu que a gente não governa, quem governa é que tá lá, quem foi eleito pelo povo. A gente não governa, a gente fiscaliza (Fernando).

O engessamento dos movimentos pelo Estado, diante das agendas de discussão da PPJ, considerado por Fernando, fez com que os movimentos assumissem um dos papéis atribuídos ao Estado. O que fez com que o Fórum deixasse de “discutir coisas pertinentes a gente e que faziam o Fórum se movimentar¹⁰⁴” (Fernando), o que foi considerado como um dos motivos do refluxo do Fórum.

4.7. O significado do Fórum para os(as) jovens

Depois de termos obtido informações sobre o movimento e ter analisado seu processo de criação e organização, sentimos a necessidade de compreender o significado e a importância do *Fórum das Juventudes* para os(as) jovens.

Ricardo, ao definir o que é o Fórum, faz a seguinte afirmação:

E aí o Fórum é meio um espaço onde a gente conversa, onde a gente se encontra, é aonde a gente divide nossos anseios e faz com que esses anseios a gente possa minimizar esses anseios que a gente tem, que são anseios da ponta, de lá de onde a gente mora. E a gente se encontrando, traz uma coisa de coletividade. **Então o Fórum pra mim, é isso: um espaço onde a gente se encontra pra dividir os anseios e tentar resolvê-los, unindo forças e especificidades da nossa cidade**, da Região Metropolitana, já que o Fórum é Recife e RMR.

¹⁰³ A composição do CONJUVE se dá da seguinte forma: 20 representantes do poder público, oriundos de ministérios que desenvolvem ações para a juventude, representantes do Fórum de Gestores Estaduais, da Frente Parlamentar de Políticas de Juventude e das entidades municipalistas; e de 40 representantes da sociedade civil, sendo formados por movimentos sociais, redes de jovens, organizações não-governamentais que trabalham com jovens e de especialistas. Disponível em <http://www.juventude.gov.br>, acesso em 08.11.08.

¹⁰⁴ Notas Diário de Campo 07.11.07

Desta forma, um dos significados do Fórum na vida dos(as) jovens constitui-se em ser um espaço que possibilita o encontro, o compartilhamento de anseios e dificuldades, a busca por soluções para os problemas comuns e, que permite a “troca de experiências, apoio mútuo e aprendizagens, além da reafirmação da identidade e de novas formas de se organizar”¹⁰⁵.

A importância do movimento encontra-se, pois, na possibilidade de construção de uma “identidade coletiva e uma visão de mundo conciliada a um projeto pessoal de vida”, assim como na “busca de soluções para suas questões e para o desenvolvimento de ações coletivas” (Abramo, 2003, p. 24).

A construção desta identidade coletiva é reforçada pela formação política que a participação no movimento possibilita, o que faz com que o Fórum seja considerado como “um processo de formação contínua” (Fernando).

Essa formação resulta tanto na mudança na forma de ver o mundo, na relação com as pessoas, no respeito à diversidade, expressos por Fernando, Marcela, Ricardo; como na conquistas de espaços políticos pelos(as) jovens:

Teve a história do Fórum que o Fórum colocou muita gente no mundo, né. Não foi bem uma atividade propriamente dita, mas o Fórum colocou várias pessoas no mundo, formou várias pessoas. Hoje temos gente trabalhando como gestores que foram pessoas que passaram no Fórum, passaram por aquele processo de formação dentro do Fórum. **Que o Fórum é um processo de formação contínua.** Temos gestores, temos jovens que são educadores de ONGs, temos jovens que procuraram outros ares para o mundo, então teve essa história da formação (Fernando).

Essa declaração de que o Fórum “formou, colocou várias pessoas no mundo”, é compartilhada pelo educador Eduardo que diz que, nos espaços de negociação política, principalmente, os(as) jovens se destacam pela capacidade de aglutinar e de construir de forma mais coletiva e democrática.

Além disso, o Fórum representa um lugar onde os(as) jovens constroem laços de amizade e de companheirismo, como podemos ver nestas mensagens:

¹⁰⁵ FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE. Projeto Fórum das Juventudes. Recife, 2004.

Bem estou aqui escrevendo para agradecer a cada um de vocês e a Deus por eu ter vocês em minha vida. Mas um ano se passou e cada vez mais percebo que o maior bem que tenho não é dinheiro ou muito menos está contido em jóias ou pedras preciosas, são as pessoas que de alguma forma ou de outra fazem parte da minha, apesar dos KM de distância que nos separam ou as vezes a ter metros, mas fazem parte de minha vida. Obrigado por tudo que são e representam em minha vida meus amigos (Fernando, mensagem e-grupos fojuve, outubro de 06).

(...) lembro que o Fórum tinha um lance maior de afetividade, era tão bom sentir um ao outro, tinha as danças de Carlos, a poesia e criticidade de Anderson, a euforia de Lúcio, a porralouquice de Fernando de achar que tudo dava pra fazer, eram coisas pessoais, características pessoais, que faziam do Fórum um espaço muitíssimo especial. Mas acho que tinha algo por trás disso, que era a vontade de ver aquele espaço acontecendo, crescendo, O FÓRUM, tipo de espaço plural, informal até onde fosse possível, mas um espaço em construção permanente. Acho que é preciso correr atrás dessa magia da vontade de querer estar junto não apenas por causa das rotinas obrigatórias das reuniões, dos relatórios que precisam ser feitos... talvez uma reunião pra falar de nada, só da vida (o que já é bastante coisa), no mínimo ajudaria a fortalecer laços, ajudaria a entender as dificuldades um do outro (Mirela, mensagem e-grupos fojuve, dezembro de 06)

A partir da identificação das necessidades e dos sonhos comuns, os(as) jovens encontram e constroem no Fórum amigos(as), parceiros(as), ainda que vivenciem os conflitos nas relações interpessoais. As características pessoais dos(as) jovens são destacadas como uma das coisas que faz com que o Fórum seja um “espaço muitíssimo especial”.

E é essa “magia” do Fórum, enquanto um espaço de formação, de compartilhamento das lutas, das dificuldades, dos sonho, que faz com que ele esteja “sempre aberto para novas e velhas paixões”, como diz Mirela (mensagem e-grupos fojuve, maio de 05).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

***Só o que sonhamos, é o que
verdadeiramente somos, porque o mais,
por estar realizado, pertence ao mundo e
a toda gente.
Fernando Pessoa***

Ao término desta dissertação, nossa sensação é a de que ainda há um longo caminho a trilhar, ainda há muito que conversar, que ouvir, que analisar sobre as juventudes e seus movimentos. Mas, é preciso encerrar esta etapa, fechar este ciclo, como nos lembra Cordeiro (2004).

Revisitando nossos objetivos, nos propomos a compreender o processo de organização e atuação do movimento juvenil no Recife, a partir da experiência do *Fórum das Juventudes Recife/PE*. Assim como, buscamos analisar o discurso dos(as) jovens sobre o movimento, e conhecer sua dinâmica de funcionamento e atuação.

Para isto, em um primeiro momento, procuramos entender o que os estudos falavam sobre juventude, sua atuação política e sobre o movimento juvenil, relacionando-os com os estudos sobre os movimentos sociais contemporâneos.

No que diz respeito à juventude, o conceito ainda é entendido como “fase de transição” para a vida adulta e limitado à caracterização dos(as) jovens das classes média e alta. Bem como, a atuação política e a organização do movimento juvenil, formado por jovens destas classes e nos modelos tradicionais, como o movimento estudantil e político-partidário, é tomada como modelo para outras gerações e para os(as) jovens de outras classes sociais.

Mesmo reconhecendo que, atualmente, os movimentos sociais tem se organizado para além das classes sociais, como adverte Gohn (2004), consideramos que na análise do *Fórum das Juventudes Recife/PE*, a classe social se torna elemento importante para entendermos sua organização, suas dificuldades, suas dinâmicas.

Desta forma, inserimos no debate a organização e atuação do movimento juvenil, formado por jovens das classes de baixa renda do Recife, visando contribuir na ampliação da visão e do conhecimento sobre a atuação do movimento juvenil. Entendendo que a juventude é uma concepção, uma representação e uma criação simbólica, criada pelos grupos sociais, assim como uma situação social vivida em comum por certos indivíduos, como afirma Groppo (2000).

Quanto à pesquisa, procuramos nos deter, inicialmente, no registro da história do movimento, tendo como base as entrevistas, realizadas com jovens e educadores(as), mensagens do Fórum virtual e documentos produzidos pelo movimento. E, em seguida, analisamos o discurso dos(as) jovens, sobre o funcionamento e a dinâmica de atuação do Fórum.

A análise deste movimento nos trouxe algumas descobertas:

No processo de organização e funcionamento do movimento, a relação de poder inter-geracional nos parece ser a questão essencial. Em toda a sua trajetória, os(as) jovens precisaram negociar com os(as) adultos(as), tanto do ponto de vista interno quanto na relação com outras instituições, sobre suas decisões referentes ao movimento, assim como, nesta relação, lutam pela autonomia e pelo reconhecimento dela.

O que nos possibilita concluir que o movimento juvenil, hoje, no seu processo de organização e atuação, tem como principal luta o reconhecimento enquanto sujeito político, por parte dos outros movimentos juvenis, movimentos sociais, Estado e família.

Ao dizer isto, não significa que não reconhecemos a importância dos(as) educadores(as), ou mesmo, que os(as) consideramos(as) como “os bandidos da história”. No entanto, compreendemos que a democratização da esfera pública passa, necessariamente, pela democratização e horizontalidade das relações sociais, nas quais, se inserem também entre adultos(as) e jovens, entre pais e filhos(as), entre educadores(as) e educandos(as).

Reconhecer a existência destas relações de poder e refletir sobre as possibilidades de construção de outro tipo de relação entre jovens e adultos(as), pensamos ser este, o primeiro passo.

Uma segunda descoberta, refere-se à importância do movimento para a vida dos(as) jovens. Os discursos sobre o Fórum, geralmente, são entusiasmados e carregados de emoção, mesmo por aqueles(as) que saíram. O que nos permite concluir que o *Fórum das Juventudes Recife/PE* significa, para os(as) jovens, mais do que um espaço político de atuação. É um espaço que oportuniza a socialização de suas experiências, o compartilhamento de suas dificuldades, dos anseios, sonhos e um lugar para fazer amigos(as). Além de proporcionar mudanças em suas vidas nos seguintes aspectos: na forma de ver o mundo, no relacionamento com as pessoas, no respeito à diversidade, mas, também no aumento de perspectivas, principalmente, ligados aos estudos e ao trabalho.

Sendo assim, entendemos que a participação dos(as) jovens em movimentos sociais imprimem uma vivência que os(as) diferenciam dos(as) jovens “não organizados”, o que nos possibilita inserirmos aos elementos que diferenciam às vivências juvenis, colocadas por Groppo (2000) e Novaes (2003), a participação ou não dos(as) jovens em movimentos sociais.

Essa diferenciação dos(as) jovens que participam de movimentos, imprime também uma nova configuração com os(as) jovens “não-organizados”. Observamos que o *Fórum das Juventudes* reproduz as relações entre educador-educando, no que se refere à necessidade, segundo eles(as), de fazer oficinas para formar politicamente os(as) jovens das comunidades, de contribuir com a educação e “conscientização” dos(as) jovens.

Outra descoberta da pesquisa, diz respeito às dificuldades vivenciadas pelo *Fórum das Juventudes*, enquanto movimento juvenil, e pelos(as) jovens. Identificamos que essas dificuldades são, prioritariamente, de ordem econômica, relacionadas à luta pela sobrevivência, a falta de estrutura física e material. Porém, o discurso dos(as) jovens mantém a responsabilização individual, como se eles(as) fossem culpados por não conseguir conciliar, principalmente, a militância com às necessidades pessoais de sobrevivência.

Sobre o momento atual de interrupção do FJR, consideramos que ele não se restringe ao movimento juvenil. Ao estudarmos sobre os movimentos sociais, observamos que, eles não seguem uma trajetória linear em suas

histórias, e vivenciam momentos de força, de visibilidade, assim como momentos de crise, de reformulação de seus objetivos, de suas práticas.

Abramo (2003) nos fala que:

(...) é importante ver a participação juvenil como um processo em constante movimento: os grupos, organizações e movimentos nascem e morrem, renascem com novos nomes e propostas e nesse contínuo recriar-se vão se constituindo como atores sociais (p. 29)

Por isso, entendemos este momento como algo possível na trajetória de um movimento. E, apesar de considerarmos a importância do *Fórum das Juventudes* para a história de luta dos(as) jovens do país, defendemos que essa interrupção contribui para a reflexão dos(as) jovens sobre “o que querem com o Fórum”, como afirmou Renato.

Sobre as contribuições e vislumbrando novos estudos

Consideramos que este estudo contribui com os estudos sobre movimentos juvenis, principalmente, ao inserir na discussão um tipo de movimento que não se limita ao âmbito da educação e da cultura. Ainda que o *Fórum da Juventudes* tenha a participação de grupos e jovens que trabalhem com estas questões, suas lutas se voltam para o conjunto das necessidades dos(as) jovens, para o reconhecimento de sua importância política, além de se inserir nas lutas dos movimentos sociais pela construção de um mundo melhor.

Assim como, possibilitou o registro da história de um movimento juvenil real, concreto, formado por jovens:

(...) “que não são problemas nem solução”, que vivem seu cotidiano e procuram um espaço, um tempo, uma forma, uma linguagem para expressar seus desejos, suas dores e alegrias, suas demandas e sentimentos, suas diferenças e diversidades, buscando ser ouvidos, ou simplesmente, ser visíveis (Tommasi, 2008, p. 33)

Mas, como dissemos no início, muitas são as questões que ainda precisam ser aprofundadas, discutidas e analisadas. Das quais, destacamos:

Muitos estudos e o próprio Estado, através da Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, definem a juventude como uma fase de transição para a vida adulta. Afirmamos no capítulo 2, com base

em Spósito (2000), que não concordamos com essa idéia. No entanto, consideramos como importante realizar novos estudos que relacionem os elementos definidos para essa transição e as vivências dos(as) jovens das classes de baixa renda. Para os quais levantamos as seguintes questões: Como os(as) jovens pobres vivenciam essa “fase de transição”? De que forma os elementos que caracterizam essa transição aparecem na vida dos(as) jovens pobres?

Uma segunda questão que consideramos que precisa ser melhor investigada, são as relações de poder inter-geracionais, tanto do ponto de vista dos(as) jovens quanto dos(as) adultos(as). A própria conceituação de poder e suas expressões nas relações inter-geracionais são questões que necessitam ser aprofundadas e discutidas.

Por último, identificamos em nossa trajetória profissional e nos estudos sobre movimentos sociais que após as conquistas, principalmente, do ponto de vista legal, é comum ocorrer um refluxo dos movimentos. Essa foi uma questão que identificamos também junto ao movimento juvenil. Goh (2004) nos traz importantes contribuições sobre isto, mas consideramos que é necessário aprofundarmos o conhecimento sobre esse momento dos movimentos.

Os compromissos éticos-políticos estabelecidos

No processo de pesquisa, estabelecemos uma relação de troca com os sujeitos (Neto, 1994, participantes desta pesquisa, como já afirmamos anteriormente. Neste sentido, não tivemos a intenção de “coletar dados”, ou mesmo “descobrir a verdade”, mas dialogar com os(as) jovens e conhecer suas versões, seus posicionamentos, suas narrativas sobre a atuação política destes(as) junto ao *Fórum das Juventudes Recife/PE*.

Assim como, desde o início, nos colocamos interessados em produzir um conhecimento que fosse para além do universo acadêmico, mas que contribuísse com a reflexão dos(as) jovens, do movimento, dos sujeitos que têm acompanhado a trajetória do Fórum, além dos profissionais que trabalham com jovens.

Neste sentido, procuramos informar, freqüentemente, às pessoas que acompanhavam atentas o desenvolvimento da pesquisa, sobre nossos objetivos, nossas decisões, sobre o andamento da pesquisa. Mas não os(as) colocamos apenas no papel de espectadores(as). No período dedicado à análise e finalização da dissertação, procuramos discutir e refletir junto aos jovens, educadores(as) e interessados(as) também sobre nossas análises.

Em muitas situações, confessamos, que, mais do que refletir juntos, tivemos que negociar as visões de mundo (Cordeiro e Cardona, 2006) e procurar entender os posicionamentos e narrativas sobre as temáticas da juventude, do movimento juvenil e, especialmente, do *Fórum das Juventudes*.

Finalizada a dissertação, consideramos que não se encerram os compromissos estabelecidos com os sujeitos pesquisados(as) (Cordeiro, 2004). Desta forma, convidamos, inicialmente, os(as) jovens, educadores(as) e pessoas interessadas, para participar da defesa da dissertação. E, em outro momento, cumprindo o Código de Ética Profissional (1993), nos comprometemos em devolver a informações e apresentar este estudo, prioritariamente, para o *Fórum das Juventudes Recife/PE*, na perspectiva de contribuir com o fortalecimento de seus interesses e refletirmos juntos sobre o movimento juvenil contemporâneo.

FONTES DE PESQUISA

FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE (2003). Carta de Princípios. Recife

FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE (2003). Projeto Juventude é Atitude! Qual é a sua? Recife.

_____ (2003). Relatório reunião temática Plano Nacional e Estatuto da Juventude. Recife.

_____ (2004). Cartilha Juventude é Atitude! Qual é a sua? Recife.

_____ (2004). *Plataforma Política das Juventudes*. Recife: Fórum das Juventudes Recife/PE.

_____ (2004). Projeto Fórum das Juventudes. Recife.

_____ (2004). Relatório da reunião de avaliação. Recife.

_____ (2004). Relatório da reunião de planejamento. Recife.

_____ (2004). Relatório reunião Fórum das Juventudes Recife/PE de 04.05.04. Recife.

_____ (2005). Relatório reunião temática Juventude e Governo se misturam? Recife.

_____ (2008). Carta Aberta. Recife: Fórum das Juventudes Recife/PE.

REFERÊNCIAS

ABAD, M. (2003). Crítica Política das Políticas Públicas de Juventude. In: V. FREITAS, & F. (. PAPA, Políticas Públicas: Juventude em Pauta. São Paulo: Cortez; Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert .

ABONG. (2004). Quem entende as juventudes? Disponível em: http://www2.abong.org.br/final/informes_pag.php?cdm=13921, acesso em 17 de janeiro de 2007.

ABRAMO, H. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação. Número especial: Juventude e Contemporaneidade, n. 5 e n.6, mai/dez. Rio de Janeiro

_____ (2003). Participação e Organizações Juvenis. Coleção Jovens e Juventudes: Contribuições. Recife: Projeto Redes e Juventudes.

_____ (2005). Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: H. ABRAMO, & P. P. BRANCO (Org). Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional (p. 448). São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo.

_____ (2008). A percepção do jovem como sujeito específico ainda está em construção no Brasil e os debates sobre o tema permanecem abertos. Disponível em: <http://verdesocial.blogspot.com/2008/05/percepo-do-jovem-como-sujeito-especifico.html>, acesso em 08 de agosto de 2007.

ALBUQUERQUE, Juliene. T. (2005). Relatório Roda Aberta Permanente de Diálogo sobre Juventudes e Políticas Públicas: Atividades 2005. Recife.

_____ & AMORIM, Anna Karlla. (2003). 15 anos de PREZEIS: O que se fez? Recife: UFPE (TCC).

AMMANN, Safira. B. (1991). Movimentos Sociais: Unidade na Diversidade. Serviço Social e Sociedade, nº 36, ano XII .

ARCE, J. V. (1999). Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: UFRJ.

ARIÉS, P. (1981). História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Guanabara.

BAKHTIN, Michael. (1997). Interação verbal. In: M. BAKHTIN, Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec.

BAUER, M., GASKELL, G., & ALLUM, N. (2002). Qualidade, Quantidade e Interesses do Conhecimento: evitando confusões. In: M. BAUER, & G. GASKELL (Org). Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes.

BELLUZZO, L., & VICTORINO, R. d. (2004). A juventude nos caminhos da ação pública. São Paulo Perspectiva, vol.18, n.4 . São Paulo.

BODGAN, R., & TAYLOR, S. (1980). Introdução aos métodos da pesquisa qualitativa. (Tradução de Tereza Haguete). Fortaleza: (mimeo).

BRENNER, A., LÂNES, P., & CARRANO, P. (s.d.). A arena das políticas públicas de juventude no Brasil: processos sociais e propostas políticas. Disponível em www.iets.org.br, acesso em 08 de março de 2005.

CARMO, P. S. (2001). Juventude no singular e no plural. In: C. ADENAUER, As Caras da Juventude, vol. II, n.6. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer.

CARRANO, P. (2006). Juventude e Participação no Brasil: Interdições e Possibilidades. In: IBASE, Democracia Viva- Especial Juventude e Política. Rio de Janeiro: IBASE.

CEJUVENT. (2003). Plano Nacional de Juventude: Documento para discussão. Brasília: Câmara dos Deputados.

CHIZZOTTI, A. (1998). Pesquisa Qualitativa. In: A. CHIZZOTTI, Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez.

CONJUVE. (2008). 1ª Conferência Nacional de Juventude: Levante sua bandeira. Documento Base . Brasília: CONJUVE.

_____ (2008). 1ª Conferência Nacional de Juventude: Levante sua bandeira. Caderno de Propostas. Brasília: CONJUVE.

CORDEIRO, R. d. (2004). Além das secas e das chuvas: o uso da nomeação mulher trabalhadora rural no Sertão Central de Pernambuco. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia Social).

_____ & CARDONA, Milagros. (2006). Processos de negociação e posicionamentos interativos em pesquisa social. Anais Seminário Internacional Fazendo Gênero: Gênero e Preconceito . Florianópolis: UFSC.

CONSÓRCIO SOCIAL DA JUVENTUDE (2004). Termo de Referência. Ministério do Trabalho e Emprego; Delegacia Regional do Trabalho. Recife.

COSTA, J. F. (2004). Perspectivas da Juventude na Sociedade de Mercado. In: R. NOVAES, & P. VANNUCHI (Org). Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

CUNEGUNDES, M. C. (2004). Juventude, cultura e identidade: os jovens da comunidade de Peixinhos. Recife: UFPE. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

DAYREL, J. (s.d.). O jovem como sujeito social. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/25/juarezdatrellt03.rtf, acesso em 05 de janeiro de 2007

DEBERT, G. G. (2004). As classificações etárias e a juventude como estilo de vida. In: G. G. DEBERT, A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São paulo: Editora USP/FAPESP.

EQUIP. (2002). Festival da Juventude do Nordeste: Protagonismo Juvenil nas Políticas Públicas- Mudanças e Esperanças. Recife: EQUIP.

FERNANDES, M. (s.d.). Sobre qualquer movimento de juventude. Disponível em: <http://www.interagir.org.br/politica/querfalarsobre.dwt>, acesso em 30 de janeiro de 2007.

FERREIRA, Aurélio (2004). Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa- versão eletrônica. Positivo Informática.

FÓRUM DE PARTICIPAÇÃO POPULAR NAS ADMINISTRAÇÕES DEMOCRÁTICAS E POPULARES (1991). Participação Popular: um sonho possível. São Paulo.

FREITAS, M. V., & PAPA, F (Org). (2003). Políticas Públicas: Juventude em pauta. São Paulo: Cortez; Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert.

GASKELL, G. (2002). Entrevistas Individuais e Grupais. In: M. BAUER, & G. GASKELL (Org). Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes.

GILL, R. (2002). Análise de Discurso. In: M. BAUER, & G. GASKELL (Org). Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes.

GOHN, M. d. (2004). Movimentos Sociais e ONGs na era da globalização. In: M. d. GOHN, Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos, 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola.

_____. (2004). O paradigma marxista na análise dos movimentos sociais. In: M. d. GOHN, Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola.

_____. (2004). Uma proposta teórico-metodológica para a análise dos movimentos sociais na América Latina. In: M. d. GOHN, Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola.

_____. (2005). O Protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. Série Questões de Nossa Época, v.123. São Paulo: Cortez.

GONDIM, Marina. (2006). Direitos Humanos e Fórum Social Mundial: desafios e implicações para o exercício profissional do(a) Assistente Social. Recife: UFPE. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)

GRAMSCI, Antônio. (1978). A Ciência Política e o Príncipe Moderno. In: M. FONTES (Org). Antônio Gramsci: obras escolhidas. São Paulo: Novas Direções.

GRAMSCI, Antônio. (2004). A questão dos jovens. In: A. GRAMSCI, Os Intelectuais/ O Princípio Educativo, Jornalismo. Cadernos do Cárcere. vol. 2 (tradução Carlos Nelson Coutinho). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GROPPO, L. A. (2000). Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL.

GRUNPETER, Paula. (2008). A participação dos portadores de transtornos mentais no Movimento de Luta Antimanicomial de Pernambuco. Recife: UFPE. Dissertação (Mestrado em Serviço Social).

HERRERA, R. (2006). Os três tempos de uma revolta francesa. Disponível em: <http://www.resistir.info/inesc>, acesso em 20 de março de 2007.

IANNI, O. (1968). O jovem radical. In: S. BRITTO (Org). Sociologia da Juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

IBASE. (2006). Democracia Viva- Especial Juventude e Política. Rio de Janeiro: IBASE.

IBASE. (2006). Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas. Relatório final. Rio de Janeiro: IBASE; PÓLIS.

JANSEN, Fabiana (2008). Rosas Urbanas Crew: “É tempo de se libertar”. Recife (mimeo)

PROJETO JUVENTUDE (2004). Documento de conclusão. São Paulo: Instituto Cidadania.

KEHL, M. R. (2004). A Juventude como Sintoma de Cultura. In: R. NOVAES, & P. VANNUCHI (Org). Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São paulo: Fundação Perseu Abramo.

LEVI, G., & SCHMITT, J.-C. (Org) (1996). História dos Jovens: da antiguidade à era moderna (Tradução: Cláudio Marcondes; Nilson Moullin, Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras.

LISBOA, Diodonis (2004). Judas. In: FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE. Cartilha Juventude é Atitude! Qual é a sua? Recife.

MACHADO, N. F. (2003). Do matadouro ao nascedouro: a criação de novos espaços de participação juvenil. Recife: UFPE. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

MANFRA, V. M. (2006). Juventude e Políticas Sociais: uma reflexão sobre o governo Lula. X ENPESS .

MARQUES, C. E. (2005). O Fórum de Juventudes (de entidades e movimentos juvenis de Belo Horizonte) e a questão do trabalho em redes: algumas considerações. Anais do 8º Encontro de Extensão da UFMG .

MARTINELLI, M. L. (1999). O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: M. L. MARTINELLI, Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Veras.

MEDRADO, B. (1998). Das representações aos repertórios: uma abordagem construcionista. In: Psicologia e Sociedade, vol. 10, n.1. São Paulo.

MELLUCCI, A. (1995). Juventude, tempo e movimentos sociais (Tradução Angelina Peralva). In: R. B. Educação, Número Especial: Juventude e Contemporaneidade, n.5 e n.6. Rio de Janeiro.

_____ (2001). Para uma teoria dos movimentos sociais. In: A. MELLUCCI, A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas (Tradução Maria do Carmo Alves Bonfim). Petrópolis: Vozes.

MELO, D. C. (2007). Delegacia de Mulheres: Política de enfrentamento e espaço de negociação da violência conjugal. Recife: UFPE. Dissertação (Mestrado em Serviço Social).

MENDES, Rosilda (2000). A emergência dos sujeitos. Disponível em: [http://www.isaude.sp.gov.br/observatorio/Rosilda Mendes.ppt](http://www.isaude.sp.gov.br/observatorio/Rosilda_Mendes.ppt), acesso em 14.11.08.

MENDONÇA, Érika (2008). Entre os prazeres, orgulhos e sacrifícios da ação militante: práticas discursivas sobre participação política juvenil. Recife: UFPE. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social).

MESQUITA, R. (2005). Existe um movimento juvenil? Disponível em: <http://www.igloo.org/politica/existeum>, acesso em 27.01.08.

MESQUITA, R. (2007). Importância de fóruns da juventude para a organização juvenil. Disponível em: <http://www.igloo.org/politica/aimportn>, acesso em 27.01.08.

MINAYO, M. C. (1997). Pesquisa Social. Petrópolis: Vozes.

MISCHE, A. (1997). De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. Revista Brasileira de Educação. Número Especial: Juventude e Contemporaneidade, n.5 e n.6. Rio de Janeiro.

MUXEL, A. (1997). Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem "rótulos". Revista Brasileira de Educação. Número Especial: Juventude e Contemporaneidade, n.5 e n.6. Rio de Janeiro.

NETO, O. (1994). O trabalho de campo como descoberta e criação. In: M. C. MINAYO, Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.

NÓBREGA, T. (2003). Projeto de pesquisa Fórum das Juventudes Recife/PE. Recife: Fórum das Juventudes Recife/PE.

NOVAES, R. (2002). Juventude e Participação Social: apontamentos sobre a reivenção da política. In: H. ABRAMO & M. SPÓSITO (Org). Juventude em debate. São Paulo: Cortez.

_____ (2003). Exclusão e Inclusão Social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: M. V. FREITAS, & F. PAPA (Org). Políticas Públicas: Juventude em Pauta. São Paulo: Cortez; Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert.

_____ (2005). Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: H. ABRAMO & P. P. BRANCO (Org). Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo.

NOVAES, R., & VANNUCHI, P. (Org). (2004). Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

OLÍMPIO, M. (2004). O Marco Legal da Juventude em Processo. Equip (mimeo).

PLANO ESTADUAL DE JUVENTUDE (2008). Versão Preliminar . Recife: Secretaria Especial da Juventude e Emprego; Governo de Pernambuco.

PERALVA, A. (1997). O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. Número especial: Juventude e Contemporaneidade, n.5 e n. 6, mai/dez. Rio de Janeiro.

PORTELLI, H. (1977). Gramsci e o Bloco Histórico (tradução Angelina Peralva). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

RABAT, M. N. (2003). A participação da juventude nos movimentos sociais no Brasil. Disponível em: <http://apache.camara.gov.br/portal/arquivos/Camara/internet/publicacoes/estnottec/pdf/207706.pdf>, acesso em 10.11.2006.

RIBEIRO, R. J. (2003). Política e Juventude: o que fica da energia? In: R. NOVAES, & P. VANNUCCHI (Org). Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo.

RUA, M. d. (1998). As Políticas Públicas e a Juventude dos anos 90. In: CNPD, Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas. Brasília: CNPD.

SCHERER-WARREN, I. (1993). Redes de movimentos: uma perspectiva para os anos 90. In: I. SCHERER-WARREN, Redes de movimentos sociais. São Paulo: Edições Loyola.

_____ (1999). Introdução. In: I. SCHERER-WARREN, Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec.

SECCO, L. (2007). Revolução e Juventude. Disponível em www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/10/397953.shtml, acesso em 17 de janeiro de 2008.

SINGER, P. (2005). A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: H. ABRAMO, & P. P. BRANCO (Org). Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo.

SPINK, M. J., & MENEGON, V. (1998). A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: M. J. SPINK, Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teórico-metodológicas. São Paulo: Cortez.

SPINK, M. J. (2000). A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS, vol.31, nº 1, jan/jul .

_____ (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. Psicologia e Sociedade, vol. 15, nº 2, jul/dez .

_____ (2007). Pesquisando no Cotidiano: recuperando memórias da pesquisa em Psicologia Social. Psicologia e Sociedade, n.1 .

SPÓSITO, M. (2000). A produção do conhecimento sobre juventude na área de educação no Brasil. Disponível em: <http://www.hottopos.com/harvard4/marilia.htm>, acesso em 17 de janeiro de 2007.

_____ (2002). Juventude em debate. São Paulo: Cortez.

_____ (2003). Juventude, Exclusão e Inclusão Social: Aspectos e Controvérsias de um debate em curso. In: M. V. FREITAS, & F. (. PAPA, Políticas Públicas: Juventude em Pauta. São Paulo: Cortez; Ação Educativa/Fundação Friedrich Ebert.

_____ (2003). Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa.

_____ & CARRANO, P. (2003). Juventude e Políticas Públicas no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 24, set-dez .

_____ (2005). Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: H. ABRAMO, & P. BRANCO (Org). REtratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa social. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo.

TOMMASI, L. (s.d.). Dia da juventude ou do jovem? Disponível em www.eloamigo.org.br, acesso em 10.12.2007.

_____ (2004). Um olhar sobre as experiências de políticas públicas de juventude na América Latina. Revista Brasileira de Educação, n.25 .

_____ (2006). Preocupações e polêmicas marcam o direito ao trabalho. In: IBASE, Democracia Viva- Especial Juventude e Política, nº 30. . Rio de Janeiro: IBASE.

TRIVINOS, A. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas.

URRESTI, M. (2000). Paradigmas da Participação Juvenil: um balanço histórico. Buenos Aires: (mimeo).

VALLA, V. V. (1998). Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. Cadernos de Saúde Pública . São Paulo.

VELOSO, Reginaldo (2003). Fórum das Juventudes. In: NÓBREGA, T. (2003). Projeto de pesquisa Fórum das Juventudes Recife/PE. Recife: Fórum das Juventudes Recife/PE.

VENTURI, G., & BOKANY, W. (2005). Maiorias Adaptadas, Minorias Progressistas. In: H. ABRAMO, & P. P. BRANCO (Org). Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo.

WASELFISZ, J. J. (2007). Relatório Desenvolvimento Juvenil 2007. Brasília: Ritla, Instituto Sangari, Ministério da Ciência e Tecnologia.

ZANETI, H. (2001). Juventude e Revolução. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

APÊNDICE



APÊNDICE 01: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Pesquisa Fórum das Juventudes Recife/PE

Roteiro Entrevista

1. Dados pessoais:

- 1.1. Nome
- 1.2. Idade
- 1.3. Sexo
- 1.4. Trabalha? Em que?
- 1.5. Escolaridade
- 1.6. Onde mora?
- 1.7. Há quanto tempo você participa do Fórum?

2. Militância

- 2.1. Como teve início a participação em algum grupo social?
- 2.2. O que o(a) levou a participar? Quais as motivações?
- 2.3. Quais as dificuldades que enfrentou/ enfrentam?
- 2.4. O que mudou na sua vida?

3. Sobre o Fórum

- 3.1. Fale-me sobre o Fórum
- 3.2. Como o Fórum está organizado?
- 3.3. Quais as principais atividades/ ações desenvolvidas?
- 3.4. Quais as dificuldades enfrentadas?
- 3.5. Quais as conquistas?
- 3.5. Pelo quê lutam? Quais as principais lutas? Por quais direitos?
- 3.6. Quais as formas de mobilização?
- 3.7. Qual a relação que vocês estabelecem com outros movimentos sociais?

3.8. E com as ONGs?

3.9 Outras expressões do movimento juvenil?

4. Grupos Juvenis

4.1. Como vê a organização dos jovens pobres da cidade?

4.2. Fale-me sobre o Movimento juvenil no Recife

ANEXOS



ANEXO 01: CARTA DE PRINCÍPIO FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE

CARTA DE PRINCÍPIO¹⁰⁶ FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE

Objetivo Geral

Ser um espaço, autogerido, de ação, apoio e de interação entre as juventudes, organizações juvenis e comunitárias a respeito dos assuntos referentes à juventude, trocando experiências e aprendizagens para discutir, propor e interferir nas políticas públicas.

Objetivos específicos

Possibilitar a formação política de grupos e indivíduos; fiscalizar as propostas, programas e ações de políticas públicas voltadas à juventude, tanto dos gestores governamentais quanto das instituições da sociedade civil; participar como parceiro ou colaborador dessas propostas, projetos e programas; pressionar e contribuir para a criação de formas representativas de poder deliberativo nos governos federal, estadual e municipal; articular todos os grupos, movimentos e instituições que tenham alguma ação com ou voltada para a juventude; ser um espaço para reunir, estimular e fortalecer a participação da juventude na sociedade, para atender mais e mais os nossos anseios

Composição

Os membros do Fórum das Juventudes do Recife/PE são aqueles que se consideram jovens, sem limite de faixa etária, independente de estarem ligados a um movimento ou organização, que se identifiquem com a diversidade e com as causas sociais; pessoas que tenham alguma ligação com ações que promovam um mundo melhor.

Poderão participar também aqueles que não se consideram jovens, como colaboradores ou conselheiros, desde que se identifiquem com as causas sociais e da juventude.

As instituições podem participar como parceiras, quando for solicitado.

A estrutura organizacional do Fórum

Uma organização democrática, onde as lideranças sirvam apenas para a execução de atividades e todos tenham a oportunidade de opinar; uma coordenação exercida por uma comissão eleita periodicamente, composta por pessoas/indivíduos (não instituições) num sistema rotativo, autogerido e interdependente, com tarefas divididas de acordo com as especificidades; que tenham ações práticas e objetivas, que consiga estabelecer parcerias com os governos e com a sociedade civil continuando independente; uma coordenação de jovens que seja responsável pelas atribuições e organização das atividades do Fórum, composta por cinco pessoas que serão eleitas por um período de um ano; a gestão será avaliada no quarto e no oitavo mês a partir da eleição; cada ação será avaliada no encontro posterior à sua execução.

Abrangência geográfica

Recife e Região Metropolitana, contudo, sem impedir a participação e integração de jovens e organizações juvenis de outras localidades.

¹⁰⁶O processo de construção da Carta de Princípios pelos(as) jovens, em 2003, foi responsável pela criação do Fórum das Juventudes Recife/PE, até então, organizado em Pró-Fórum.

ANEXO 02: CARTA ABERTA DO FÓRUM DAS JUVENTUDES RECIFE/PE**CARTA ABERTA**

Recife, 04 de agosto de 2008.

Os nossos sonhos... Maior consciência dos jovens sobre a sua realidade sócio-cultural e política; que a juventude não seja organizada, mas que se organize; que se possam articular as diversas lutas independentes de credo, raça, orientação sexual, religião, sexo, etc; que a juventude acredite num futuro melhor construindo o presente agora, de lutas e contradições; que se possa contribuir para mudar e humanizar as relações de poder; estimular a transformação das relações humanas pela afetividade para que a juventude dos (as) nossos (as) filhos (as) seja melhor.

Nós, do Fórum das Juventudes - Recife vimos através desta, torna[r] público a suspensão das atividades, no período de 3 (três) meses, por motivos internos, dentre eles[,] a evasão e a estagnação de nossas atividades (reuniões, encontros, e outras), retornando com as atividades no dia 2 de novembro 2008 onde faremos um encontro de avaliação de nossas ações, práticas e condutas individuais e coletivas tomando como base e referência a Carta de Princípios do FJR.

Por esse motivo não tem sentido e nem legitimidade quaisquer representação existente ou que venham a existir em nome do FJR nos espaços e estâncias de participação e discussão de políticas públicas de juventude e outras.

Essa decisão foi tomada na última reunião do FJR realizada no dia 01 de agosto de 2008 na sede do MTP (Movimento de Teatro Popular) às 19h localizado no Bairro dos Coelhos, no Prédio do CTC (Centro de Trabalho e Cultura). Onde estiveram presentes membros do FJR, e outras (os) jovens que vinham direta ou indiretamente contribuindo com as reflexões e atividades do Fórum.

Contudo, ressaltamos a importância da manutenção da lista de e-mails, como sendo uma forma de articulação e troca de informações importantes.

Sem mais, nos despedimos temporariamente, esperando o retorno às atividades.

Abraço fraterno e até breve!

Fórum das Juventudes

JUVENTUDE É ATITUDE! QUAL É A SUA?